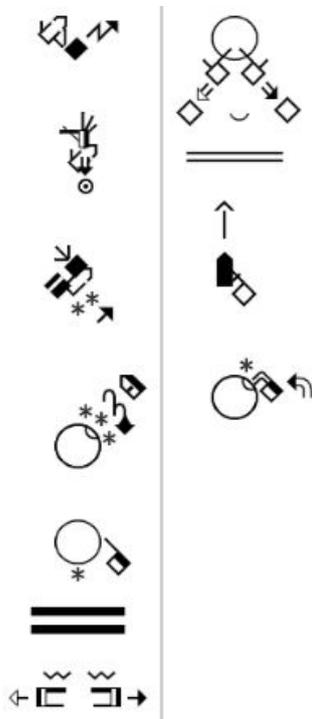




UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JOSÉ SINÉSIO TÔRRES GONÇALVES FILHO

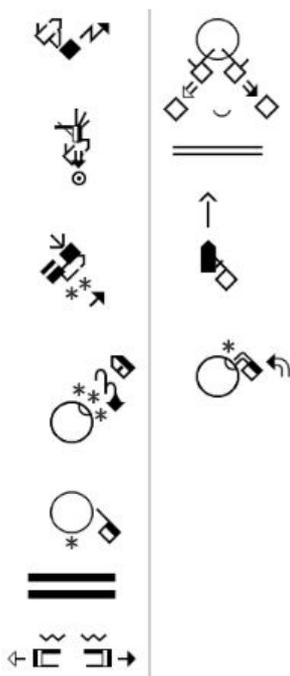
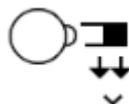


**LEITURA DE TEXTOS EM LIBRAS  
(SIGNWRITING) POR SURDOS ACADÊMICOS:  
CONFORTO LINGUÍSTICO E IDENTIFICAÇÃO  
CULTURAL**

FLORIANÓPOLIS/SC

2023

JOSÉ SINÉSIO TÔRRES GONÇALVES FILHO



**LEITURA DE TEXTOS EM LIBRAS  
(SIGNWRITING) POR SURDOS ACADÊMICOS:  
CONFORTO LINGUÍSTICO E IDENTIFICAÇÃO  
CULTURAL**

Tese apresentada à banca examinadora da Universidade Federal de Santa Catarina como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística. Área de Concentração: Linguística. Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada.

**Orientadora:** Profa. Dra. Marianne Rossi Stumpf



**Coorientador:** Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa



FLORIANÓPOLIS/SC

2023

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

José Sinésio Tôrres Gonçalves Filho

### **Leitura de textos em Libras (SignWriting) por Surdos acadêmicos: conforto linguístico e identificação cultural**

O presente trabalho em nível de Doutorado foi avaliado, em 03 de julho de 2023, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Alexandre Melo de Sousa, Dr.  
Universidade Federal do Acre (UFAC)

Profa. Marilyn Mafra Mafra, Dra.  
Universidade Federal de Santa Catarina (DLSB/UFSC)

Profa. Edneia de Oliveira Alves, Dra.  
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Profa. Carla Morais, Dra.  
Instituto Federal Santa Catarina (IFSC)

Profa. Daniele Miki Fujikawa Bózoli, Dra.  
Universidade Federal do Paraná (UFPRT)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Prof. Valter Pereira Romano, Dr.  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Profa. Marianne Rossi Stumpf, Dra.  
Orientadora

Florianópolis, 2023

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me iluminar nesta jornada, para que todos os obstáculos fossem superados.

Agradeço aos meus pais José Sinésio Tôres Gonçalves (*In Memorial*) e Esmeralda Coelho Gonçalves, com reconhecimento de tudo que fizeram para facilitar minha chegada com êxito até aqui.

Gratidão aos meus irmãos Gladstone Gonçalves, Rosamérica Gonçalves e Esmeralda Souza, pelo incentivo ao estudo e amor fraternal que nos une.

Às minhas sobrinhas Safira Helena, Cristal Louise, Jade Marcella, Juliana e Ana Júlia, que sempre dispensaram para mim muito carinho.

Aos meus cunhados Viviane Gonçalves e Alan Souza, pela convivência e amizade.

Ressalto a minha orientadora Dra. Marianne Rossi Stumpf, que foi através do curso de *SignWriting* ministrado em Caxias do Sul em ano 2001, que despertei para nova pesquisa dando continuação a Escrita de Sinais.

Agradeço ao Coorientador Dr. Alexandre Melo de Sousa, que sempre esteve disponível nas orientações para construção com sucesso da pesquisa para realização da Tese. Meus agradecimentos sinceros.

Sinceros agradecimentos aos professores que me incentivaram e dispensaram ajuda e carinho nesta jornada difícil para conclusão desta Tese.

Não poderei esquecer as pessoas da UFRA, que dispuseram de seu tempo para ajudar-me com a documentação necessária a ser apresentada na UFSC e junto com palavras de incentivo para continuar os estudos que irão ajudar aos colegas Surdos.

Aos colegas do curso Letras/Libras e Letras/Português da UFRA agradeço pelas palavras de incentivo que muito contribuíram na realização deste trabalho.

Agradeço ao professor Jhonatas Cardoso, que ficou no meu lugar por dois anos e assumiu da turma que era da minha responsabilidade.

Em Florianópolis, tive oportunidade de conhecer novos professores, colegas e fazer novos amigos que me receberam e proporcionaram um acolhimento com atenção, respeito e carinho.

Agradeço a professora Valérie Teixeira da Cunha, pela ajuda com muita atenção e paciência junto ao desenvolvimento da TESE.

Foi gratificante conhecer e despertar para assuntos filosóficos, através da amiga querida Mairla Pereira Pires Costa onde fez a apresentação do grande filósofo Bakthin.

Agradeço a profa Liliane Afonso, pelo apoio no desenvolvimento da Tese, e à profa. Rosane Garcia, pela revisão textual.

Grande apoio recebido dos colegas e amigos Surdos de Belém do Pará minha terra natal e aqui deixo meus sinceros agradecimentos.

## RESUMO

Este estudo está relacionado à leitura de textos em Libras (*SignWriting*) por Surdos acadêmicos: conforto linguístico e identificação cultural. A pesquisa apresenta como objetivo principal investigar a percepção do acadêmico Surdo quanto à leitura de textos escritos em Libras no sistema *SignWriting* a partir de dois aspectos: o conforto linguístico e a identificação com o registro. Os objetivos específicos foram: (a) identificar como os leitores Surdos percebem as marcas específicas das línguas sinalizadas nos textos escritos em Libras, (b) identificar os obstáculos acadêmicos e sociais para adesão dos Surdos ao Sistema *SignWriting*; (c) avaliar se a compreensão leitora é percebida nos leitores Surdos em textos em *SignWriting*, (d) verificar se os leitores Surdos sentem conforto linguístico ao ler textos escritos em Língua de Sinais, (e) verificar se os textos em *SignWriting* tornam a leitura mais prazerosa para leitores Surdos. A pesquisa envolve os estudos das áreas: Libras, Escrita de Sinais e Leitura de textos escritos. Além disso, baseia-se na abordagem teórica de Quadros e Karnopp (2004), Barreto e Barreto (2015), Andrade (2018), Marcuschi (2008) e outros. A metodologia adotada na investigação está pautada por sua natureza na pesquisa aplicada, com relação aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem de análise quali-quantitativa de dados obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas com oito acadêmicos Surdos de Instituições Federais que têm em sua matriz curricular a disciplina da Escrita de Sinais. Os resultados das análises demonstraram que os acadêmicos Surdos precisam se adaptar à prática da leitura de forma mais intensa em sala de aula. Conclui-se a importância do texto em *SignWriting* na sala de aula por leitores Surdos através do conforto linguístico, pois a Língua de Sinais é a Língua Natural que facilita a comunicação ao signo próprio da Língua de Sinais.

**Palavras-chave:** Leitura. Acadêmicos Surdos. Libras. *SignWriting*. Conforto Linguístico. Identificação cultural.

## ABSTRACT

This study is the subject of the research is related to the reading of texts in Libras (SignWriting) by academic Deaf students: linguistic comfort and cultural identification. Show Deaf academic students that they can read the SignWriting text by understanding the text through linguistic comfort. The general **objective** of this research is to investigate the perception of Deaf academics regarding the reading of texts written in Libras in the SignWriting system from two aspects: these two objectives are specific: linguistic comfort and identification with the record. The research involves studies in the following areas: Libras, Writing Signs and Reading Written Texts. In addition, working with a **theoretical** approach in Quadros and Karnopp (2004), Barreto and Barreto (2015), Andrade (2018), Marcuschi (2008) and others. The **methodology** used to work as a research approach is qualitative; the nature of the research is applied; the research objective is exploratory; and the research procedure is participant through the interview. With eight Deaf academics, they participated in the research at the Federal Institution for the discipline of Sign Writing. To check reading comprehension through linguistic comfort and cultural identification. To **analyze** Deaf academic students who show the difference about each expression used with linguistic comfort and cultural identification. The participants read the text "A Lenda do Guaraná" only with a written sign, less Portuguese, and questionnaires such as: text interpretation in three parts Linguistic, Encyclopedia (world) and Interactional knowledge. The interview is semi-structured. The **results** of the analyzes showed that Deaf academics need to adapt to practice in greater depth in the classroom. Some teachers do not encourage reading SignWriting in the classroom. It **concludes** the importance of the text in SignWriting in the classroom by Deaf readers through linguistic comfort, since Sign Language is the Natural Language that facilitates communication to the sign of Sign Language.

**Keywords:** Reading. Academic Deaf. Libras. SignWriting. Linguistic Comfort. Cultural identification.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ELS	Escrita Língua de Sinais
ES	Escrita de Sinais
IF	Instituição Federal
LN	Língua Natural
LP	Língua Portuguesa
LS	Língua de Sinais
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
PPGECM/IEMCI	Programa Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas
SW	<i>SignWriting</i>
UEPA	Universidade Estadual do Pará
UFC	Universidade Federal de Ceará
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRA	Universidade Federal Rural da Amazônia
UFSC	Universidade Federal Santa Catarina

## LISTA DAS FIGURAS

Figura 1	Oficina <i>SignWriting</i> (SW), em Caxias do Sul no Rio Grande do Sul.....	14
Figura 2	Resolver problema da Matemática – <i>SignWriting</i> .....	16
Figura 3	Livro conto da Amazônia - Negrinho e Solimões.....	17
Figura 4	Apresentação de slide na sala de aula em UFRA.....	18
Figura 5	Interação entre autor e leitor pelo texto escrito.....	41
Figura 6	Esquema da leitura, texto, interação e conhecimentos.....	50
Figura 7	(a) Janela ambiente do <i>SignPuddle</i> ; (b) Janela do <i>SignPuddle</i> Libras.....	54
Figura 8	Escrito de taquigrafia.....	55
Figura 9	Primeiro livro sobre Dance Writing.....	57
Figura 10	Palitos visuais dançam pela página como um desenho animado.....	58
Figura 11	Dance Writing.....	59
Figura 12	<i>SignWriting</i> – Escrita de Língua de Sinais Dinamarquesa....	60
Figura 13	Locais de coleta de dados: participantes da pesquisa.....	78
Figura 14	Livro “Onze histórias e um segredo desvendando as lendas Amazônicas”.....	83
Figura 15	Parâmetros de tipos de contato.....	98
Figura 16	"Lenda do Guaraná" e os sinais específicos da região.....	101
Figura 17	Variação de sinais.....	102
Figura 18	Signo AMAZONAS e MANAUS.....	103



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Organização para a execução das entrevistas.....	81
Quadro 2	Acadêmicos das regiões da Instituição Federal.....	86
Quadro 3	Para que serve <i>SignWriting?</i> .....	91

## LISTA DOS GRÁFICOS

Gráfico 1	Sexo dos acadêmicos da Instituição Federal.....	87
Gráfico 2	Como aprendeu <i>SignWriting</i> ? .....	88
Gráfico 3	Com que idade você aprendeu <i>SignWriting</i> ? .....	90
Gráfico 4	Usa a leitura SW todo dia? .....	93
Gráfico 5	Você consegue entender leitura <i>SignWriting</i> ? .....	94
Gráfico 6	Você tem contato com o <i>SignWriting</i> em que momentos? .....	95

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>AS LEITURA EM LIBRAS: UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA A COMPREENSÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL.....</b>	<b>26</b>
2.1	O TEXTO ESCRITO EM LIBRAS.....	32
2.2	A INTERAÇÃO AUTOR-TEXTO-LEITOR.....	40
2.3	SISTEMA DE CONHECIMENTOS DO PROCESSO TEXTUAL.....	43
2.3.1	Conhecimento Linguístico.....	44
2.3.2	Conhecimento Enciclopédico.....	45
2.3.3	Conhecimento Textual.....	47
2.3.4	Conhecimento Interacional.....	48
2.4	A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E SEU REGISTRO ESCRITO	50
2.4.1	Os sistemas criados por Valerie Sutton e sua trajetória de vida.....	55
2.4.2	Escrita em Libras no Brasil e a trajetória de vida Marianne Stumpf.....	61
2.5	CONFORTO LINGUÍSTICO/CULTURA SURDA E COMPREENSÃO LEITORA.....	62
2.5.1	Conforto Linguístico.....	63
2.5.2	Cultura Surda e compreensão leitora.....	67
<b>3</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>74</b>
3.1	CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PESQUISA.....	74
3.2	PÚBLICO-ALVO DA PESQUISA.....	76
3.3	CONTATO E SELEÇÃO DOS ACADÊMICOS SURDOS DAS INSTITUIÇÕES.....	76
3.4	INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	79
3.5	ETAPAS DA PESQUISA.....	81
3.6	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	84
<b>4</b>	<b>ANÁLISE E RESULTADOS.....</b>	<b>85</b>
4.1	ANÁLISE DO PERFIL DOS PARTICIPANTES ACADÊMICOS .....	86
4.2	ANÁLISE SOBRE A AQUISIÇÃO, APRENDIZAGEM E USO DO SIGNWRITING.....	87

4.3	ANÁLISE DAS ENTREVISTA SOBRE A LEITURA DE TEXTOS EM LIBRAS.....	95
4.3.1	O conforto linguístico.....	95
4.3.1.1	Especificidade da Libras no texto em SW.....	95
4.3.1.2	Variação de sinais no texto em SW.....	98
4.3.2	Compreensão leitora.....	103
4.3.2.1	Identificação com a construção textual (Sujeito Surdo x Cultura Surda) .....	103
4.3.2.2	Interação com o texto.....	105
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>109</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>118</b>
	<b>ANEXO A – Declaração de Anuência.....</b>	<b>123</b>
	<b>ANEXO B - A Lenda do Guaraná, do livro “Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas.....</b>	<b>124</b>
	<b>APÊNDICE A – Termo de consentimento livre esclareço.....</b>	<b>130</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Sou Surdo<sup>1</sup>, natural de Belém do Pará, nasci em 1968 de parto normal. Durante a gestação, minha mãe foi acometida por rubéola, o que acabou ocasionando minha surdez.

No entanto, foi aos dois anos de idade que meus pais notaram que havia algo de diferente, pois eu não respondia aos estímulos sonoros produzidos por eles, tampouco, falava conforme o esperado para uma criança da minha idade. Desconfiados, meus pais me levaram para consultas médicas, onde foram orientados a ir para o Rio de Janeiro, pois lá, havia mais recursos e profissionais para se chegar a um diagnóstico.

Ficamos no Rio de Janeiro de 1970 a 1973, e lá, estudei na Escola Nossa Senhora de Lourdes, que é direcionada para crianças Surdas. Voltando para Belém, fui estudar no Instituto Felippo Smaldone, que seguia a abordagem oralista de ensino, e lá fiquei até 1977. Vale ressaltar, que naquela época, a Língua de Sinais ainda não existia no norte do país, o que justifica também o método empregado pelo Instituto.

Em 1978, minha família precisou viajar para São Paulo, e lá, tive a oportunidade de estudar no Colégio Objetivo. Depois de um ano, voltamos para Belém. Continuei meus estudos no Colégio Gentil Bittencourt, uma escola regular, e lá, assim como no Colégio Objetivo, comecei a erguer minhas primeiras barreiras; no âmbito educacional, social e linguístico. Educacional, no processo de aprendizagem da leitura e escrita. Social, na interação e comunicação com os colegas ouvintes, e linguístico, dada a variedade no uso da linguagem e do emprego de vocabulários, até então desconhecidos.

Anos mais tarde, em 2001, ao reencontrar dois colegas de infância (Raimundo Cleber e Socorro Bonifácio), que estudaram comigo no Instituto Felippo Smaldone, eles foram convidados a participar do Curso de Aperfeiçoamento da Língua de Sinais na Universidade Estadual do Pará (UEPA) em Belém do Pará. Este foi o meu primeiro contato com a Língua de Sinais, aos trinta e dois anos de idade.

Participar do curso de Aperfeiçoamento da Língua de Sinais da UEPA, a convite dos meus colegas, foi uma experiência incrível. Nos primeiros momentos, o contato com a Língua de Sinais foi impactante e desafiador. Até então, a língua com

---

<sup>1</sup>Surdo é o que se reconhece a partir de uma identidade que independe da perda de audição.

a qual eu me comunicava era o português na modalidade oral. Minha relação com a Língua Portuguesa (LP) não era muito boa, eu tinha dificuldades tanto na escrita quanto na leitura de textos, tais como jornais, livros, revistas e internet, entre outros.

Em pouco tempo, no decorrer do curso de Aperfeiçoamento da Língua de Sinais, fui desenvolvendo e aprimorando minha comunicação em Língua de Sinais, o que me colocou em uma posição confortável do ponto de vista linguístico e de cultura visual, circunstância que a LP ainda não havia me proporcionado.

Passados dois meses de curso, meus colegas me convidaram para um evento em Caxias do Sul, cidade do estado do Rio Grande do Sul. Esse foi certamente um divisor de águas em vários sentidos na minha vida.

Em 2001, participei do "Seminário Nacional-Surdos: um olhar às práticas de educação", realizado em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul. O evento em questão tratava de diferentes temáticas relacionadas ao contexto educacional. Em conversa com uma colega, Socorro Bonifácio, vimos que na programação havia oficina de "*SignWriting*", que seria ministrada pela professora Marianne Stumpf, uma referência na luta e causa dos Surdos. Sem saber exatamente do que se tratava, fui motivado por Socorro a participar da oficina (registro fotográfico a seguir). Chegando lá, um novo universo se abriu para compreensão do processo de desenvolvimento da Língua de Sinais, bem como para o entendimento do sistema de *SignWriting* (SW), que é a Escrita de Língua de Sinais.

Figura 1 - Oficina *SignWriting* (SW), em Caxias do Sul no Rio Grande do Sul



Fonte: Acerto pessoal.

Participar da oficina, percebi o quão importante e benéfica a Escrita de Sinais poderia ser no processo de escolarização e alfabetização dos alunos Surdos, uma vez que esse sistema de escrita auxiliaria na apropriação e desenvolvimento da Língua de Sinais, tornando o processo de leitura e escrita mais concreto para os alunos Surdos.

No ano 2006 ingressei na primeira turma do curso de Letras-Libras (Licenciatura), oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) no polo de Goiânia na Universidade Federal de Goiás (UFG). Após um ano e meio, me transferei para o polo de Fortaleza, na Universidade Federal do Ceará (UFC), onde concluí o curso em 2010. Dentre as disciplinas ministradas durante o curso, cursei Escrita de Sinais I, II e III, com carga horária de 60h cada, o que possibilitou maior aproximação e aprofundamento no tema.

Em 2015, na Universidade Federal do Pará (UFPA), ocorreu o evento “Anotação Linguística em Língua de Sinais: história e evolução”, que contou com a participação da professora Dra. Ivani Fusellier, da Université Vincennes Saint-Denis/Paris 8. Na ocasião, a referida professora ministrou uma palestra, e nela mostrou a evolução da Escrita de Sinais. Tocado pela apresentação e motivado pela temática, despertei o interesse e me tornei multiplicador do conhecimento acerca das “noções básicas da *SignWriting*” no norte do Pará, em especial, no contexto educacional.

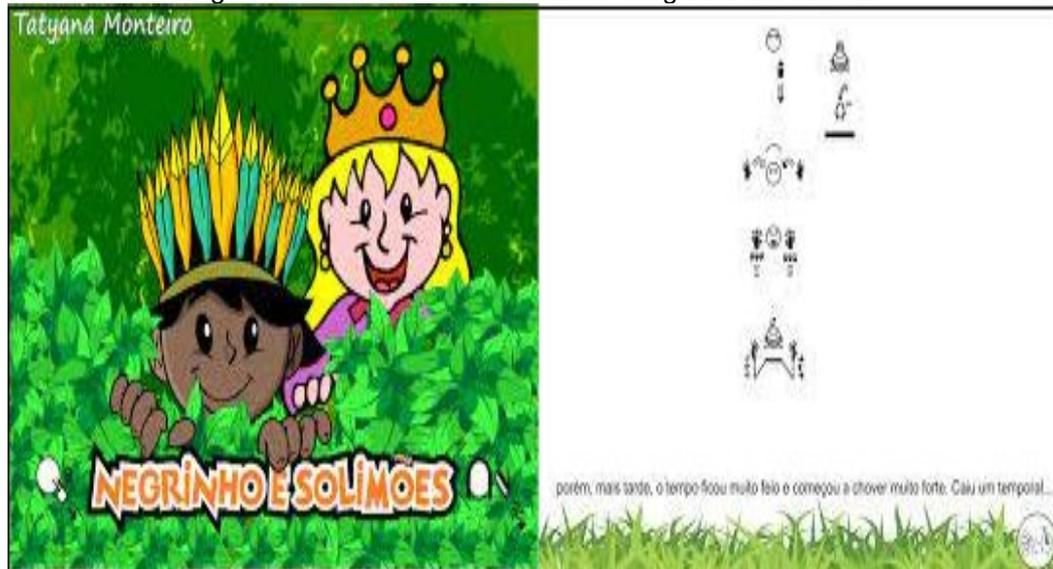
Uma das formas que encontrei de propagar o conhecimento sobre o sistema SW foi por meio de palestras e oficinas, fundamentando teoricamente as questões relacionadas à leitura e à Escrita de Sinais. Continuo desempenhando essa função, e sempre que solicitado/convidado, me desloco para diferentes estados do Brasil, a fim de difundir o sistema da Escrita de Sinais.

Em 2016, enquanto professor substituto do curso de Letras-Libras na UEPA, ministrei algumas disciplinas, dentre elas, a de Escrita de Sinais. Em um dado momento, fui procurado por duas alunas, Maria Amélia Costa e Marina Aranha, para conversar sobre o SW.

Ambas tinham conhecimento básico de *SignWriting* e eu aproveitei para desafiá-las a ler o enunciado de um problema de matemática simples, escrito em SW. Após ler o texto, elas conseguiram entender e responder o problema matemático conforme estava sendo pedido.



Figura 3 - Livro conto da Amazônia - Negrinho e Solimões



Fonte: Monteiro (2006).

Como estratégia de leitura, considerei apenas o texto em *SignWriting* descartando a leitura em Língua Portuguesa. Li todas as páginas do conto e concluí ser possível entender o texto acessando apenas as informações em SW.

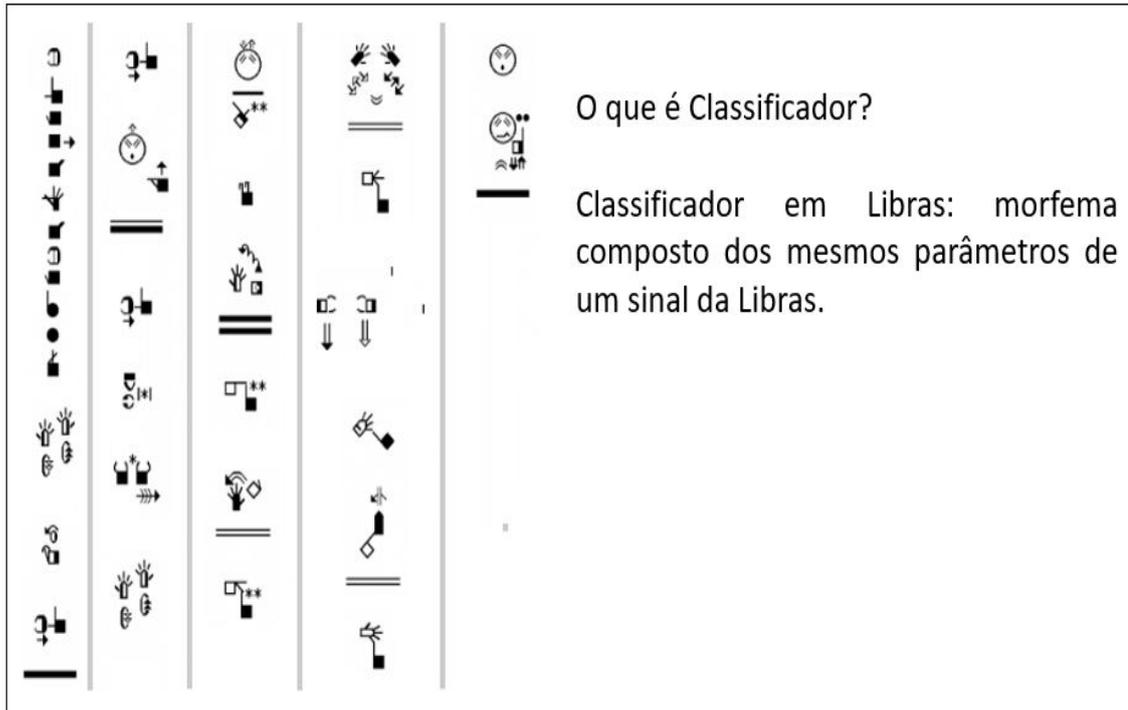
No ano de 2017 iniciei o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas (PPGECM/IEMCI) na UFPA. A leitura dos textos das disciplinas e a preparação para as apresentações e seminários nem sempre eram tarefas fáceis. Os textos, além de muito extensos, traziam sempre novos conceitos e termos técnicos e científicos, o que demandava um esforço maior para o acompanhamento das leituras.

Uma alternativa encontrada na ocasião, foi procurar o profissional Tradutor e Intérprete de Libras (TILS) que trabalha na mesma Instituição em que eu estudava para traduzir os textos do português para a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Outra estratégia adotada foi realizar anotações ao lado, na margem (direita ou esquerda) do texto em *SignWriting*. Com isso, nas apresentações dos seminários, recorria sempre às anotações, isso me ajudava a me sentir mais confortável e seguro.

No ano de 2018 entrei na Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) em Belém como professor concursado para atuar no curso de Licenciatura em Letras-Libras. Nesse curso ministrava a disciplina Libras III, com enfoque em “classificadores”.

O layout dos meus slides, feitos em *PowerPoint*, apresentavam uma estrutura cujo texto era dividido em português (lado direito) e em SW (lado esquerdo), conforme a seguir na figura 4.

Figura 4 –Apresentação de slide na sala de aula em UFRA



Fonte: Gonçalves-Filho (2018).

Diante do exposto até aqui, saliento que todos os elementos textuais são essencialmente importantes, sobretudo, o SW, que confere a mim maior segurança e conforto, por ser minha primeira língua. Nesse sentido, o registro dos signos escritos se torna fundamental por diferentes razões, dentre elas, para lembrar como o sinal é produzido, para evitar a produção equivocada de um determinado sinal, e também verificar as diferentes formas de produzir um sinal.

Embora alguns docentes, de Instituições Federais, Estaduais e Instituições Privadas, tenham um conhecimento, ainda que básico, sobre a Escrita de Sinais em Libras, faz-se necessário propagar mais informações acerca da importância da escrita e da leitura do sistema *SignWriting*.

A disciplina Escrita de Sinais oferece a metodologia para os discentes da Instituições aprenderem a escrever e a ler o próprio sistema de Escrita de Sinais em Libras. Na verdade, a disciplina Escrita de Sinais é importante para nós Surdos, porque nos ajuda a desenvolver a escrita e a leitura. Desse modo, se algumas

Instituições não oferecem em sua matriz curricular disciplinas que envolvam a Escrita de Sinais, logo os discentes não terão esse conhecimento e, por consequência, não terão a compreensão sobre as regras do sistema da Escrita de Sinais em Libras que é fundamental para a prática da leitura e escrita.

As Línguas de Sinais são línguas de modalidade visual-espacial, o que significa que “a informação linguística é recebida pelos olhos e produzida pelas mãos”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 47). Em outras palavras, ocorre o input pelos olhos e o output pelas mãos.

Os signos escritos não são “simples imagens”, apesar da iconicidade ser um dos aspectos das Línguas de Sinais, e sim “símbolos/caracteres abstratos, complexos e finitos, que permitem a construção de infinitas sentenças” (SILVA, 2009, p. 17).

Quadros e Karnopp (2004) explicam que as Línguas de Sinais não são simplesmente gestos sem organização. Pelo contrário, elas possuem uma configuração sistêmica que as caracteriza como uma nova modalidade de língua, composta por sua própria gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos que preenchem os requisitos básicos para ser considerada um instrumento linguístico eficiente.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida no Brasil por meio da Lei nº 10.436/2002, mas sua origem, de acordo com Silva (2009), relaciona-se à criação do Instituto de Surdos-Mudos, no Rio de Janeiro, em 1857.

As Línguas de Sinais podem ser signos escritos, o que valoriza a própria natureza da língua por possibilitar registro de suas características naturais.

Para a presente investigação, partiremos da seguinte questão de pesquisa: de que modo o acadêmico Surdo percebe a leitura de textos escritos em Libras (*SignWriting*) a partir de dois aspectos: o conforto linguístico e a identificação com o registro?

Entendemos como conforto linguístico o conhecimento dos aspectos específicos das línguas sinalizadas que tornam a leitura mais fluente e eficiente, como a visualidade, a simultaneidade, a organização dos aspectos gramaticais próprios da Libras entre outros fatores – que tornam o processo de leitura mais eficaz para o leitor Surdo.

Por identificação do registro, entendemos o modo de o Surdo sentir prazer ao ler um texto materializado graficamente em sua primeira língua, tornando a leitura

um processo de conexão entre o texto e o leitor. Esses aspectos serão melhor explicados ao longo da pesquisa.

A pergunta maior, gera outras questões norteadoras: a) o leitor Surdo percebe marcas de sua língua na materialidade textual escrita? b) o leitor Surdo identifica compreensão leitor no processo de leitura em *SignWriting*? C) o leitor sente prazer em ler textos em libras? d) o leitor Surdo se identifica e interage melhor com o texto em Escrita de Sinais?

Assim, esta pesquisa tem por objetivo principal investigar a percepção do acadêmico Surdo quanto à leitura de textos escritos em Libras no sistema *SignWriting* a partir de dois aspectos: o conforto linguístico e a identificação com o registro.

Nossos objetivos específicos são: a) identificar como os leitores Surdos percebem as marcas específicas das línguas sinalizadas nos textos escritos em Libras, b) identificar os obstáculos acadêmicos e sociais para adesão dos Surdos ao Sistema *SignWriting*; c) avaliar se a compreensão leitora é percebida nos leitores Surdos em textos em *SignWriting*, d) verificar se os leitores Surdos sentem conforto linguístico ao ler textos escritos em Língua de Sinais, e) verificar se os textos em *SignWriting* tornam a leitura mais prazerosa para leitores Surdos;

O caráter metodológico da pesquisa é de natureza aplicada, descritiva de acordo com os seus objetivos e apresenta uma abordagem de análise qualitativa por meio do corpus composto por entrevistas realizadas via formulários Google com oito alunos Surdos, acadêmicos de Letras Libras em cursos presenciais, bem como graduados no curso de Letras Libras, abrangendo um período de cinco anos entre 2017 e 2021.

O objetivo desta tese é investigar se esses alunos tinham compreensão da escrita e leitura da Escrita de Sinais em Libras, além de verificar se sentiam conforto linguístico ao ler textos em *SignWriting*. É importante ressaltar que o propósito era verificar se eles seriam capazes de compreender a atividade da Escrita de Sinais em Libras, mesmo que não tivessem um conhecimento profundo de *SignWriting*.

Para isso, esta pesquisa será baseada nas concepções teóricas sobre a leitura e a compreensão de escritos em Libras. A pesquisa envolve os estudos das áreas: Libras, Escrita de Sinais e leitura de textos escritos, com abordagem teórica em Quadros e Karnopp (2004), Barreto e Barreto (2015), Andrade (2018), Marcuschi (2008) e outros.

A Libras faz parte de diversos espaços - escolares, acadêmicos, científicos, políticos e outros. Pergunta-se como tem ocorrido o registro escrito dessa língua nesses diferentes espaços. Barreto e Barreto (2015, p. 57) explicam que:

Em todo o mundo, ao fazerem o registro escrito das Línguas de Sinais muitos pesquisadores usam transcrições em glosas. Nesta modalidade, escreve-se em MAIÚSCULAS o termo da Língua Oral cujo significado equivale ao sinal. Usa-se, por exemplo, CASA para representar o sinal cujo significado é casa, moradia, local de habitação e, em alguns casos, o local de repouso. Muitas outras convenções são adotadas.

Por mais que exista registro por transcrições em glosas, este cria uma carga excessiva de palavras para indicar um sinal e seus parâmetros. As Línguas de Sinais são de natureza viso-espaco-motora, então, tentar registrá-la de forma escrita usando palavras das línguas orais não tem um bom resultado porque o código alfabético não traz uma representação gráfica da língua sinalizada. Mas, apesar disso, as glosas evidenciaram a necessidade linguística de registro escrito das Línguas de Sinais.

A escrita das Línguas de Sinais sem o uso das palavras das línguas orais existe e tem representação própria, com gramática e léxico baseado na visualidade. O sistema de escrita que pode registrar as Línguas de Sinais foi chamado de *SignWriting*, que é um “sistema complexo e adaptável às gramáticas das línguas de sinais” (SILVA, 2009, p. 28). *SignWriting* é uma palavra de origem inglesa, por isso, aqui no Brasil utiliza-se a expressão Escrita de Sinais.

Atualmente, alguns Surdos já conhecem a Escrita de Sinais porque, no Brasil, há muitos cursos livres ofertados; dicionários de Libras, que apresentam a escrita de alguns sinais; cursos de graduação na área de Libras a ofertam em seu currículo disciplina de Escrita de Sinais; e autodidatas.

Sendo, docente Surdo da IF e atuando no curso de licenciatura em Letras Libras, no ensino de componente curricular Escrita de Sinais tenho interesse em pesquisas voltadas para leitura através da compreensão de textos escritos em Língua de Sinais, especificamente em Libras. Em Sousa, Garcia e Lima (2019), encontramos um mapeamento importante quanto ao oferecimento da disciplina Escrita de Sinais nos cursos de Letras Libras no Brasil. Entre outros fatores, o estudo revelou uma grande variação quanto à soma da carga-horária dos componentes curriculares, quanto ao período em que as disciplinas nessa área são

oferecidas, além de identificar as instituições em que as disciplinas de Escrita de Sinais são obrigatórias ou optativas. No geral, os autores ressaltaram a importância de se trabalhar os textos escritos em Línguas de Sinais por constituir um conhecimento próprio da língua, da cultura e da identidade Surda.

Lima (2022), em seu estudo sobre formação de professores de Escrita de Sinais na Região Norte, mostrou que os professores responsáveis por esse componente curricular percebem e evidenciam a importância da Escrita de Sinais para a valorização da língua e da cultura Surda nos ambientes de formação (básica e superior). O pesquisador partiu de entrevistas com docentes das Instituições Federais do Norte que oferecem graduação em Letras Libras.

Do mesmo modo, Lima e Sousa (2023) afirmam que, a partir dos textos escritos em Libras, os alunos criam uma aproximação mais efetiva com o assunto tratado. É a partir da materialidade e dos reflexos de sua cultura no elemento linguístico que os Surdos interagem com o texto.

Quando se fala em leitura de textos escritos, é importante lembrar que o texto resulta de uma ação linguística que tem vínculo com o mundo no qual surgiu e funciona (MARCUSCHI, 2008).

Na perspectiva de Koch e Elias (2021, p.11), a leitura é uma atividade interativa complexa e a produção de sentido ocorre com base “nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização” e na “mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo”.

Para Andrade (2018, p.4), “o processo de ler implica vencer as etapas da decodificação, da intelecção, para se chegar à interpretação e, posteriormente, à aplicação” na vida social, nos contextos de interação. E, ampliando a perspectiva de leitura para a comunidade Surda, Silva (2009, p. 53) afirma que, além da capacidade particular do leitor, é importante considerar “o propósito do leitor, a cultura social, o conhecimento prévio, o controle linguístico, as atitudes e os esquemas conceituais”.

Esses aspectos são adquiridos pelo Surdo a partir de seu contato com a Língua de Sinais, por isso:

[...] é importante que o sujeito surdo aprenda a usar sua própria língua tanto sinalizada, para comunicação direta, como na forma escrita, para a comunicação a distância, para exposição do que gostaria que outras pessoas soubessem ou ainda para registro de seus pensamentos” (SILVA, 2009, p.54).

O sentido do texto não está no texto em si, mas é construído a partir da interação autor-texto-leitor, sendo considerado o que está registrado na superfície do texto e os conhecimentos do próprio leitor - conhecimento linguístico, conhecimento enciclopédico ou de mundo, e conhecimento interacional (KOCH; ELIAS, 2021).

O conhecimento linguístico envolve conhecimento gramatical e lexical, que possibilitam compreender a organização do material linguístico na superfície do texto. (KOCH; ELIAS, 2021).

E considerando a Escrita de Sinais, Barreto e Barreto (2015) afirmam que cada parte do sinal que tem relevância linguística pode ser registrada, sejam estes sinais já conhecidos ou novos. Para tanto, de acordo com Barreto e Barreto (2015, p. 81), “[...] faz-se necessário conhecer a língua e sua estrutura linguística, bem como as regras ortográficas adotadas por aquela comunidade linguística. A escrita espontânea pressupõe o domínio linguístico”.

Além do conhecimento linguístico, o leitor necessita do conhecimento enciclopédico, também chamado de conhecimento de mundo, que são “conhecimentos gerais sobre o mundo [...] bem como a conhecimentos alusivos às vivências pessoais e eventos espacio-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos” (KOCH; ELIAS, 2021, p.42). E o conhecimento internacional é importante porque aborda as “formas de interação por meio da linguagem” (KOCH; ELIAS, 2021, p.45).

Segundo Marcuschi (2008), um aspecto desta interação, que não pode ser desconsiderado, é o uso do gênero textual: redação, bilhete, carta, convite, cartaz, jornal, lista de compras, receita culinária, cardápio, bula são gêneros textuais com os quais interagimos em nosso cotidiano. Como afirmam Koch e Elias (2021):

[...] há textos que lemos porque queremos nos manter informados (jornais, revistas); há outros textos que lemos para realizar trabalhos acadêmicos (dissertações, teses, livros, periódicos científicos); há, ainda, outros textos cuja leitura é realizada por prazer, puro deleite (poemas, contos, romances); e, nessa lista, não podemos nos esquecer dos textos que lemos para consulta (dicionários, catálogos), dos que somos “obrigados” a ler de vez em quando (manuais, bulas), dos que nos caem mãos (panfletos) ou nos são apresentados aos olhos (outdoors, cartazes, faixas) (KOCH; ELIAS, 2021, p.19).

Ler um texto não é somente ler escritos em um pedaço de papel ou na tela de um aparelho celular. O gênero textual comporta a escrita, dá forma e função a ela, e o leitor precisa entender a função daquele texto e compreendê-lo,

considerando o gênero textual usado (MARCUSCHI, 2008). Assim, podemos perceber o universo dinâmico da leitura e sua importância na vida social das pessoas.

Dessa forma, a relação entre a Escrita de Sinais e a construção do sentido em um texto se dá por meio da interação entre o autor do texto em sinais, o próprio texto em sinais e o leitor Surdo, por exemplo. Assim como na língua oral escrita, em que o sentido é construído a partir da interação entre autor, texto e leitor, na Língua de Sinais, na Escrita de Sinais também ocorre esse processo de interação.

O sentido do texto em sinais não está apenas nas mãos do autor, mas é construído através da forma como os sinais são organizados e expressados no texto. O leitor, Surdo ou conhecedor da língua de sinais, por sua vez, utiliza seus conhecimentos linguísticos, enciclopédicos e interacionais para compreender e atribuir sentido ao texto em sinais.

Os conhecimentos linguísticos do leitor Surdo são essenciais para compreender a gramática e a estrutura da Língua Brasileira de Sinais (Libras) presente no texto. Os conhecimentos enciclopédicos ou de mundo ajudam o leitor a relacionar os sinais presentes no texto com o contexto cultural e conhecimentos gerais sobre o mundo. Já os conhecimentos interacionais são importantes para interpretar as nuances e intenções comunicativas transmitidas pelos sinais no texto.

Portanto, assim como a escrita em língua oral, a Escrita de Sinais também envolve a interação autor-texto-leitor, em que o sentido do texto é construído pela combinação dos sinais presentes no texto em sinais e dos conhecimentos do leitor Surdo, resultando em uma compreensão mais ampla e significativa.

No contexto do Sistema de Escrita (*SignWriting*), o ato de "ler" está relacionado ao conhecimento prévio do leitor sobre o código dos símbolos e convenções utilizados no *SignWriting*. Assim como na leitura de textos escritos com letras, o leitor familiarizado com o *SignWriting* é capaz de interpretar e compreender os sinais representados visualmente.

No sistema de escrita *SignWriting*, os sinais da Língua de Sinais são representados por meio de símbolos gráficos que capturam os elementos constituintes dos sinais, como configuração das mãos, movimentos, expressões faciais e outros detalhes relevantes. O leitor que domina o *SignWriting* consegue decodificar esses símbolos e atribuir significado aos sinais representados.

É importante destacar que, assim como na sociedade em geral, a interação na comunidade Surda é predominantemente expressa por meio da Língua de Sinais, que utiliza gestos, expressões faciais e movimentos corporais. A escrita em *SignWriting* complementa essa forma de comunicação, permitindo a representação Escrita dos Sinais da Língua de Sinais.

Portanto, no contexto do *SignWriting*, o ato de "ler" está relacionado ao conhecimento prévio do código dos símbolos e à habilidade de interpretar os sinais representados visualmente no sistema. Essa interação entre o leitor e o *SignWriting* contribui para a comunicação escrita na comunidade Surda e possibilita a troca de informações, a documentação e a preservação da Língua de Sinais, assim como da cultura surda.

Esta tese explora, portanto, o conforto linguístico e identificação na cultura do processo da compreensão da leitura em Libras pelos leitores Surdos. Com esse propósito, espera-se que o estudo demonstre a importância do conhecimento sobre a escrita em *SignWriting* para a apropriação da leitura do texto em Libras.

A tese, em seu aspecto organizacional está distribuída em cinco capítulos, sendo esta introdução na qual contextualizei a minha história de vida, a problemática da pesquisa e a justificativa que motivaram o estudo. .

No segundo capítulo, exploramos a relação da leitura em Libras; textos em Escrita em Libras; a interação autor-texto-leitor; sistema de conhecimento do processo textual; a Libras e seu registro escrito e conforto linguístico e cultural Surda, com objetivo de buscar o conforto linguístico e a identificação cultural da leitura em especial pelo *SignWriting*.

No terceiro capítulo, descrevemos a pesquisa em seus caminhos metodológicos com aplicação dos instrumentos das coletas aos participantes em entrevistas semiestruturadas para o conforto linguístico da leitura do texto em Libras.

No quarto capítulo, nos dedicamos à análise do conforto linguístico e identificação cultural pela leitura texto em Libras e os resultados obtidos. Analisamos a percepção que os leitores dos acadêmicos Surdos sentiram usando o conforto linguístico e a identificação cultural.

Na conclusão do estudo, no quinto e último capítulo de estudo, buscamos mostrar a importância da compreensão da leitura do texto em Libras através do conforto linguístico e identificação cultural expressas na realização da pesquisa, bem como

nossas considerações sobre possíveis estudos futuros sobre a temática do desenvolvimento da aquisição da leitura do texto em Libras no sistema *SignWriting*.

## 2 AS LEITURA EM LIBRAS: UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA A COMPREENSÃO LINGUÍSTICA E CULTURAL

No que se refere à leitura, entende-se que é a ação de ler algo, seja um texto escrito, uma imagem, uma fisionomia, uma obra, o mundo. De acordo com Castro (2013), a palavra leitura deriva do Latim "lectura", originalmente com o significado de "eleição, escolha, leitura". A leitura é a maneira como se interpreta informações que podem estar contidas em um livro, em uma notícia de jornal, em imagens ou em um fato.

O hábito de leitura é uma prática de grande importância para o desenvolvimento do raciocínio, do senso crítico e da capacidade de interpretação. Não é uma prática homogênea e está relacionada, entre outras coisas, com o tipo de texto com o qual o leitor se depara.

O ato de ler constitui-se, de acordo com Koch e Elias (2021), da junção entre os sujeitos sociáveis com a linguagem sociocognitiva, o que lhes possibilita o contato eficaz com elementos significativos do texto. A leitura vai além de ocupar um espaço significativo na vida do leitor, ela contribui, de maneira relevante, na formação leitora individual, permitindo a cada leitor observar a sociedade e analisá-la no seu cotidiano, diversificando e lhe ampliando a visão de mundo.

Por esses motivos, a leitura é importante no cotidiano da sociedade, portanto, o leitor sabe a importância da leitura para finalidade de receber qualquer informação.

A leitura já foi considerada apenas como uma atividade mecânica de decodificar palavras, ou de extrair sentidos que supostamente estariam prontos no texto. Ao se pensar desse modo, a crença era a de que, para se tornar um leitor competente, bastava aprender a ler nos anos iniciais de escolaridade e depois o aluno já saberia ler qualquer texto.

Hoje já se sabe que a leitura é uma atividade complexa, em que o leitor produz sentidos a partir das relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos. Leitura não é apenas decodificação, é também compreensão e crítica. Isso significa que o bom leitor precisa realizar essas ações sobre o texto. A decodificação é uma parte da leitura, na qual o leitor, basicamente, junta letras e forma sílabas; junta sílabas e forma palavras e junta palavras para formar frases. No processo de leitura, à medida que informações de um texto vão sendo decodificadas e o leitor consegue estabelecer relações entre essas informações e os seus conhecimentos prévios, unidades de sentido vão sendo construídas. Ou seja, a compreensão se processa. Ao compreender o texto, o leitor é capaz de apreciar o que ele diz, é capaz de se posicionar, é capaz de realizar a crítica ao que é dito (CEALE, 2014, s/p).

A definição do glossário Ceale mostra como é fundamental a leitura e o hábito de ler, por meio da palavra tanto escrita como falada e, neste estudo, para os Surdos na Língua de Sinais. Esse processo é indispensável para o desenvolvimento da escrita.

O ato de ler, de acordo com Martins (2012), explica o relacionamento da escrita com o leitor por já conhecer o código das letras. Normalmente, na sociedade em que estamos, a convivência é expressa através da comunicação, ou seja, a interação da língua com a fala.

Partindo dessa visão, a leitura é uma prática social e está relacionada às situações cotidianas pelo grau de formalidade ou informalidade da situação. Nesse contexto, os leitores surdos, como sujeitos sociais, precisam estar inseridos na prática leitora em sua língua de comunicação e de expressão, tanto na modalidade sinalizada quanto na modalidade escrita. Stumpf (2005) explica sobre a leitura e a escrita na aquisição de alfabetização e de letramento:

[...] o processo da aquisição é acompanhado de um aumento na competência da leitura e escrita. A alfabetização é apenas o primeiro passo no exercício da leitura e da escrita, é a capacidade mínima de ler e escrever em uma determinada língua. O letramento difere de o simples ler e escrever porque pressupõe um entendimento do uso apropriado dessas capacidades dentro de uma sociedade que está fundamentada no texto impresso. Assim a lectoescrita requer um envolvimento autônomo e ativo com o texto impresso e destaca o papel de indivíduo no geral, receber e atribuir interpretações independentes às mensagens (STUMPF, 2005, p. 36).

Baseados nisso, compreendemos que na leitura letrada podemos trocar multiplicidade de discursos, refletidos nos diferentes modos de ler, nas diferentes interpretações de acordo com o conhecimento e vivência do leitor, seja ele é surdo ou ouvinte. Sobre essa questão, Koch e Elias (2021, p. 9) mostram quão importante é a leitura da vida, quando tratam “sobre a importância da leitura na nossa vida, sobre a necessidade de se cultivar o hábito de leitura entre crianças e jovens, sobre o papel da escola na formação de leitores competentes, com o que concordamos prontamente”.

A citação referida evidencia a leitura como fator fundamental em nossa vida. Por isso, incentivar o hábito da leitura entre crianças e jovens abre janelas para novas informações. Partindo dessa perspectiva, é importante que as escolas se preocupem com a formação de novos leitores para que busquem, por meio das obras, ampliar seus conhecimentos. Kleiman (2004, p. 14) explica que,

[...] leitura é entendida como prática social que, na linguística aplicada, é subsidiada teoricamente pelos estudos do letramento. Nessa perspectiva, os usos da leitura estão ligados à situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade de leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e a multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos e que determinam esses diferentes modos de ler.

Koch e Elias (2021) reforçam a concepção sobre a importância da interação entre o autor e leitor quando salientam que a leitura:

[...] põe em foco o leitor e seus conhecimentos em interação com o autor e o texto para a construção de sentido, vem merecendo a atenção de estudiosos do texto e alimentando muitas pesquisas e discussões sobre a sua importância para o ensino da leitura. (KOCH; ELIAS, 2021, p. 13).

A palavra interação é muito importante na relação entre os autores e os leitores, porque no texto há certa cumplicidade entre ambos o que leva aos vários conhecimentos na construção de sentidos. De acordo com Koch e Elias (2021),

[...] há textos que lemos porque queremos nos manter informados (jornais, revistas); há outros textos que lemos para realizar trabalhos acadêmicos (dissertações, teses, livros, periódicos científicos); há, ainda outros textos cuja leitura é realizada por prazer, puro deleite (poemas, contos, romances); e, nessa lista, não podemos nos esquecer dos textos que lemos para consulta (dicionários, catálogos), dos que somos “obrigados” a ler de vez em quando (manuais, bulas), dos que nos caem em mãos (panfletos) ou não são apresentados aos olhos (outdoors, cartazes, faixas) (KOCH; ELIAS, 2021, p. 19).

Isso é importante para registrar as informações que os autores precisam quando estão escrevendo para buscar novas informações como livro, jornal, trabalho acadêmico, poesia, consulta, bula, panfletos, cartazes, entre outros. Esses livros são fundamentais para aumentar a informação e é também importante para proporcionar novos conhecimentos. Faulstich (2014, p. 13), sobre a leitura de texto, pondera que “Leitura pressupõe busca de informação. Por isso é importante escolher bem o texto para ler. Para que o leitor se informe é necessário que haja entendimento daquilo que ele lê”.

Martins (2012) traz uma convincente analogia sobre leitura quando diz que é “vivendo e lendo” como ratos que gostam de viver dentro da biblioteca passeando sobre os livros, dos jornais, das fotos, dos quadros etc. Ainda fala que o rato “passa em cima dos livros” significando que é importante aumentar a quantidade de leitura

para ter mais conhecimentos, deixando, assim, bons ensinamentos para os humanos.

Dessa forma, a leitura é uma grande aliada no desenvolvimento do ser humano em todos os sentidos, devido ao fato de ser responsável por colocar e esclarecer através do raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interpretação junto às situações em que o homem se encontra no mundo.

A esse respeito, no que se refere ao texto para leitores surdos, é importante desenvolver a apropriação da leitura na Escrita de Sinais em Libras com a finalidade de partir da identificação dos aspectos linguísticos (vocabulário, organização textual, organização gramatical, simultaneidade, iconicidade etc.) que é o que defendemos como apropriação do texto com conforto linguístico por meio do conhecimento dos aspectos específicos das línguas sinalizadas, a fim de tornar o processo de leitura mais eficaz para o leitor Surdo.

Salientamos ainda que a apropriação dos sistemas linguísticos na comunicação em Língua de Sinais, bem como de Escrita de Sinais em Libras seja simultâneo. Bakhtin (2011, p. 261) explica sobre o uso da linguagem:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados\* (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

A citação anterior esclarece que o ser humano faz uso da linguagem em qualquer lugar. Isso está ligado à comunicação oral, logo se pode aproveitar a comunicação escrita, que é indispensável a qualquer comunicação oral e escrita.

A linguística é a área que aborda a natureza da linguagem e da comunicação que procura desmistificar a complexidade da linguagem humana e suas formas criativas da comunicação. (QUADROS; KARNOPP, 2004). Esses estudos esclareceram que a Língua de Sinais tem universos linguísticos iguais aos das línguas orais, que são, de acordo com Silva (2009, p. 17), “flexibilidade e versatilidade; arbitrariedade; descontinuidade; criatividade/produktividade; dupla articulação; padrão; e dependência estrutural”.

Stokoe, linguista e pesquisador americano, interessou-se pelo estudo das Línguas de Sinais – em especial a Língua de Sinais Americana. Sobre ele, Barreto e Barreto (2015) afirmam:

A partir dos trabalhos de Stokoe (1960), as Línguas de Sinais receberam seu justo reconhecimento enquanto língua. Desde então, muitas pesquisas têm sido realizadas em todo o mundo. Com isso, houve grandes descobertas e conquistas. (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 55).

Os estudos de Stokoe comprovaram que os sinais tinham três partes independentes: configuração de mão, movimento, localização; e fez uma comparação com os fonemas das línguas orais. Mas, estudos recentes apontaram outros parâmetros constituintes dos sinais: orientação da mão e expressões não manuais. (SILVA, 2009).

Por isso, a comunidade de Surdos consegue desenvolver a comunicação pela articulação das mãos, dos movimentos, dos pontos de articulações, dos pontos orientações e da expressão facial através do espaço visual, não auditivo. A finalidade disso é a leitura da Escrita de Sinais em Libras para a compreensão de receber o conforto linguística e cultura próprio da Língua de Sinais. E, também, a importância de registrar o signo escrito do sistema de *SignWriting* no texto, pois é no texto que o leitor consegue entender a relação da ideia escrita do autor ou escritor. Wanderley (2015, p. 61) esclarece que “A leitura é tida como a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita necessita ter uma base na leitura. Assim que ler e escrever são processos estreitamente ligados”.

É importante entender que as ações de escrever e ler andam juntas. Com a escrita logo começa o processo da leitura que envolve o entendimento. Assim Wanderley (2015, p. 61) já se posicionava que essas atividades da escrita e da leitura fossem inseridas logo na alfabetização e argumenta que “A relação entre as duas, de escrita e de leitura, devem estar unidas como alfabetização e letramento, que não podem ser separados para não ocorrer uma formação defeituosa”.

É indispensável que não sejam separadas a escrita da leitura, que se mantenham sempre simultâneas como na alfabetização e no letramento. Sem aprender o sistema da Escrita de Sinais na alfabetização, fica difícil acompanhar e entender esse sistema tanto na alfabetização quanto no letramento do sistema

*SignWriting*. Isso nos remete a noções importantes sobre a relação entre decifração e decodificação da leitura.

Calgliari (2002) explica a diferença entre decifração e decodificação da leitura, uma vez que ler é decifrar e decodificar um texto; é ação em que aquele que se propõe a ela precisa, antes, entender o que está escrito para depois compreender a linguagem usada. Em seguida, conforme o autor, decodificar todo o encadeamento que se lhe apresenta para que, por fim, possa reflexionar acerca do que absorveu e tirar suas conclusões e formalizar o conhecimento adquirido, traduzindo-o em ideias, sem esse encadeamento de ações, a leitura não se efetiva plenamente, uma vez que não se pode ler apenas pelo significado ou pelo significante. Para que se possa contar com uma realidade linguística, faz-se necessário decifração, decodificação, interpretação e reflexão textual para, então, falar em conhecimento.

Wanderley (2015, p. 62) apresenta as seguintes definições sobre decifração e sobre decodificação:

Decifração é interpretar um sistema de código para compreender um texto ou escrita, que deve reconhecer primeiro como são as regras desse código em qualquer língua que já está no padrão. [...]

Decodificar é poder interpretar um texto da escrita. Quando se tem mais materiais ou textos de outros autores em Escrita de Sinais para leitura, isso se desenvolverá de forma individual e se conseguirá organizar a produção das ideias ao escrever. [...].

Dessa forma, a importância de compreender que decifração é buscar o prévio do sistema de código para entender as regras das formas; enquanto a decodificar já é estar na escrita, logo os leitores conseguem entender a leitura do texto. Por isso, na leitura da Escrita de Sinais em Libras, deve-se começar pela decifração, ou seja, previamente entender as regras do sistema *SignWriting* e depois começa a decodificar para iniciar a leitura confortável para a compreensão da leitura.

Wanderley (2015, p. 62) mostra o objetivo da escrita:

[...] o objetivo da escrita é a leitura. Para quem vai escrever só é capaz de fazê-lo se souber ler o que escreve. Assim a leitura trará uma habilidade que precede a própria escrita e que é uma maneira de se aprender o que é escrever e qual a forma ortográfica das palavras. Não se pode sobrepor uma sobre a outra, tem que dar valor a cada uma para não perder o sentido, a criatividade, a reflexão, a percepção e a sensibilidade.

O objetivo acima mostra que os leitores precisam receber a escrita com conhecimento de informações, nessa medida, faz-se necessário desenvolver, também, a leitura da escrita de sinais em Libras para recepção do conhecimento amplo das informações.

O que se percebe é que é muitos surdos, como também a comunidade surda, desconhecem o sistema *SignWriting*. Por esse motivo, é preciso difundir, disseminar e esclarecer sobre o sistema de *SignWriting* para que os Surdos possam ler e entender a escrita de sinais, porque tais sinais compõem a primeira língua do Surdo, ou seja, a língua natural dele, o que poderá lhe dar o conforto em conseguir ler o que está escrito em Libras.

Assim sendo, observa-se o quanto a leitura da escrita de sinais em Libras é importante para a recepção e produção de conhecimentos e informações para os Surdos com conforto sobre as ideias e pensamentos que os escritores transmitem.

## 2.1 O TEXTO ESCRITO EM LIBRAS

A definição da palavra texto é um conjunto de palavras e frases encadeadas que permitem interpretação e transmite uma mensagem. De acordo com Nascente (1955, p. 719-729), em seu Dicionário Etimológico, a palavra “texto” vem do latim *texere* (construir, tecer), cujo particípio passado *textus* também era usado como substantivo, e significava 'maneira de tecer', ou 'coisa tecida', e ainda mais tarde, 'estrutura'. Foi no século 14 que a evolução semântica da palavra atingiu o sentido de "tecelagem ou estruturação de palavras", ou 'composição literária'.

Sabemos que o texto mostra a forma do conjunto de códigos da escrita para comunicar a interação através do escritor para o leitor. Dessa forma, o elementar é entender a regra do conjunto de códigos da escrita para facilitar a compreensão do texto para o leitor, que a relação entre escritor e leitor se estabelece por meio da linguagem, logo o leitor que tem apropriação da linguagem escrita, consegue acompanhar a leitura. Isso é a finalidade para entender a interação da comunicação do texto. Assim sendo Vargas (2021, p. 25) explica que:

[...] a essa vida quase apenas sensitiva, o mundo da linguagem oral e, depois, o da escrita, que a primeira palavra lida inaugura. E ler significará para sempre o ato de compreender e estabelecer relações inicialmente individuais com cada objeto ou ser que nomeia, ampliando-as mais tarde. [...].

Isso explica que, primeiramente, deve-se expressar em linguagem oral; começar a entender o que está escrito no texto, depois começar a escrever o texto que pode ser apresentado como uma produção não verbal ou verbal oral ou escrita, que necessita ser constituída por algum tipo de código e ter como objetivo a comunicação, em tempo e espaço determinados. Tem diversos formatos e, por isso, ampla definição.

Compreende-se o texto verbal, oral e/ou escrito como uma prática social que usa de estruturas verbais, organizadas, com características e estruturas linguísticas resultando num todo que cumpre uma função social, com papel pessoal ou coletivo na sociedade humana.

As diferentes teorias do discurso, surgidas a partir do momento em que a Linguística começou a se preocupar com o uso linguístico e as relações da utilização concreta da linguagem com o contexto socio-histórico, trabalham basicamente com dois conceitos distintos de texto. Algumas teorias o conceberam como um objeto de significação; outras, como um objeto histórico.

Greimas (1976, p.237-239) fala do texto como objeto de significação, logo, preocupa-se principalmente com os estudos sobre os mecanismos que geram o texto resultando em uma totalidade de sentido.

Neste trabalho, pensou-se no texto, incluindo o *SignWriting*, como um objeto linguístico que vem se aprimorando ao longo da história e se reinventando de acordo com as necessidades e habilidades humanas. Levando em consideração que nenhuma teoria do discurso deixa de afirmar que o texto é um objeto linguístico e histórico, reconhecemos que essa afirmação se aplica também ao *SignWriting*.

O *SignWriting* é uma forma de representação de escrita da Língua de Sinais, especificamente da Libras. Assim como outros sistemas de escrita, ele também se desenvolveu e se adaptou ao longo do tempo, levando em conta as particularidades e demandas da comunidade Surda.

Portanto, consideramos o *SignWriting* em Libras como parte desse objeto linguístico histórico que é o texto, reconhecendo sua importância e relevância na comunicação escrita dos Surdos. Ele representa uma forma de registrar e transmitir as características naturais da Língua de Sinais, contribuindo para sua preservação, difusão e valorização. Dessa forma, o *SignWriting* se insere no contexto do texto como um elemento linguístico e histórico que contribui para a diversidade e expressão linguística da comunidade Surda.

Cada texto se apresenta ao leitor com características próprias e diversas de outros textos, mostrando, assim, que não se pode contar o número exato de formas estruturais, linguagem, autores diferentes, contexto e intenções. Na realidade, cada texto tem seu modo diferente de expressar a ideia dos autores, logo os leitores conseguem entender e perceber que cada texto é produzido conforme um gênero textual que, por sua vez, terá a seu dispor, no momento de produção, de uma tipologia textual. Daí ter-se como gêneros textuais as notícias, crônicas policiais, de esporte, dados de economia, documentos variados, projeção sobre clima, novela, filme, blog, revista e vários outros que podem ser lidos, compreendidos, interpretados e analisados.

Na escrita de sinais em Libras, as análises de textos também podem ser realizadas, utilizando-se os mesmos princípios de análise textual, análise temática e análise interpretativa que são aplicados a textos escritos em outras línguas.

De acordo com Andrade (2018), a análise textual ocorre quando se quer mostrar uma visão global, assinalando estilo, vocabulário, fatos, doutrinas, épocas, autor, ou seja, um levantamento dos elementos importantes do texto.

Por outro lado, conforme Andrade (2018, p. 9), a análise temática é a identificação de ideia central e das secundárias, processos de raciocínio, tipos de argumentação, problemas, enfim, um esquema do pensamento do autor.

A análise interpretativa mostra a relação entre as ideias do autor em razão do contexto científico e filosófico de diferentes épocas, análise crítica ou avaliação; discussão e julgamento do conteúdo do texto (ANDRADE, 2018).

Ao realizar análises de textos em *SignWriting*, os pesquisadores e leitores Surdos experimentam um maior conforto linguístico, já que estão utilizando uma forma de escrita que lhes é familiar e autêntica. Isso proporciona a análise mais precisa e a compreensão mais profunda dos textos escritos em Libras, o que contribui para o avanço do conhecimento e a valorização da Língua de Sinais?

Essa importância é enfatizada ao considerarmos a utilização de textos de diversos autores para estudo. Cada indivíduo deve ter sua vontade respeitada ao escolher qualquer tipo de leitura que lhe seja mais conveniente e com a qual se sinta mais à vontade. O importante é que leiamos, pois, o texto desempenha um papel indispensável em nossas vidas. É por meio do texto que compreendemos os conhecimentos do cotidiano e estabelecemos comunicação. Sem textos, torna-se impossível adquirir entendimento e estabelecer interações significativas.

Para o texto em escrita de sinais em Libras, existe um conjunto de códigos da escrita de sinais, que é de domínio do sistema *SignWriting*. Quanto a esse código, Silva (2009, p. 53) explica que as [...] vantagens que a leitura e a escrita oferecem só terão efeito se o código linguístico utilizado for naturalmente acessível.

Hoje, já ampliando, aos poucos, o conhecimento sobre a escrita de sinais em Libras, que é o conhecimento, normalmente, usado pela Comunidade Surda, pode-se afirmar que a Língua Portuguesa faz parte da segunda língua para Surdos.

Para entender o básico da língua própria da comunicação entre Surdos usa-se a expressão oral que é a Língua de Sinais, que facilita o entendimento da comunicação através dos olhos e dos espaços. É o que se pode chamar de língua visual-espacial. Para Quadros (2019, p. 17):

A Libras é uma língua visual-espacial. Exibe-se em uma modalidade que utiliza o corpo, as mãos, os espaços e a visão para ser produzida e percebida. As palavras, as sentenças e os sentidos da Libras são produzidos por meio das mãos, do corpo e da face dentro do espaço à frente do sinalizante, numa composição de unidades menores combinadas para formar os sentidos, percebidos pela visão.

Conforme elucidado anteriormente, a Língua de Sinais determina cinco parâmetros, tais como: Configurações de Mão, Movimento, Ponto de Locação, Ponto de Orientação e Expressão Facial e Corporal. Esse conjunto de parâmetros da Língua de Sinais através da comunicação oral, logo começa a transcrição ao mesmo tempo da Escrita de Sinais em Libras. Por isso, esse conjunto de códigos da escrita de sinais facilita o entendimento próprio da articulação das mãos e expressão facial e corporal.

O texto em *SignWriting* difere da forma escrita alfabética convencional, pois utiliza representações escritas das mãos, bem como expressões faciais e corporais. Essa abordagem proporciona o maior conforto na compreensão das características próprias da *SignWriting*:

...um sistema de escrita com características gráficas-esquemáticas, que permite uma representação de textos de línguas de sinais através de uma forma intuitiva e de fácil compreensão. O sistema é constituído de um conjunto de símbolos e um conjunto de regras de escrita definidos para representar os diversos aspectos fonético-fonológicos das línguas de sinais. Desse modo, o *SignWriting* apresenta a feição de um sistema de escrita fonética para línguas de sinais, mas plenamente apto a suportar a delimitação de um subsistema de escrita de línguas de sinais que tenha

características estritamente fonológicas. (COSTA; STUMPF; FREITAS; DIMURO, 2004, p. 2).

As características gráficas-esquemáticas permitem mostrar a sinalização de cada sinal do texto, logo pode-se chegar à compreensão da escrita de sinais em Libras no texto. A finalidade do sistema de *SignWriting*, de acordo Stumpf (2005, p. 52) é “registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua vai adaptá-lo à sua própria ortografia. Para escrever em SignWriting é preciso saber uma língua de sinais”.

Conforme exposto, mostra-se a importância do *SignWriting* no registro do vocabulário em qualquer Língua de Sinais do mundo através da sinalização, por isso é indispensável para os Surdos e, também, para os Ouvintes que se interessam pelas Língua de Sinais de diferentes países. Sendo assim, é preciso adquirir ou buscar mais conhecimentos acerca das Línguas de Sinais do mundo, para preservá-las, a fim de que não desapareçam.

Reitera-se assim a perspectiva de que o texto está ligado à interação entre escritor e leitor. Entre eles, a comunicação através da Língua de Sinais para a escrita de sinais em Libras é muito importante, assim o leitor consegue acompanhar o texto da leitura da escrita de sinais.

Boutora (2003, p. 80) mostra que, como regra, a estrutura da escrita de sinais no texto configura da seguinte maneira:

Retângulos virtuais compreendem um conjunto de símbolos alinhados verticalmente. Um conjunto de símbolos representa um signo, quer dizer uma unidade lexical eventualmente associada a um complemento de informações gramaticais, os signos são separados por um espaço. No interior de um “signo e tiquete” ou “pilha”, os símbolos são colocados verticalmente segundo a lógica do corpo humano. Assim, o círculo que configura a cabeça suporta os símbolos que representam os elementos manuais. Os elementos não manuais (essencialmente os movimentos da face e o olhar) são inscritos dentro do círculo cabeça. (Tradução: STUMPF, 2005)<sup>2</sup>

A citação anterior mostra que a regra da escrita de sinais é feita de maneira vertical; raramente se usa horizontalmente. Por isso, no texto, cada sinal é deixado

---

<sup>2</sup> Des rectangles virtuels comprenant un ensemble de symboles empilés sont alignés verticalement. Un ensemble de symboles représente un signe, c’est-à-dire une unité lexicale éventuellement associée à un complément d’informations grammaticales, les signes étant séparés par un espace. A l’intérieur d’un «signe-étiquette» ou «pile», les symboles sont agencés verticalement selon la logique du corps humain. Ainsi, le cercle figurant la tête surplombe les symboles qui représentent les éléments manuels. Les éléments non manuels (essentiellement MF et regard) sont inscrits dans le cercle-tête.

separado um do outro. Isso facilita para que o leitor possa entender o texto. Diante disso, começa a leitura da esquerda para a direita e de cima para baixo. Stumpf (2005) explica a posição usada para se fazer a leitura da escrita de sinais:

[...] a notação e leitura do texto se efetue em colunas da esquerda para a direita. Uma composta três trilhos: O trilho do meio representa o eixo central que passa pela cabeça e o meio do corpo em posição neutra; os trilhos da esquerda e da direita permitem delimitar duas sub-colunas simétricos em relação é trilha central. Essas duas sub-colunas e os dois trilhas externas servem para criar referências de deslocamentos em relação à posição neutra do corpo e da cabeça. Passamos a dispor então de quatro posições possíveis sobre um mesmo eixo horizontal. Essa escrita em colunas procura solucionar o interrogante de como escrever uma língua tridimensional num espaço plano como é o papel. (STUMPF, 2005, p.54).

A explicação sobre as regras escritas do texto facilita para que o leitor possa entender a estrutura das regras do sistema *SignWriting*. A partir disso, no texto produzido a partir da escrita de sinais, o leitor consegue entender a estrutura e a forma de como organizar o sistema *SignWriting* com maior conforto. Assim, conforme Stumpf (2005, p. 53), sobre a forma do sentido da leitura, tem-se que “as últimas evoluções sofridas pelo *SignWriting* mudam o sentido da leitura do texto com a apresentação com colunas, começando pela coluna da esquerda”.

Por esses motivos, é essencial que tenhamos conhecimento sobre o sistema *SignWriting* para que sejam produzidas mais obras em Escrita de Sinais em Libras o que trará aos leitores surdos mais conforto e conhecimento social e cultural. Por isso, é importante mostrar o padrão das regras do sistema *SignWriting* e também o conhecimento da estrutura da escrita de sinais. Stumpf (2005, p. 58) mostra como é a estrutura do sistema de *SignWriting*:

A estrutura é composta de informações referentes às mãos, movimento, expressão facial e corpo. O *SignWriting* abrange parâmetros que o sistema de Stokoe e a maioria dos sistemas não incluem. A expressão facial e os movimentos do corpo são muito importantes para as línguas de sinais.

Por isso, Stumpf (2005, p. 53) explica que “[...] ELS é o de autor aquilo que o escritor produz sinalizado como ele vê, e não como uma notação de ponto de vista receptivo que inverte a perspectiva, como em um espelho e que teria mais de transcrição do que de escrita”.

É importante a interação entre autor e leitor do texto da escrita de sinais em Libras e, nessa perspectiva, é fundamental o conhecimento do código e das regras da escrita para que o leitor reconheça o texto e crie o hábito de leitura.

[...] inicia-se primeiramente com objeto de escrita, o registro da Libras numa forma direta de expressar o pensamento, a partir de um texto lido ou uma história imaginada e produzida, sem a utilização da transcrição dos vídeos em Libras, [...]. (WANDERLEY, 2017, p.60-61).

Se os leitores têm o hábito da leitura do texto em escrita de sinais, logo se apropria da leitura e se sente confortável com isso, uma vez que essa é a sua Língua de Sinais. Barreto e Barreto (2015, p. 93) explicam o conforto da velocidade da leitura:

Leitores proficientes conseguem ler longos textos apenas os olhos, sem precisam pronunciar, isto é, expressar sinal por sinal. Neste sentido, é importante notar que, assim como nas Línguas Orais, a velocidade de leitura depende de inúmeros fatores, dentre os quais está o nível de pré-conhecimento do assunto.

Por isso, faz-se necessário que o leitor, visando proporcionar um maior conforto linguístico, conheça antecipadamente o sistema *SignWriting* e, assim, compreenda bem a estrutura do texto. Os leitores, com esse conhecimento prévio, conseguem ler normalmente cada signo escrito da estrutura do texto, pois já estão familiarizados com os conhecimentos linguísticos necessários.

Barreto e Barreto (2015) realizaram uma pesquisa na qual investigaram a importância do *SignWriting*. Os autores abordaram o tema destacando a relevância desse sistema de escrita para a comunicação e o acesso à informação dos Surdos. Suas análises ressaltaram como o *SignWriting* contribui para a superação das limitações da comunicação oral e escrita em línguas faladas, proporcionando uma forma de expressão mais direta e autêntica na Língua de Sinais.

Os resultados da pesquisa revelaram que o *SignWriting* desempenha um papel crucial na promoção da inclusão e no fortalecimento da identidade Surda. Ao permitir que a Língua de Sinais seja representada de forma escrita, o *SignWriting* amplia as possibilidades de comunicação e interação dos Surdos, não apenas dentro da comunidade Surda, mas também com o mundo ao seu redor.

Além disso, Barreto e Barreto (2015) destacaram como o *SignWriting* contribui para a preservação e o desenvolvimento das Línguas de Sinais, possibilitando sua documentação, estudo e disseminação. Esse sistema de escrita

de sinais torna-se uma ferramenta valiosa para a educação bilíngue, facilitando o ensino e a aprendizagem da Língua de Sinais e promovendo uma educação inclusiva e de qualidade para os Surdos.

Portanto, a pesquisa realizada por Barreto e Barreto (2015) enfatiza a importância do *SignWriting* como uma ferramenta linguística e educacional que potencializa a comunicação, a expressão e o desenvolvimento dos Surdos, contribuindo para a valorização das Línguas de Sinais e para a promoção da inclusão e igualdade de oportunidades para a comunidade Surda.

- Permite ao surdo expressar-se livremente, mostrando sua fluência na Língua de Sinais, ao contrário da escrita da Língua Oral;
- Aumenta o *status* social da Língua de Sinais quando mostra que o surdo tem uma escrita própria;
- Ajuda a melhorar a comunicação;
- Contribui com o desenvolvimento cognitivo dos surdos, estimulando sua criatividade, organizando seus pensamentos e facilitando sua aprendizagem;
- Mostra as variações regionais da Libras, enriquecendo-a;
- Permite aprender outras Línguas de Sinais;
- Auxilia a pesquisa das Línguas de Sinais;
- Pode ser usada na construção de dicionários glossários diretamente em Língua de Sinais;
- É mais prática do que a gravação de uma sinalização em vídeo, pois permite escrever e ler textos em Língua de Sinais em qualquer lugar, basta papel e lápis;
- Pode ser usada em qualquer disciplina escolar ou universitária: geografia, matemática, ciência, etc.;
- Preserva a Língua de Sinais, registrando a história, cultura e literatura, através de roteiros de teatros, poesias, histórias, contos, humor, etc.;
- Pode ser usada por professores para ensinar a Língua de Sinais e sua gramática para iniciantes e também pelos próprios aprendizes de Língua de Sinais para lembrar o que foi estudado em sala de aula, com muito mais eficácia e praticidade do que desenhos ou anotações em Português;
- Auxilia os tradutores intérpretes de Libras na preparação para a interpretação e também no registro de novos sinais aprendidos;
- Permite também que o aluno surdo faça anotações enquanto assiste a uma aula, palestra, etc. e não fique apenas como espectador;
- Torna mais fiel a transcrição de sinalizações em *corpora* vídeo por pesquisadores, do que o uso de glosas da Língua Oral como em [EU IR CASA P-E-D-R-O], além do que, torna sigilosa a identidade do sinalizador – o que não acontece na utilização de vídeos, onde o sinalizador muitas vezes já é conhecido, fator que pode influenciar as análises. (BARRETO; BARRETO, 2015, p.81-82).

Todos os aspectos mencionados destacam a importância de trabalhar com o *SignWriting*. Esses aspectos incluem a promoção da fluência na Língua de Sinais, o desenvolvimento da escrita própria da Língua de Sinais, a facilitação da comunicação, o estímulo cognitivo proporcionado pela prática da Escrita de Sinais, o reconhecimento das variações regionais, a capacidade de aprender diferentes

Línguas de Sinais, a contribuição para pesquisas, a produção de dicionários e glossários, a possibilidade de gravação em vídeo, a inclusão da disciplina de Escrita de Sinais nas escolas, o registro em qualquer lugar, o ensino por parte dos docentes, a interpretação de sinais, a anotação em qualquer lugar e a transcrição de sinalizações.

Vê-se então que existe outra modalidade da Escrita de Sinais em Libras, que, ao considerar o conforto linguístico, é importante ressaltar que há uma norma padrão da modalidade escrita de texto, assim como a forma escrita alfabética no mundo, e cada uma segue suas próprias regras estruturais. Da mesma forma, a Escrita de Sinais em Libras, como o sistema *SignWriting*, existe consoante às regras estruturais de alguns países, proporcionando aos leitores Surdos o maior conforto na leitura e compreensão dos textos escritos em Libras.

## 2.2 A INTERAÇÃO AUTOR–TEXTO–LEITOR

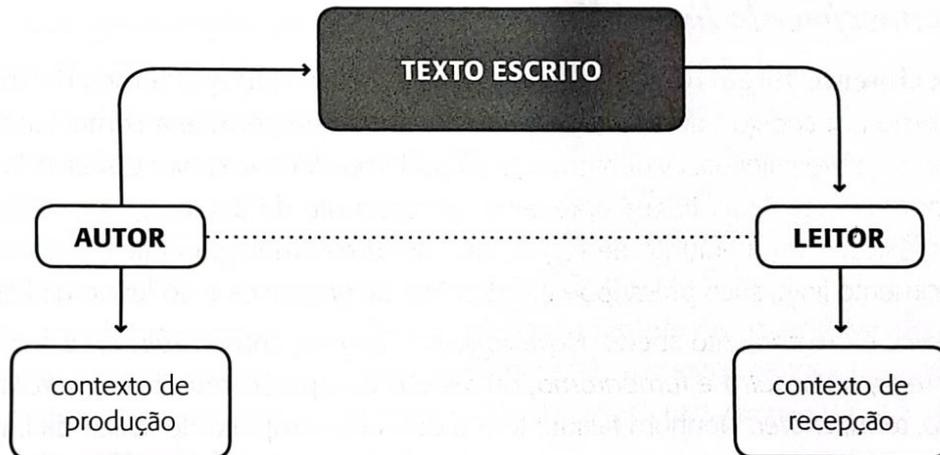
Considerando-se o pressuposto de que o texto é lócus de interação de sujeitos sociais, os quais, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos, Kleiman (2009) enuncia que a atividade de leitura corresponde a uma interação entre leitor e autor distantes via texto. Assim, a tarefa do autor consiste em apresentar o texto usando argumentos, evidência convincente, de maneira organizada, deixando-lhe pistas, a fim de que seu objetivo seja atingido. Com isso, o leitor, usando experiências próprias anteriores àquela leitura, poderá construir um amplo significado para o texto no processo de leitura.

No processo da leitura, por exemplo, esses elementos podem ser o leitor e o texto, o leitor e o autor, as fontes de conhecimentos envolvidas na leitura, existentes na mente do leitor, como conhecimento de mundo e conhecimento linguístico, ou ainda, o leitor e os outros leitores. No momento em que cada um desses elementos se relaciona com o outro, no processo de interação, ele se modifica em função desse outro. (LEFFA, 1999, p. 14-15).

Entende-se, assim, que a leitura, no processo interativo, autor/texto/leitor, exige do leitor um conhecimento prévio que possa estar de acordo com o teor do texto. Por meio da leitura, no momento que realiza a leitura, o cérebro do leitor ativa as experiências vividas. Ademais, quem lê precisa ter a competência necessária para interpretar o que o autor do texto escreveu e para que haja interação entre

autor e leitor (Figura 5), é preciso que o detentor da palavra, seja claro, de modo que possa permitir a reconstrução de significados e a intenção comunicativa.

Figura 5 -Interação entre autor e leitor pelo texto escrito



Fonte: Terra (2019, p.173).

Para nosso estudo, a interação com o texto é fator importante, uma vez que entendemos a identificação do leitor com o texto no sentido do prazer de ler, de identificação com um texto cujo registro gráfico é materializado por meio da visualidade própria da Língua de Sinais e, assim, criar uma ligação entre o leitor, entre o assunto tratado no texto e o autor. Em nosso entendimento, a partir da identificação do leitor Surdo com o texto em Libras é possível que os sentidos sejam construídos no processo de leitura.

Falar em leitura é pensar na produção de sentidos que o texto constrói, a partir da interação entre leitor e autor que se expressam individualmente, no momento de suas ações leitoras/escritoras. Assim, é certo dizer que o texto não tem sentido único, posto que se constrói, mediante as experiências de cada leitor e a cada leitura, sem trazer apenas o sentido previsto pelo autor, mas abrindo um leque de possibilidades de sentidos, pois, na produção de sentidos, o papel ativo é desempenhado pelo leitor que, segundo seus valores, suas experiências e seus conhecimentos, realiza inferências capazes de fazê-lo olhar o texto como coprodutor, construindo novos conhecimentos, ativando lembranças e relacionando informações trazidas pelo texto lido que lhe permitem elaborar novos diálogos, criar outros personagens, engendrar novas ações e até sugerir conclusões diferentes.

Para a concepção do sentido no que diz respeito à leitura, Koch e Elias (2021, p.11) mostram o conceito de uma atividade interativa que é altamente

complexa de produção de sentidos e que se realiza evidentemente baseado nos elementos linguísticos que estão presentes na superfície textual e na forma em que estão organizados, mas ao mesmo tempo exige-se a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Koch e Elias (2021) enfatizam que a concepção do sentido durante a leitura é uma atividade interativa complexa, na qual estão envolvidos elementos linguísticos presentes no texto e a forma como estão organizados. Nesse processo, é necessário mobilizar um amplo conjunto de conhecimentos dentro do evento comunicativo e ao relacionar essa ideia com a Escrita de Sinais podemos compreender que a leitura de textos escritos em *SignWriting* também requer essa atividade interativa complexa para a produção de sentidos. Os leitores Surdos que estão familiarizados com o sistema *SignWriting* e possuem um maior conforto linguístico na leitura dos signos escritos podem mobilizar esse conhecimento durante a leitura, o que contribui para uma compreensão mais rica e precisa dos textos em Libras.

Assim, a mobilização dos saberes linguísticos e do conhecimento específico da *SignWriting* durante a leitura dos textos em Libras possibilita uma interação mais significativa com o texto, permitindo a construção e a atribuição de sentido de forma mais eficaz e enriquecedora.

Para que o leitor se informe, é necessário que haja entendimento daquilo que ele lê. Por exemplo, existem textos completamente acessíveis ao leitor como os jornais, revistas não especializadas entre outros, mas em alguns casos o leitor já sabe que não entenderá completamente o conteúdo da matéria que está a sua frente, precisando assim estar disposto a superar essa dificuldade se deseja ter o acesso à informação (FAULSTICH, 2014, p. 13).

Um texto só pode ser reconhecido como tal se fizer sentido para um leitor, caso contrário ele não cumprirá seu propósito fundamental. Isso significa dizer que ler está além de decodificar, embora a decodificação seja imprescindível para a leitura (TERRA, 2019, p. 172). Segundo Terra (2019, p. 174), “ler é construir e este não está no texto, mas é construído na interação a partir de pistas espalhadas pela superfície do texto”.

A leitura torna possível, de modo muito eficaz, a ampliação do vocabulário e a interação entre os indivíduos havendo uma troca de conhecimento colaborativo uma vez que uma expressão que faz parte do vocabulário passivo de alguém pode

pertencer ao vocabulário ativo de outra pessoa. Sendo assim, a leitura é o melhor meio de ampliar o vocabulário, pois estamos sempre aprendendo palavras para serem usadas na interação ou ainda para produzirmos textos (TERRA, 2019, p. 174-175).

Leitores habilidosos são capazes de ler textos longos sem sequer pronunciar uma palavra, apenas acompanhando com os olhos. Nota-se nas línguas orais esta relação entre o nível de “pré-conhecimento do assunto” (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 93) com a agilidade da leitura ou acompanhar o sentido do texto consumido. Este conhecimento de mundo ou do assunto acompanhado no texto, se faz tão importante quanto o conhecimento linguístico e textual, isso porque um texto representa a realidade, produzida em um determinado tempo, em um determinado contexto, com uma determinada intenção. Além disso, um texto também se comunica com outros textos fazendo referências a saberes presentes em outros textos uma vez que “todo discurso é atravessado por outro, todo dizer se apoia em um já dito” (TERRA, 2019, p. 177).

### 2.3 SISTEMA DE CONHECIMENTOS DO PROCESSO TEXTUAL

O sistema de conhecimentos do processo textual apresenta a relação entre a troca daquilo que o autor escreve no texto e o leitor ao lê-lo. Pelo sistema de conhecimento, Koch e Elias (2021) explicam que:

[...] o processamento textual é estratégico significa que os leitores, diante de um texto, realizam simultaneamente vários passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficiente, flexíveis e extremamente rápidos. (KOCH; ELIAS, 2021, p.39)

A citação explica que, ao iniciar a leitura de um texto, o leitor recebe o sentido por meio da compreensão e é capaz de entender o processo textual. Esse processo é indispensável para auxiliar na organização do texto, facilitando que os leitores acompanhem a leitura com conforto.

Além disso, o sistema de compreensão envolve a utilização de quatro sistemas de conhecimento: (a) conhecimento linguístico, (b) conhecimento enciclopédico (mundo), (c) conhecimento textual e (d) conhecimento interacional.

Esses sistemas de conhecimento são fundamentais para a compreensão mais aprofundada do sentido do texto.

### 2.3.1 Conhecimento Linguístico

O conhecimento linguístico é o compartilhamento linguístico entre os falantes de fatos inerentes à língua utilizada por eles. Conforme destacado Oliveira (2005), por exemplo, pensando em falantes nativos da língua portuguesa, ainda que desconheçam as normas que regem o idioma, rejeitariam a frase “Menina bom o”; diriam “A menina boa”. A ordem estaria em desacordo com o que se pratica e saberiam intuitivamente que “menina” é feminino e “bom” é masculino e que, por isso, algo não estaria correto, além da colocação do artigo no final da frase não ser usual. Então, frases como “Menina bom o” não ocorrem em português. Esse conhecimento é parte do saber do falante nativo que não precisa ter conhecimentos sobre a gramática normativa reguladora do uso do idioma, principalmente, no que tange à modalidade escrita da língua, muitas vezes diferente da realidade da língua cotidiana. O que leva a reconhecer que o *conhecimento linguístico* é diferente do conhecimento gramatical normativo.

O conhecimento linguístico envolve o conhecimento gramatical e lexical incorpora o tipo de conhecimento que usamos para compreender, ou seja, a organização do material linguístico na superfície textual, bem como a seleção lexical que faz referência ao tema ou aos modelos cognitivos utilizados (KOCH; ELIAS, 2021, p.40).

Logicamente só podemos ler e escrever em uma língua que conhecemos e uma vez que cada língua possui sua própria gramática, seu conjunto de regras, quando falamos que um indivíduo tem o conhecimento linguístico pressupõe um domínio da gramática e do léxico da língua (TERRA, 2019, p. 174).

No contexto do *SignWriting*, o conhecimento linguístico refere-se ao domínio das regras gramaticais, estruturas e convenções específicas da Escrita de Sinais. Envolve a compreensão dos elementos visuais, gestuais e espaciais utilizados na representação escrita das línguas de Sinais, bem como a seleção adequada dos sinais para expressar significados precisos.

Ter conhecimento linguístico no *SignWriting* é fundamental para ler e escrever textos nessa modalidade de escrita e garantir a comunicação efetiva em

línguas de Sinais. Isso inclui compreender a organização dos sinais, as combinações de movimentos, configurações de mãos e expressões faciais utilizadas na Escrita de Sinais.

### 2.3.2 Conhecimento Enciclopédico

O conhecimento enciclopédico, conforme descrito por Koch e Elias (2021), refere-se ao conhecimento adquirido por meio das experiências no meio social, como a exposição à televisão e o estilo de vida, por exemplo. Ele engloba o conhecimento armazenado na memória de longo prazo e é conhecido como conhecimento de mundo. Além disso, os conhecimentos funcional, comunicacional, metacomunicativo, metacognitivo e superestrutural são abrangidos pelo conhecimento interacional, que diz respeito aos conhecimentos sobre as ações verbais. No contexto da linguagem, é o conhecimento superestrutural que possibilita a interação entre os indivíduos.

O conhecimento enciclopédico no *SignWriting* contribui para enriquecer a expressão e a compreensão dos sinais escritos, pois permite que os usuários utilizem referências e contextos específicos ao redigir ou interpretar textos nessa forma de escrita.

O conhecimento superestrutural, também chamado de conhecimento sobre gêneros textuais, tem base na definição que diferencia cada gênero textual dada à capacidade do leitor de reconhecer e diferenciar um conto de um artigo científico sem que as características destes gêneros estejam explícitas no texto lido.

É importante compreender que, para que se processe um texto, faz-se necessário, segundo Koch e Elias (2021), que se recorra a três sistemas de conhecimentos: o linguístico; o enciclopédico e o interacional.

O conhecimento de mundo se refere aos conhecimentos gerais sobre o mundo, bem como a conhecimentos alusivos às vivências pessoais e eventos em determinado espaço e tempo tornando possível a produção de sentidos espacio-temporalmente situados, permitindo a produção de sentidos (KOCH; ELIAS, 2021, p.42).

No caso do conhecimento enciclopédico, se refere àquele que pode ser adquirido pela vivência, por este motivo os adultos costumam ter um conhecimento enciclopédico maior e mais amplo que as crianças. A leitura tem papel importante para ampliar o conhecimento enciclopédico e quanto maior for este conhecimento

mais facilitado será a compreensão de textos dos mais variados tipos, bem como proporcionará uma leitura mais fluente, uma vez que o indivíduo não precisará parar a leitura para buscar uma informação da qual já tem conhecimento (TERRA, 2019, p. 178).

De acordo com Lajolo (1997, p. 7), lemos para entender o mundo e viver melhor, mas não nascemos sabendo ler, logo se aprende enquanto se vive. Para entender o básico da variação existente entre as línguas faladas, línguas de Sinais e a forma a registra a escrita, varia de uma região para outra. Cada região sofre influência da cultura do local que habita, como a maneira de falar e escrever. As Variações de Sinais são de acordo com cada região, sofrendo influência na convivência da cultura e dos costumes da comunidade. Por isso, Surdos e Ouvintes costumam usar a codificação da comunicação entre emissor e receptor, usando a língua das regiões que habitam.

Em suma, o conhecimento superestrutural, enciclopédico e interacional desempenha papéis fundamentais na compreensão e produção de textos. O conhecimento superestrutural permite ao leitor reconhecer e diferenciar diferentes gêneros textuais, mesmo que suas características não estejam explicitamente presentes no texto. O conhecimento enciclopédico, adquirido por meio de experiências e vivências, amplia a compreensão do mundo e facilita a interpretação de textos variados. Por sua vez, o conhecimento interacional abrange a compreensão das interações verbais, contribuindo para a interação entre emissor e receptor (KLEIMAN, 2016).

A leitura desempenha um papel crucial no desenvolvimento desses conhecimentos, permitindo uma compreensão mais aprofundada do mundo e uma melhor qualidade de vida. Portanto, a leitura é uma prática contínua e em constante expansão, essencial não apenas na escola, mas ao longo de toda a vida. A variação existente entre as línguas faladas, Língua de Sinais e suas formas de escrita estão intrinsecamente ligadas às influências culturais e regionais, refletindo a diversidade e os costumes das comunidades. Tanto Surdos quanto ouvintes se adaptam à codificação comunicativa de suas regiões, utilizando a linguagem específica dos locais onde vivem.

### 2.3.3 Conhecimento Textual

O conjunto de noções e conceitos relacionados ao texto, de acordo com Kleiman (1995, p.16), é formado pelas inúmeras tipologias textuais como: injunção, descrição, narração, exposição etc., e pelo modo como suas estruturas linguísticas se estabelecem. A exemplo disso, pode-se pegar uma receita de bolo e apontar-lhe a estrutura textual discursiva como injuntiva, dada a presença dos verbos imperativos indicando orientação.

No que se refere ao conhecimento textual, faz-se necessário dizer que o leitor, de acordo com o tipo de texto que vai ler, ativa seu conhecimento de tipologia textual. Cada tipo tem características próprias que, por sua experiência leitora, pode definir qual gênero tem em mãos e possa, por isso, melhor compreender aquilo que está lendo e decidir como ler o texto, pois não se lê, por exemplo, dois tipos diferentes de textos da mesma forma.

Quando um leitor Surdo possui conhecimento de um amplo vocabulário de sinais, o conforto linguístico aumenta significativamente durante a leitura. É fundamental que o Surdo esteja familiarizado com a codificação dos sinais e a articulação das mãos ao ler a escrita, a fim de garantir a interação comunicativa fluente durante o processo de leitura. Caso o Surdo não compreenda a leitura dos sinais, é considerado analfabeto nessa modalidade e, portanto, é necessário frequentar programas de alfabetização específicos para adquirir essa habilidade. O acesso à alfabetização em *SignWriting* é fundamental para garantir que os Surdos possam participar plenamente da comunicação escrita e desfrutar do conforto e da fluência linguística durante a leitura.

A leitura tem como objetivo principal incentivar a ampliação do conhecimento vocabular, o que, por sua vez, aprimora a compreensão do texto. Ao se envolver com a leitura, o leitor se depara com novas palavras e seus significados, o que estimula a imaginação e proporciona uma experiência mais enriquecedora.

Quando o leitor possui conhecimento das regras e estruturas textuais, ele pode aproveitar o conforto linguístico para compreender o texto de maneira mais efetiva. Por meio desse processo, a leitura se torna uma ferramenta poderosa para expandir horizontes, adquirir novos conhecimentos e desfrutar da riqueza da linguagem escrita.

#### 2.3.4 Conhecimento Interacional

Ler é produzir sentidos por meio do texto e a partir da interação entre leitor e autor que se expressam subjetivamente quando de suas ações leitoras/escritoras. Assim, o texto se ressignifica a cada leitura sem trazer o sentido único atrelado ao autor. Essa plurissignificação se dá devido ao papel ativo que é desempenhado pelo leitor na construção de sentidos baseados em seus valores e experiências. Assim, o leitor, por meio das inferências, torna-se o coprodutor do texto, construindo novos conhecimentos, ativando lembranças e relacionando informações trazidas pelo texto lido que lhe permitem elaborar novos diálogos e até outro epílogo, daí a importância da leitura significativa, primeiramente, como fonte de reflexão, possibilitando transformações contextuais variadas do ponto de vista do leitor.

Ler é, portanto, produzir sentidos baseados nessa interação, é um grande processo em que o leitor precisa ter conhecimentos prévios à leitura. Dentre esses conhecimentos estão o linguístico, o conhecimento mundo, o conhecimento textual e o conhecimento interacional. Tais conhecimentos estão interligados e são indispensáveis à compreensão de um texto e, conforme Kleiman (2016):

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. (KLEIMAN, 2016, p.15).

A relação entre o escritor e leitor pode se relacionar a partir da compreensão e sentidos gerando os conhecimentos, no entanto, é importante para ambos tenham um conhecimento prévio que possa subsidiar a ação daquele que lerá o texto escrito.

O leitor utiliza diversos níveis de conhecimento que interagem entre si e, por esse motivo, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer, com segurança, que, sem o envolvimento daquilo a que se chama conhecimento prévio do leitor, não haverá compreensão do que está escrito no texto.

O conhecimento interacional se refere “às formas de interação por meio da linguagem e engloba os conhecimentos: ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural” (KOCH; ELIAS, 2021, p.45). Como ser social, o homem interage pela linguagem usando suas faculdades para falar, ouvir, ler e

escrever tornando possível a socialização por intermédio da língua (TERRA, 2019, p. 171).

Na leitura usamos não somente os conhecimentos linguísticos, mas as habilidades referentes à organização do texto, a competência textual é usada para ler e produzir textos (TERRA, 2019, p. 176). A interação entre o autor e o leitor ocorre por meio do texto escrito, este é o “local” que eles dialogam entre si, pode-se dizer que a conversação e a interação também acontecem por meio de textos, sendo que neste caso o texto é falado, obviamente havendo características diferentes entre os dois.

No caso da produção textual, o autor tenciona transmitir uma informação ao leitor que irá (re) construir o sentido com base em seus conhecimentos prévios e nas “pistas” que são deixadas pelo autor na superfície textual. Dessa forma, o sentido está, na verdade, na (re) construção do leitor ao interagir e não no texto em si. A partir daí, pode-se dizer que existem diferentes construções de sentidos de um mesmo texto, variando de acordo com a (re) construção de cada leitor. Mas isso não significa dizer que qualquer sentido é permitido na construção do leitor mediante a interpretação da produção, é preciso que este sentido seja autorizado pelo texto (TERRA, 2019, p. 172).

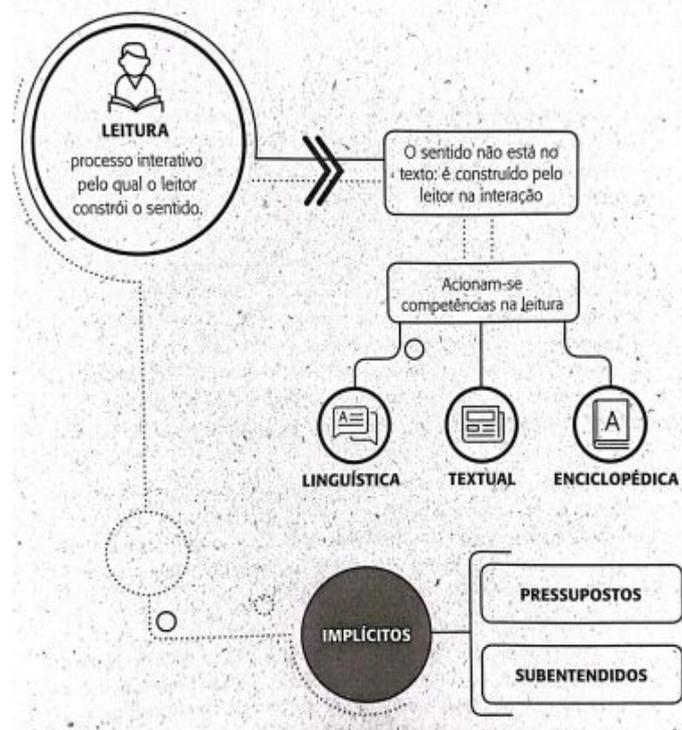
Na interação do texto são percebidos os hábitos da sociedade representada nas figuras do leitor e autor do texto em busca de percepções e significações relevantes no diálogo estabelecido. Por outro lado, o texto em *SignWriting*, quando os leitores Surdos conhecem o conjunto de códigos do signo escrito, isso favorece o desenvolvimento da compreensão. O conhecimento interacional no contexto da escrita em *SignWriting* está relacionado às formas de interação por meio da linguagem. Através do texto escrito, autor e leitor estabelecem um diálogo, sendo que essa interação ocorre por meio de textos escritos, com características distintas.

Na produção textual, o autor tem a intenção de transmitir uma informação ao leitor, que irá reconstruir o sentido com base em seus conhecimentos prévios e nas pistas deixadas pelo autor no texto. Assim, como dito, o sentido reside na reconstrução do leitor durante a interação e não no texto em si. Dessa forma, diferentes leitores podem construir sentidos diversos a partir de um mesmo texto, variando de acordo com sua reconstrução subjetiva e individual.

No contexto do *SignWriting*, essa interação ocorre por meio da leitura e interpretação dos textos escritos nessa forma de escrita em línguas de sinais.

Nessa perspectiva, leitura, texto, interação e conhecimentos são essenciais para que nossos leitores possam a dispor da compreensão da leitura e do conforto linguístico. A figura 6 esclarece a compreensão de nosso conforto linguístico.

Figura 6- Esquema da leitura, texto, interação e conhecimentos.



Fonte: Terra (2019, p. 189).

## 2.4 A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E SEU REGISTRO ESCRITO

É importante mostrar a relação entre a Língua Brasileira de Sinais e a Escrita de Sinais. Essa relação pode desenvolver e tornar melhor o entendimento da língua para o conforto da comunidade Surda. A Língua de Sinais é fundamental na convivência e comunicação entre Surdos. O sistema Sutton de Escrita da Língua de Sinais é fundamental para escrever e ler em Libras, com o entendimento através dos sentidos aumentando a compreensão e a emoção.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é a principal língua usada pela Comunidade Surda do país. O reconhecimento desta língua no Brasil datou do ano de 2002, conforme registrado na Lei nº 10.436 em 2002 (BRASIL, 2002), resultado da luta do povo Surdo. A referida lei informa:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Esse reconhecimento não perpassa apenas pela promulgação desta e de outras legislações que tratam do assunto, mas também pela implementação de políticas linguísticas que, de fato, garantam os direitos dos Surdos sinalizantes e de sua língua. Como exemplos, citamos o acesso às informações em Língua de Sinais e a contratação de tradutores e intérpretes de Libras-Português nos diversos âmbitos do setor público. Mori e Sander (2015) pontuam:

Surge o redescobrimto e a oficialização da língua de sinais pelos mais diversos países do mundo. O termo redescobrimto é usado aqui no sentido de que já era usado há anos pelos surdos nas suas comunidades. Contudo, o mundo das pessoas ouvintes, os governos e as universidades não viam, não percebiam e não aceitavam que a língua de sinais pudesse ser uma língua. Aliás, foi nesta época que também se percebeu que haviam línguas de sinais, que não eram universais e que cada país possuía sua língua de sinais. (MORI; SANDER, 2015, p.8).

Portanto, antes de sua oficialização em 2002, a Libras já circulava no país, em diferentes comunidades locais. Essa Lei é, portanto, um marco no país. Acrescenta-se ainda que a Língua de Sinais tem uma natureza comunicacional, que se materializa no corpo. A Libras é uma língua de modalidade visual-motora, ou seja, o canal de recepção são os olhos e é expressada, principalmente, pelas mãos, braços e expressões faciais.

As informações acima mostram que a Língua de Sinais oferece um conforto linguístico aos Surdos quando comparada à articulação das mãos à articulação labial, isto é, uma língua de modalidade vocal-auditiva, cujos canais são respectivamente a boca e a audição. Portanto, é mais difícil se comunicar através da articulação da boca, por isso, geralmente, os Surdos não conseguem entender a

comunicação oralizada. Alguns Surdos usam aparelhos auditivos e implante coclear para melhorar essa interação linguística, mas não funciona de modo completamente natural se comparado com as pessoas ouvintes. Monteiro (2006) mostra que:

Também ainda há muito caminho a ser percorrido até que os Surdos consigam o direito de ter profissionais capacitados entre os professores Surdos e professores ouvintes e entre os intérpretes de LIBRAS, que possam garantir-lhes o acesso pleno aos conhecimentos socialmente compartilhados. (MONTEIRO, 2006, p. 295).

A interação social dos Surdos depende da comunicação em Língua de Sinais. Em nosso país, infelizmente, continuam sendo precárias as ações por parte do Governo nas diferentes instâncias em contratar profissionais para o atendimento em Libras nos serviços públicos e também no ensino de Libras para a população, em especial nas escolas, a fim de que a Libras seja, de fato, uma língua usada em nosso país, não apenas pela comunidade Surda.

No mundo existem outras Línguas de Sinais usadas nos diferentes países. Essas línguas nacionais são conhecidas e/ou usadas pelos integrantes da comunidade Surda brasileira. Já no Brasil, há outras Línguas de Sinais usadas, porém, são geralmente em territórios mais afastados dos grandes centros.

Silva (2009), em sua tese, listou essas Línguas de Sinais brasileiras e também outras que são consideradas emergentes no mundo. Muitas delas circulam em zonas fronteiriças. Segundo a autora, seu levantamento aponta “aproximadamente vinte e uma línguas de sinais utilizadas pelas comunidades Surdas e por comunidades isoladas no Brasil, identificadas nas zonas rurais e em comunidades indígenas” (p. 9).

Há também as variações linguísticas da Libras que vem sendo estudadas ao longo dos últimos anos em pesquisas em nível de mestrado e doutorado no Brasil, como Delgado (2012), Albuquerque (2013), Santiago e Andrade (2013) e Machado (2016). Essas pesquisas têm inventariado os sinais que circulam nos estados brasileiros, sob a perspectiva da Sociolinguística, e tem demonstrado a riqueza lexical da Libras.

Ribeiro (2016) apresenta o seguinte conceito da *SignWriting* (Escrita de Sinais):

SW é um sistema visual de escrita que torna possível ler, escrever e digitar qualquer Língua de Sinais do mundo. SW utiliza símbolos visuais que representam configuração de mão, movimento e expressões faciais de qualquer Língua de Sinais. (RIBEIRO, 2016, p. 24-25).

O pequeno texto da definição indica que a Escrita de Sinais é representada através da interação, a comunicação do papel da Língua de Sinais entre leitor e escritor. Isso é indispensável na informação da escrita para a comunidade Surda.

A palavra *SignWriting* foi escolhida por Valerie Sutton como um sistema da Escrita de Sinais. Essa abordagem tem como objetivo registrar e destacar a relevância da Língua de Sinais como meio de comunicação na sociedade Surda.

No sistema da Escrita de Sinais apresenta-se a importância da escrita pelo movimento das mãos e pelo movimento corpo, ou seja, apresentando-se em cinco parâmetros, tais como: Configuração de Mão, Movimento do Corpo, Ponto de Articulação, Ponto de Orientação e Expressão Facial e Corporal.

Na realidade, muitas pessoas acreditam que a Escrita de Sinais é apenas um conjunto de desenhos, mas na verdade vai além disso. É o meio de escrita, pois existe o código, a forma de escrever unida à expressão do produtor do texto. É, portanto, a ligação da Escrita de Sinais com a Língua de Sinais, cada sinal tem a própria ferramenta que é representada pelo grafema ou pilha. Esse grafema ou pilha mostra que o conjunto de ferramentas dos sinais que se apresenta em cinco parâmetros. Pedrosa e Azevedo (2019) explicam que:

Cada grafema é posicionado de acordo com a estrutura do corpo humano, o que também facilita a compreensão do que está escrito, e há, ainda, os grafemas de pontuação gramatical, que apresentam as mesmas funções das pontuações em línguas orais. (PEDROSA; AZEVEDO 2019, p. 33).

O *SignPuddle* é *software* disponível em diferentes plataformas, segundo Bózoli e Stumpf (2018), o programa no formato online requer uso de internet, o que permite o acesso a dicionários de diversas línguas de sinais escritas. Nele é mostrado o grafema ou pilha existente em várias línguas de sinais dos outros países. Esse sistema do *SignPuddle* serve para criar a Escrita da Língua de Sinais, criar dicionário online e montar a organizar frase-sinais na linha vertical e/ou horizontal.

O *SignPuddle* foi criado pelo ano 2004, segundo Barreto e Barreto (2015) explicam a seguir:

[...] Em sua plataforma gratuita on-line, é possível – em inúmeras Línguas de Sinais – construir dicionários bilingues, escrever textos, realizar buscas de sinais (via Língua Oral, via Língua de Sinais escrita, ou por grafemas), escrever sinais, textos e ainda enviar e-mails diretamente em SignWriting. Entendendo a estrutura básica do SignWriting e como o ISWA 2010 está organizado, torna-se fácil aprender e utilizar esta plataforma. (BARRETO; BARRETO, 2015, p.75).

De acordo Sutton (2016), o programa do *SignPuddle* (figura 7a) faz parte do software que Steve Stevinski que começou desde 2004 para desenvolver trabalhar com *SignWriting*. A navegação mostra cada país que apresenta *SignWriting* (figura 7b), cada um tem o mesmo padrão do sistema *SignWriting*, enquanto cada país tem sinais diferentes. É possível observar na figura 7 os registros de vários sinais próprios da Língua Brasileira de Sinais.

Assim, o objetivo dessa Escrita de Sinais é registrar no papel para perpetuar as informações e preservar aspectos culturais e históricos, como um modo de valorização da Língua de Sinais. Conforme Wanderley (2017, p. 60), a importância do registro da Escrita de Sinais “para registrar qualquer sistema da Escrita de Sinais, seria necessário um caminho diferente da Libras como uma expressão sinalizada em sinais [...]”.

Figura 7 – (a) Janela ambiente do *SignPuddle*; (b) Janela do *SignPuddle* Libras.



Fonte: <http://www.signbank.org/signpuddle>.

Nesse contexto, a Escrita de Sinais serve para o emissor e receptor na leitura pela Língua de Sinais. Também é importante como busca de novos conhecimentos dos sinais de cada estado do Brasil e também de fora dele.

Conclui-se que a Escrita de Sinais valoriza a vida da comunidade Surda dando conforto para adquirir o entendimento da Língua, fazendo a maioria aceitar e entender melhor a comunicação.

Os autores que traremos a seguir são indispensáveis para a narrativa sobre o surgimento do sistema *SignWriting* no Brasil.

#### 2.4.1 Os sistemas criados por Valerie Sutton e sua trajetória de vida

Antes do surgimento da escrita *SignWriting* no ano de 1974, seu precursor foi o sistema de escrita da dança, denominado *DanceWriting* em 1966, ambos os sistemas são ramificações da notação de movimentos criado por Valerie Sutton.

Sutton (1983, p. 6) apreciou o "sistema completo de notação de movimento para registrar todos os movimentos do corpo", denominada de Sutton Movement Writing & Shorthand, [Escrita e Taquigrafia Sutton do movimento]. Após esse trabalho, surgiram novos sistemas para registro de movimentos em outras áreas.

A escrita de taquigrafia, segundo Cury (2007) baseia-se no princípio da rapidez por reduzir a quantidade de diferentes sons específicos, por isso chamados sinais convencionais, abreviaturas ou taquigramas (figura 8), que são o resultado de diminuir várias sílabas iniciais ou terminais em um único sinal com o propósito de agilizar o processo de escrita, tornando-o mais rápido e fácil. Por isso, Valerie Sutton aproveitou a forma rápida da escrita baseada em movimento da dança com a finalidade é para confortar a forma da escrita da dança. Isso é importante para registrar toda a escrita de dança para não esquecer o que foi dado a aula da dança, logo há necessidade de memorizar dentro da escrita da dança.

Figura 8- Escrito de taquigrafia



Fonte: Signwriting.org

Sutton (1983, p. 6) incluiu o sistema de notação do movimento para registrar todos os movimentos do corpo em cinco seções que são: (1) escrita da dança para gravar coreografias; (2) escrita da mímica para escrever os movimentos mímicas; (3) escrita de esporte para gravar patinação no gelo, ginástica e outros; (4) escrita de ciência para escrever os movimentos da fisioterapia e estudos médicos e científicos; (5) Escrita de Sinais para escrever a forma Língua de Sinais para Surdos. As cinco seções que compõem o "sistema de notação do movimento" são extremamente relevantes para o registro de pesquisadores, pois podem utilizá-la para analisar, comparar, compartilhar, entender, escrever, ler, estudar, pesquisar, perceber e registrar.

O histórico de como surgiu a escrita da dança, mais especificamente do Ballet, traz a origem profissional da norte-americana Valerie Sutton, que era bailarina. Em conformidade com a autora (1998a), ela idealizou o seu primeiro sistema ainda bem jovem, “uma americana, aos 15 anos, estava em treinamento profissional de balé. Ela inventou um sistema de notação de figuras de palito para gravar passos de balé, para seu próprio uso pessoal.

Em 1996, aos 15 anos de idade, Valerie teve a ideia de criar um sistema de notação baseado em figuras de palito, para registrar os movimentos dos passos de balé. Na realidade, a ideia surgiu diante de sua necessidade, visto que ela enfrentava problemas de saúde que afetava a memória, por isso, o esforço de anotar os movimentos da dança em um sistema fácil para ajudá-la neste sentido.

Os renomados mestres da Royal Danish Ballet, na Dinamarca, enfrentavam dificuldades, pois os passos de ballet da escola, envolvendo os muitos movimentos diferentes de dança estavam sendo esquecidos por falta de um sistema de registro. Por isso, quando souberam do sistema de anotação criado por Sutton, a convidaram

para participar do processo de registro, assim, aos 21 anos de idade, em 1972, Valerie se muda para Copenhague, na Dinamarca. Desta forma o sistema *DanceWriting* ganha destaque por sua funcionalidade e passa por melhorias.

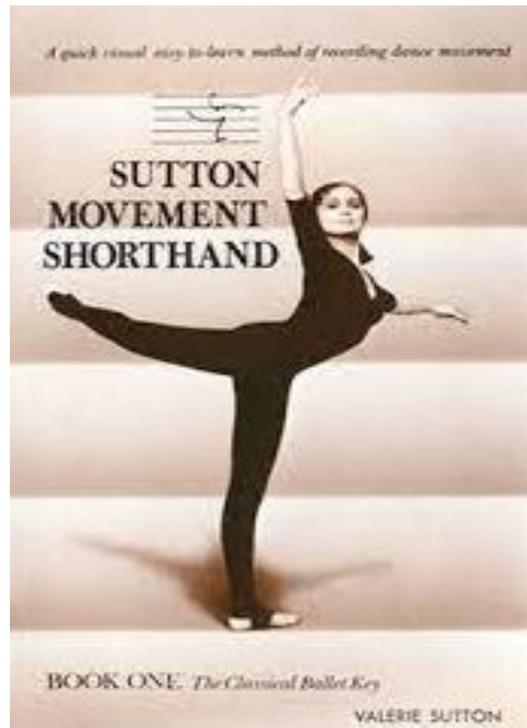
Sutton mudou-se para Copenhague, na Dinamarca, aos 19 anos, para treinar com professores do Royal Danish Ballet. Naquela época, os passos de balé históricos e de renome mundial do Royal Danish Ballet, chamados de "as Escolas de Bourmonville", estavam sendo esquecidos por falta de gravação. Sutton usou seu sistema de notação de dança pessoal para registrar e preservar essas danças históricas. O projeto estimulou a melhoria do sistema de escrita. (SUTTON, 1998a).

A norte-americana Valerie Sutton, passou a ensinar e praticar o seu sistema de notação na Dinamarca, logo obteve repercussão e conseqüentemente, seu sistema alcançou muitos outros dançarinos famosos, que foram convidados para trabalhar com ela na universidade. Neste período, o sistema *DanceWriting* se tornou uma disciplina obrigatória para os discentes do curso de ballet da universidade de Copenhague.

Devido ao sucesso da implementação do sistema *DanceWriting* na universidade, um jornal local publicou a respeito do sistema da norte-americana, que havia se tornado uma disciplina com o intuito de que os discentes aprendessem a escrever os passos da dança. Neste mesmo período, em 1973, Valerie lança o primeiro livro sobre seu sistema, conforme ela explica: “[...] O primeiro livro sobre *Dance Writing* foi publicado em 1973. É um sistema pictórico. Figuras de palitos visuais dançam pela página como um desenho animado, criando uma impressão de filme no papel”. (SUTTON, 1983, p. 6).

Na figura 9, a seguir, temos a imagem do primeiro livro sobre *DanceWriting*, em 1973. Na obra é apresentado o sistema pictórico animado por palitos visuais.

Figura 9 -Primeiro livro sobre *Dance Writing*



Fonte: Reprodução da internet (2022)

O primeiro livro publicado por Sutton sobre o seu sistema de escrita, apresentou um sistema de desenhos, que eram representados por figuras de palitos que indicavam movimentos como se estivessem dançando, como desenho animado, conforme pode ser visualizado na figura 10:

Figura 10 - Palitos visuais dançam pela página como um desenho animado



Fonte: Signwriting.org

Depois da publicação do artigo no jornal local, um grupo de Surdos se interessaram pelo sistema de notação e convidaram Valerie para apresentar o sistema para eles. O curioso, era que ela não conhecia as Línguas de Sinais.

Enquanto, o fonoaudiólogo dinamarquês e pesquisador de linguagem de sinais Lars von der Lieth na Universidade de Copenhague leu o artigo de jornal e interessou-se em adaptar o sistema à Escrita da Língua de Sinais. Sutton (1999a) explicou que eles deram mais atenção:

Quando ela foi convidada para ensinar seu sistema para o Royal Danish Ballet no outono de 1974, artigos de jornal chamaram a atenção do audiologista dinamarquês e pesquisador de linguagem de sinais Lars von der Lieth na Universidade de Copenhague. As línguas sinalizadas estavam apenas sendo reconhecidas como línguas reais; Lieth e outros pesquisadores precisavam de uma maneira de registrar os movimentos das línguas que estudavam. Sutton adaptou seu sistema para movimentos sinalizados, que ela chamou de SignWriting. (SUTTON, 1999a, p.1).

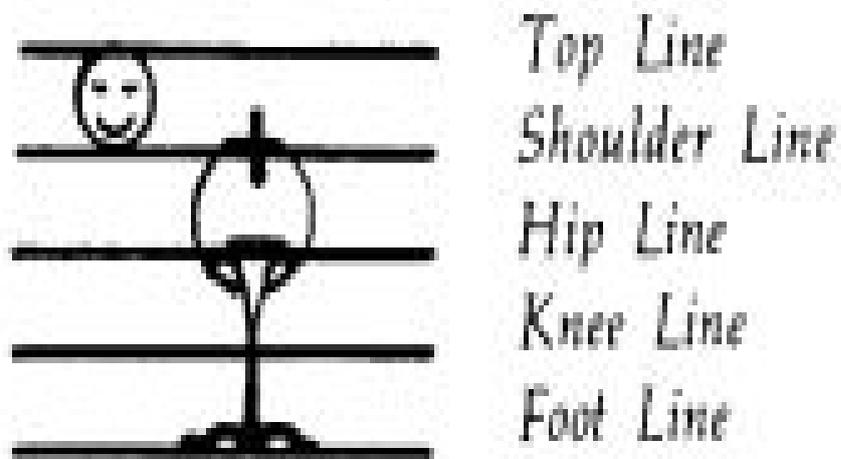
Então, começou a desenvolver a Escrita de Língua de Sinais, que é *SignWriting*, em 1974, na Universidade de Copenhague na Dinamarca. De acordo com Sutton (1999a), os pesquisadores Lars von der Lieth, Jan Enggaard e outros da equipe de pesquisa, no Audiologopaedisk Forsknings Grupp da Universidade de Copenhague, pediram a Valerie Sutton para escrever a forma da Escrita de Língua de Sinais.

A Valerie Sutton aceitou organizar a Escrita de Língua de Sinais, quando foi para a Universidade de Copenhague, onde os pesquisadores e fonoaudiólogos atuavam, por meio da demonstração de vídeos, Valerie ajustou o sistema, inicialmente criado para registrar passos de dança, à Escrita de Língua de Sinais, dando os contornos para o *SignWriting*.

Em 1974, Lars von der Lieth e sua equipe de pesquisa da Universidade de Copenhague precisavam de uma maneira de registrar sinais e gestos. Eles pediram a Sutton para gravar os movimentos da fita de vídeo. Este foi o início da SignWriting. (SUTTON, 1998a, nossa tradução).

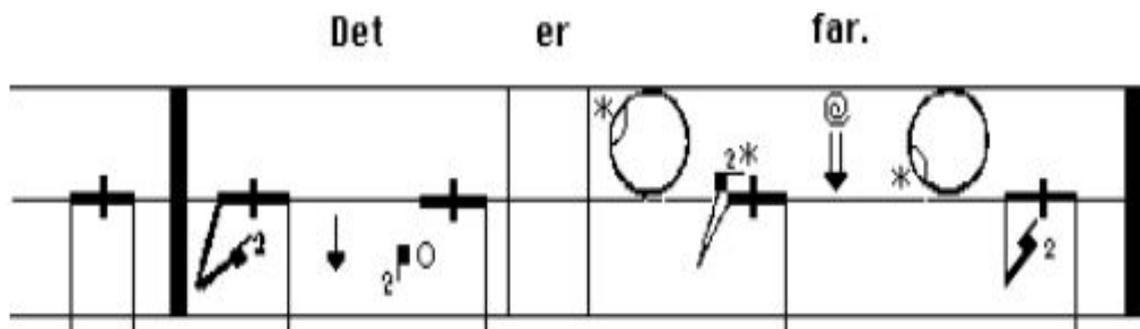
Para demonstrar o funcionamento do sistema de Escrita e Taquigrafia do Movimento de Sutton, a autora (1983, p. 6) explica que a regra do sistema *DanceWriting* mostra cinco linhas divididas em: (1) primeira linha inferior é o chão; (2) segunda próxima linha chão é joelho; (3) terceira próxima linha joelho é quadris; (4) quarta próxima linha quadris é ombro; (5) quinta linha próxima é rosto, mas deixa do lado esquerda e coloca a expressão facial escrita, conforme representado a seguir na figura 11:

Figura 11 -Dance Writing



Fonte: Sutton (1983).

A notação básica *DanceWriting* que Valerie Sutton apresentou em cinco linhas foi adaptada gerando o sistema *SignWriting*, como ilustrado na figura 12 abaixo, entretanto, segundo Sutton (1998a), a primeira tentativa para registrar a Escrita de Língua de Sinais Dinamarquesa, não ficou adequada.

Figura 12 –*SignWriting*– Escrita de Língua de Sinais Dinamarquesa

Fonte: Sutton (1998a)<sup>3</sup>.

<sup>3</sup>Tradução: "É pai"

Em conformidade com Sutton (1998a), “[...] um desenho de boneco de palito, com ombros, braços e mãos registrados movimento da esquerda para a direita na página, posição por posição. A frase abaixo diz "É pai".

Esse desenho da *SignWriting* (figura 12) foi a primeira ideia da forma da Escrita Língua de Sinais. Contudo, foram percebidas diferenças entre as quantidades das linhas entre a relação da *DanceWriting* e da *SignWriting*. A *DanceWriting* mostra em cinco linhas divididas pela marcação corporal: pé, joelho, quadril, ombro e cabeça, enquanto *SignWriting*, são ombro, braços e mão. Com o tempo, foram feitas adequações a fim de atender à Língua de Sinais

Outros sistemas de notação de dança registraram os movimentos das línguas de sinais no passado (como experimentos), mas *SignWriting* é diferente, porque é usado por centenas de pessoas, principalmente surdas, em todo o mundo. Em 1997, *SignWriting* está se tornando a "forma escrita" para línguas de sinais em 14 países. (SUTTON, 1998a).

Alguns Surdos e Ouvintes começaram a incentivar a pesquisa *SignWriting*, naquela época eram 14 países. Até hoje, Sutton (1999a) continua a trabalhar com *SignWriting* na Califórnia, por meio da Instituição sem fins lucrativos criada por ela - Centro para Escrita Movimento de Sutton (Center For Sutton Movement Writing), cujo objetivo é ampliar as pesquisas dos símbolos da Escrita de Língua de Sinais como Parâmetros.

#### 2.4.2 Escrita em Libras no Brasil e a trajetória de vida de Marianne Stumpf

Marianne Stumpf é Surda. Atualmente, trabalha na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Florianópolis (SC). Ela concluiu duas graduações em Tecnologia de Informática, pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), no período de 1996 a 2000; e em Educação de Surdos, pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), no período do ano de 2004. Antes de iniciar sua graduação em Tecnologia de Informática, ela não tinha conhecimento do sistema do *SignWriting*. De acordo com Stumpf (2005, p. 17), “Em 1995 logo depois que entrei na ULBRA trabalhei como bolsista da FAPERGS junto à professora Dra. Lucila Santarosa na UFRGS, era um trabalho com informática aplicada à construção de softwares educativos para os surdos. [...]”.

A professora Stumpf trabalhou, ainda, como bolsista da FAPERGS em pesquisa de trabalho com informática aplicada à educação, *software* para Surdos.

Nesse projeto, ela começou a atuar junto com o professor Dr. Antônio Carlos Rocha da Costa, ela conta como o encontrou:

De 1996 a 2001, enquanto ainda cursava minha graduação, fui de pesquisa na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre do professor Dr. Antônio Carlos Rocha da Costa, para desenvolver o sistema de SignWriting, adaptando-o a Libras, foi quando me apaixonei pela escrita da língua de sinais. [...] (STUMPF, 2005, p.17).

Logo, ela se apaixonou pela Escrita da Língua de Sinais e aproveitou a adaptação do sistema para a construção de um manual, visando mostrar a explicação de como escrever a Língua Brasileira de Sinais pelo sistema. (STUMP, 2005, p. 17).

Por outro lado, ela também foi auxiliar em pesquisa de *softwares* da Escrita de Língua de Sinais, Stumpf (2005) explica como foi esse trabalho:

Também fui auxiliar de pesquisa da professora Dra Márcia Campos que desenvolveu softwares da escrita de língua de sinais, pelo mesmo sistema, construindo sinais escritos no banco de dados dos softwares que ela desenvolveu. Apresentamos juntas alguns trabalhos em congressos de informática e de educação de surdos. (STUMPF, 2005, p. 17-18).

Sua participação no projeto juntamente com a Dra. Márcia Campos trouxe relevantes resultados, por construir registros de Escrita de Sinais para o banco de dados o que resultou na apresentação do trabalho em outros espaços para divulgação do sistema.

Então, ela começou a trabalhar com a Escrita de Língua de Sinais específica na área da informática (STUMPF, 2005, p. 18), participando de vários eventos sobre a educação de Surdos em todo Brasil e até fora do país, desde quando começou em 1996.

Stumpf (2005, p.18) argumenta que “a escrita de língua de sinais é importante para nós Surdos que temos muita dificuldade de escrever em português. Meu pensamento se dá nas duas línguas, às vezes em LS e às vezes em português”. Para a autora, a finalidade de desenvolver a Escrita de Sinais é importante para nós Surdos, por se tratar de um sistema gráfico que parte das especificidades visuais das línguas sinalizadas.

Atualmente, é sabido que algumas pessoas Surdas enfrentam desafios na leitura e na escrita em português. No entanto, é importante destacar que a legislação

brasileira reconhece e exige o uso da Língua Portuguesa para garantir a inclusão e os direitos linguísticos da comunidade Surda. Apesar disso, ainda há indivíduos que não se sentem plenamente confortáveis ao receber a Língua Portuguesa. É fundamental continuar trabalhando para promover a acessibilidade linguística e proporcionar o conforto linguístico necessário para que todos os Surdos possam se expressar e participar ativamente da sociedade.

Nessa perspectiva, alguns Surdos conseguem adquirir a leitura e a escrita pelo sistema da Escrita da Língua de Sinais, porque eles conseguem receber o sentido da escrita que se dá pelo conforto expresso na visualidade da nossa Língua de Sinais através da Escrita da Língua de Sinais.

## 2.5 CONFORTO LINGUÍSTICO/CULTURA SURDA E COMPREENSÃO LEITORA

Nesta seção, apresentaremos conceitos e discussões sobre conforto linguístico e cultura Surda e de que modo esses conceitos estabelecem relação com a compreensão leitora – foco principal da nossa tese.

### 2.5.1 Conforto Linguístico

O conforto linguístico é usado na comunicação da língua natural, entre dois ou mais sujeitos. Para facilitar o entendimento do código de interação linguístico, que é o conjunto de regras para criar e passar mensagem entre duas ou mais pessoas. Os códigos podem ser orais ou escritos, facilitando a interação e o entendimento linguístico na comunidade tanto interna como externa.

[...] conforto linguístico, a situação de uma pessoa que se comunica e interage com o mundo, por meio de uma língua que lhe é natural, língua esta que lhe dá condições de entender e interpretar o mundo de maneira completa e significativa, e de produzir sentido nos enunciados nesta língua. (SANTIAGO; ANDRADE, 2013).

Santiago e Andrade (2013) complementam que para os Surdos, a língua majoritária no Brasil, que é predominantemente oral-auditiva, não é facilmente acessível como segunda língua. Ao contrário dos sujeitos ouvintes bilíngues, os Surdos enfrentam dificuldades em acessar confortavelmente essa língua, o que os leva a viver desconectados da produção de sentido nela. Devido à sua condição de

surdez, a maioria dos Surdos brasileiros vive como aprendizes estrangeiros no uso da língua portuguesa, não experimentando naturalmente uma condição bilíngue plena que lhes permitiria estar completamente inseridos no mundo linguístico e cultural.

Com isso, passa-se a emergir a importância da discussão sobre o conforto linguístico através do uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Essa discussão ganha força a partir do reconhecimento da Libras como a primeira língua da comunidade Surda. Isso está fundamentado na resistência dessa comunidade em relação à imposição de padrões e estereótipos associados aos Surdos. Além disso, a discussão sobre a formação de sujeitos Surdos bilíngues, proficientes tanto em Libras quanto em português escrito, também contribui para a alternância ou sobreposição de línguas. Isso fortalece o empoderamento social e político dos Surdos, permitindo que eles assumam o controle de sua própria história.

O conforto linguístico está relacionado ao conhecimento dos aspectos específicos das línguas sinalizadas que tornam a leitura mais eficiente. No tocante à escrita, isso inclui a familiaridade com a visualidade dos sinais, a compreensão da organização espacial dos símbolos no *SignWriting* e a capacidade de identificar os aspectos gramaticais próprios da Libras representados nesse método.

Quando um leitor Surdo possui conforto linguístico no *SignWriting*, ele é capaz de ler os textos de forma mais fluida, sem dificuldades significativas na decodificação dos símbolos e na compreensão do conteúdo. Ele consegue reconhecer os sinais representados, interpretar corretamente as informações e ter uma experiência de leitura mais eficaz.

O conforto linguístico também está relacionado à sensação de familiaridade e segurança que o leitor Surdo experimenta ao ler textos em *SignWriting* Libras. Isso significa que o leitor se sente à vontade e confiante ao utilizar essa forma de escrita, percebendo-a como uma representação autêntica e legítima da sua língua natural.

Em síntese, o conforto linguístico no *SignWriting* ou na Libras para um Surdo envolve o conhecimento do código do sistema, a fluência na leitura dos textos escritos e a sensação de familiaridade e segurança ao utilizar essa forma de escrita da Língua de Sinais.

A Língua de Sinais utiliza códigos por meio da articulação das mãos, conferindo movimento aos dedos e às mãos, além de localizações nos membros superiores e inferiores do corpo, orientações das mãos, como palma para cima, para

baixo, para frente e para trás, e expressões faciais e corporais. É por meio desses elementos que a comunicação visual se estabelece, proporcionando conforto linguístico para muitas pessoas Surdas. Através desses recursos, a Língua de Sinais permite uma forma de comunicação acessível e natural, contribuindo para a inclusão e a expressão plena da identidade Surda.

Normalmente, essa é a estrutura que usamos no cotidiano no que se refere ao aspecto oral, na escrita e na leitura. Contudo, referem-se à estrutura comunicacional daquele emissor que fala e do receptor que ouve o código sonoro. Por outro lado, a comunicação com Surdos se dá na especificidade da ausência ou limitação de reconhecimento de sons pela forma natural, por isso, ainda é uma barreira para o Surdo encontrar o conforto linguístico.

Ter conforto linguístico no *SignWriting* ou na Língua Brasileira de Sinais (Libras) para um Surdo implica ter facilidade e fluência na leitura e compreensão dos textos escritos nesse sistema. Isso ocorre quando o leitor Surdo possui um bom domínio do código do *SignWriting* ou de Libras, reconhecendo os símbolos e convenções utilizados para representar os sinais da Língua de Sinais.

É importante ressaltar que a comunicação para os Surdos se dá principalmente através dos olhos, já que a audição não é o canal primário de recepção de informações. Essa realidade reflete a frase do pensador Salvador Costa, que resume de forma precisa: "Mãos que falem e olhos que ouvem". Dessa forma, a relação entre emissor e receptor é totalmente diferente no contexto dos Surdos em comparação com os Ouvintes. É importante destacar que os ouvintes utilizam a audição para ouvir e a boca para falar, enquanto os Surdos utilizam os "olhos" para "ouvir" e as mãos para se expressar.

A convivência na comunidade Surda é fundamental para compreender a importância da Língua de Sinais e buscar o domínio dos códigos de sinalização utilizados pelos Surdos para a comunicação.

No contexto da interação linguística, é relevante que a comunidade Surda utilize a Língua de Sinais, facilitando assim a escrita e a leitura para os Surdos e também para os Ouvintes. Desse modo, a presente pesquisa traz justamente esse propósito - compreender se a leitura de textos em *SignWriting* proporciona o conforto linguístico para leitores Surdos.

Para leitura, o nosso conforto linguístico depende dos conhecimentos prévios armazenados, bem como da alfabetização e do letramento, logo é

necessária a apropriação dos conhecimentos da nossa convivência diária como enunciação das pessoas que possuem a escrita e a leitura. Parte-se do hábito e familiaridade com a estrutura da leitura tais como: linha linear (cada parágrafo) e no início leva primeira letra maiúsculo, organização sintaxe da frase como sujeito – verbo – objeto, nome próprio sempre leva primeira letra maiúsculo, vocabulário rico, oração coordenada e subordinada e outros.

Normalmente, a comunicação numa conversação ou por meio da leitura, obedecemos a regras de ordenação, por exemplo, sujeito-verbo-objeto. Ao expressar a fala com regras transfere-se ao mesmo tempo para a forma escrita. Percebemos que a forma da escrita usa todos os padrões da língua de comunicação, como a linearidade, expressa nas linhas horizontais. A Língua de Sinais apresenta a expressão das articulações das mãos, movimentos, locações, orientações e expressões, que transformam o grafema ou pilha, ou seja, Sinais. Ao mesmo tempo na Escrita de Sinais, que mostra a linha da coluna, ou seja, vertical, como apresenta cada signo escrito da estrutura de cima para baixo.

Nesse contexto, quando o Surdo lê, logo recebe o conforto linguístico, porque já aprendeu e conheceu como são as regras gramaticais de sua língua.

Andrade (2018, p.7) mostra que “códigos de comunicação, apesar da sua universalidade, são circunscritos a situações específicas”. Por isso, existem códigos universais para facilitar a nossa comunicação.

O sistema SignWriting apresenta uma estrutura simbólica escrita para configuração da mão, orientação da palma, ponto de articulação, contato com movimento e expressões faciais que são utilizados para representação do registro de língua de sinais. Na parte da escrita e leitura que o sistema desenvolve, a alfabetização na Escrita de Sinais é um processo de ensino-aprendizagem para que os surdos codifiquem símbolos escritos e verifiquem pilha pela representação da Libras e também para compreenderem, pela codificação dos signos, o significado das palavras. (SILVA; BARBOSA; STUMPF, 2018, p. 6).

Esses códigos linguísticos anteriores que são como parâmetros para ajustar o próprio código da Língua de Sinais são próprios para facilitar a comunicação e a interação entre sujeitos Surdos e Ouvintes. A Língua de Sinais substituída pela Escrita de Sinais, a fim de facilitar e entendimento e proporcionar o conforto do linguístico próprio *SignWriting*.

Com essas noções em mente, a pesquisa buscou alguns acadêmicos Surdos favorecidos pelo conforto linguístico através do texto *SignWriting*. Os leitores

Surdos responderam aos questionários sobre o conforto linguístico do próprio *SignWriting*, que é Escrita de Sinais. Assim, apreciar e analisar o que os leitores Surdos conseguem alcançar quanto ao entendimento do texto em *SignWriting* é revelador para a tese que defendemos. Por conseguinte, investigar duas categorias de leitores pode revelar marcas específicas da Libras no texto, assim como as possíveis variações de Sinais no texto.

Falando sobre a gramática da Libras, Quadros diz que:

A Libras é uma língua dotada de todos os níveis de análise linguística: unidades mínimas ['fonemas'], que se combinam para formar palavras; padrões prosódicos; suas palavras se combinam para formar enunciados; os enunciados apresentam proposições que podem ser analisadas do ponto de vista semântico, pragmático; seus usos apresentam questões de ordem sociolinguístico. (QUADROS, 2019, p. 17-18).

Para que um indivíduo possa alcançar uma melhor habilidade do sistema linguístico, ele precisa cada vez mais praticar a leitura e escrita, bem como um maior contato com sua Língua de Sinais (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 94). Para Silva (2009, p. 53), a Língua de Sinais juntamente com sistema de escrita *SignWriting* podem favorecer todo o desenvolvimento do pensamento do aprendiz.

Quando interpretamos um sistema de códigos com a finalidade de compreender um texto ou uma escrita, estamos decifrando esse sistema, mas para isso é preciso reconhecer como são as regras desse código, seja qual for a língua, observando-a dentro do seu padrão. No caso da Escrita de Sinais, a preocupação é ainda maior, uma vez que não se tem uma consonância da representação gráfica dos signos de cada sinal em que a própria escrita atua. Ainda assim, a Escrita de Sinais já possui as regras do sistema de códigos e muitas vezes esta é mais fonética, pois se acredita que este seja o mais correto (WANDERLEY, 2015, p. 62).

Quanto mais produções de materiais e textos em Escrita de Sinais para a leitura maior será a oportunidade de desenvolver de forma individual a organização de produção de ideias ao se escrever, tendo em vista que “decodificar é poder interpretar um texto da escrita” (WANDERLEY, 2015, p. 62).

Para entender é preciso conhecer as regras gerais das estruturas gramaticais através das marcas específicas da codificação tais como fonologia, morfologia, sintaxe, pragmática e semântica. Isso que usamos na convivência das regras específicas da nossa língua da fala, da língua dos sinais e da língua gestuais,

e também a importância do nosso registro da leitura através da escrita. Cada um apresenta como expressar as regras das codificações pela comunicação para facilitar a conversa através da fala e da leitura da escrita entre os sujeitos.

### 2.5.2 Cultura Surda e compreensão leitora

A cultura surda possui uma relação intrínseca com a compreensão leitora, pois a Língua de Sinais é uma das principais manifestações culturais dos Surdos e desempenha um papel fundamental nesse processo de compreensão. A Língua de Sinais permite que os Surdos se comuniquem de forma efetiva, expressando suas ideias, sentimentos e conhecimentos por meio de sua língua, gestos, expressões faciais e movimentos corporais.

A compreensão leitora na cultura Surda envolve o domínio da leitura de textos Escritos em Língua de Sinais, como o *SignWriting*, que é um sistema de escrita visual utilizado para representar os sinais e estruturas gramaticais da Língua de Sinais. Além disso, a compreensão leitora também abrange a habilidade de compreender textos escritos em Língua Portuguesa ou em outras línguas, por meio da tradução e interpretação.

A valorização da cultura Surda e o desenvolvimento da compreensão leitora são essenciais para promover a inclusão e a participação plena dos Surdos na sociedade. Por meio da leitura, os Surdos têm acesso a informações, conhecimentos e diferentes perspectivas, ampliando seu repertório cultural e intelectual.

A compreensão leitora também fortalece a autonomia dos Surdos, permitindo que eles sejam protagonistas de sua própria educação e desenvolvimento pessoal. A compreensão da cultura Surda como uma cultura linguística própria está intimamente ligada à Língua de Sinais, que desempenha um papel fundamental na comunicação visual dos surdos. Conforme explicado por Strobel (2008):

A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 44)

Sobre artefato cultura, Strobel (2008) mostra que:

O segundo artefato cultural do povo surdo é o linguístico, a língua de sinais é um aspecto fundamental de cultura surda. No entanto incluem também os gestos denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros” dos sujeitos de zonas rurais ou sujeitos surdos isolados de comunidades surdas que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e se procuram comunicar apontando e criam sinais, pois não tem conhecimentos de sons e de palavras. (STROBEL, 2008, p. 44).

As citações anteriores evidenciam a importância do uso da Língua de Sinais para proporcionar maior conforto linguístico na comunicação visual. Além disso, é observado que na cultura linguística predominam o uso da tecnologia e da mídia virtual. Conforme explicado por Santiago e Andrade (2013):

[...] à cultura e aos saberes que circulam na mídia virtual e em redes sociais da internet. O uso da tecnologia e o contato da comunidade surda com o mundo da *Web* apresenta a possibilidade de, por meio destas novas tecnologias, compartilhar conhecimento e cultura, na sua primeira língua, com o compartilhamento de vídeos em Libras. (SANTIAGO; ANDRADE, 2013)

A utilização dessas ferramentas e recursos permite que os Surdos recebam a Língua de Sinais de forma mais acessível, proporcionando-lhes conforto durante a interação com vídeos e possibilitando até mesmo a conversação com a comunidade Surda.

É importante ressaltar que a cultura Surda é predominantemente visual, o que significa que os Surdos enfrentam dificuldades para compreender informações transmitidas por meio de sons fonéticos e têm dificuldade em perceber e ouvir a oralização em áudio e vídeo.

Quando os Surdos assumem sua identidade Surda, encontram conforto na Língua de Sinais, pois ela facilita a compreensão por meio da percepção visual. Dessa forma, eles se sentem mais conectados e bem com a língua que lhes é natural.

Atualmente, a comunidade Surda utiliza diversos recursos para se comunicar, tais como leitura de legendas na TV (*Closed Caption*), conversação em Libras em qualquer ambiente, janelas de Libras, profissionais intérpretes em diferentes contextos (escolas, universidades, seminários, atendimentos, entre outros) e a comunicação por meio da *web*. Essas ferramentas são essenciais para

promover a inclusão e facilitar a interação e o acesso à informação para a comunidade Surda. Santiago e Andrade (2013) explica acerca da cultura da tecnologia por meio da Libras:

[...] o acesso à informação e comunicação por meio da Libras, é fundamental para a navegabilidade autônoma, interativa e criativa. Todavia, pode também fazer com que ele se defronte com algumas limitações no que diz respeito a sua proficiência no português e, conseqüentemente, na interpretação de textos e no acesso aos conhecimentos específicos de maneira completa. (SANTIAGO; ANDRADE, 2013).

Na realidade, a cultura Surda está intrinsecamente ligada à Língua de Sinais, sendo principalmente uma cultura Visual. Essa cultura Visual é essencial para a percepção e compreensão do mundo, incluindo a comunicação oral expressa através da linguagem corporal e facial. Como afirmado por Schmitt (2008, p.116), "o surdo possui uma cultura própria, a Língua de Sinais, e também uma identidade".

A cultura surda se baseia na comunicação Visual, não na audição. Os Surdos encontram maior conforto nas comunicações realizadas através das mãos ou da Língua de Sinais. É importante destacar que a relação entre o aspecto visual e a escrita em português não se encaixa perfeitamente, uma vez que a escrita em português serve apenas para representar a oralização.

Na realidade, os Surdos não ouvem, então como podem escrever e ler em Língua Portuguesa? A Língua Portuguesa é baseada no emissor e no receptor através de sons acústicos. Por esse motivo, alguns Surdos ainda enfrentam barreiras na oralização e na audição.

Surge uma nova cultura linguística chamada Escrita de Sinais, que tem como objetivo facilitar a escrita e a leitura, enquanto se expressa a Língua de Sinais. Stumpf (2005) busca auxílio na Língua de Sinais para desenvolver a Escrita de Sinais, a fim de facilitar a comunicação visual utilizando as mãos e a escrita simultaneamente. Strobel (2008) demonstra a importância dessa explicação sobre o artefato cultural linguístico conhecido como sistema *SignWriting*:

Outro artefato cultural linguístico interessante é que estão difundindo um sistema de escrita para escrever a língua de sinais. Este sistema é conhecido pelo nome de SignWriting – SW e foi um fato histórico importante para o povo surdo, pois, autora, diziam que a língua desse povo era ágrafa. (STROBEL, 2008, p. 47-48).

Conforme observado por Quadros (1999), a Escrita de Sinais representa um novo caminho na forma de registrar as Línguas de Sinais por meio da escrita. Essa forma de escrita precisa abranger simultaneamente a fala, a escrita e a leitura. Na Língua de Sinais, apenas a modalidade de expressão oral está presente, faltando a inclusão da escrita e da leitura. Foi então que surgiu a primeira forma de Escrita de Sinais, conhecida como *SignWriting*.

*SignWriting* é um sistema de escrita para escrever línguas de sinais. Me lembro quando os lingüistas, professores e os próprios surdos diziam que a língua de sinais era ágrafa. Hoje, esse capítulo da caminhada da comunidade surda já faz parte da história. Assim como a duas décadas começaram a discutir sobre as línguas de sinais, agora começou a descobrir a riqueza dessas línguas através de uma escrita própria. *SignWriting* expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação. Até então, a única forma de registro das línguas de sinais era o registro em fitas de vídeo, registro que continua sendo uma forma valiosa para a comunidade surda. Acrescenta-se a essa forma, a escrita das línguas de sinais. Um sistema rico e fascinante que mostra a forma das línguas de sinais. (QUADROS, 1999).

No entanto, a questão de "A língua de sinais é uma língua ágrafa?", foi levantada por Gesse (2009, p. 42). Essa pergunta busca uma resposta que:

Não, mas, até bem pouco tempo, a língua de sinais era considerada uma língua sem escrita. A escrita de qualquer língua é um sistema de representação, uma convenção da realidade extremamente sofisticada, que se constitui num conjunto de símbolos de segunda ordem, seja as línguas verbais ou sinais. (GESSER, 2009, p. 42).

Por essa razão, a Língua de Sinais possui uma forma de escrita chamada *SignWriting*, própria para a Escrita de Sinais, por sua "grafia". Essa forma de escrita revela como surgiu a própria escrita específica da Língua de Sinais. Anteriormente, essa forma de escrita não existia, como exposto anteriormente, foi Valerie Sutton que começou a trabalhar com o *SignWriting* e a desenvolvê-lo.

A ideia de representar as línguas de sinais remete-nos à história de uma coreógrafa americana, chamada Valerie Sutton. Em 1974, Valerie chamou a atenção da comunidade científica dinamarquesa das línguas de sinais com a criação de um sistema para registrar as danças de seus alunos. A transcrição dos "sinais da dança" para "a escrita dos sinais" inicia-se a partir do contato dos pesquisadores da Universidade de Copenhague com a colaboração de Valerie com base em seus registros gravados. (GESSER, 2009, p. 42).

A história da Escrita de Sinais teve seu primeiro marco com o surgimento do *SignWriting*. Posteriormente, surgiram outras formas de Escrita de Sinais, como ELiS (Escrita das Línguas de Sinais), SEL (Sistema de Escrita de Libras) e Visiografia. De acordo com Coutinho (2015, p. 71), "Muitas pessoas quando começam a ter contato com a LIBRAS, sem ainda conhecê-la, têm a tendência em falar que a mesma é pobre, simplificada, em relação à Língua Portuguesa.

É um equívoco acreditar que a Língua Portuguesa é mais valorizada do que a Libras, pois isso não é verdade. A Libras não é uma língua pobre ou simplificada. Ela é fundamental para proporcionar conforto na comunicação por meio da Língua de Sinais e também para a leitura através do *SignWriting*, que se mostra parte integrante da cultura Surda, baseada no aspecto visual.

No entanto, é importante ressaltar que, de acordo com a Lei de Libras nº 10.436, parágrafo único, "A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa". Na nossa cultura linguística atual, a Língua Portuguesa é considerada o padrão, uma vez que precisamos conviver na sociedade utilizando a escrita e a leitura dessa língua. A maioria das pessoas ouvintes não se preocupa com a Língua de Sinais e a Escrita de Sinais. E essa falta de preocupação não se restringe apenas às pessoas ouvintes, mas também a alguns Surdos que não valorizam a Língua de Sinais e a Escrita de Sinais.

É importante fundamentar a representação da escrita própria da primeira língua, ou seja, a Escrita de Sinais, tendo o apoio de uma cultura própria na qual se possa perceber o profundo sentido da linguagem e vencer, com facilidade e assim ter a possibilidade de aprender outra escrita como segunda língua, que é o português (WANDERLEY, 2015, p. 49).

Por isso, precisamos entender a importância da prática de uso da Escrita de Sinais para receber o conforto próprio da Língua de Sinais. Isso é de extrema relevância para a nossa comunidade Surda. Se alguém não aceitar ou apoiar esse posicionamento, devemos, obviamente, respeitar porque cada um tem a liberdade de escolha das próprias decisões. Wanderley (2015) trata sobre isso, quando pondera sobre alguns Surdos não aceitarem ler ou escrever em Escrita de Sinais:

As pessoas surdas acham que não necessitam ler ou escrever um texto. Já outras negam o direito de ler ou escrever devido a traumas sofridos ao aprenderem, por obrigação, a escrever em português, sem subjetividade, e não associado à língua de sinais. Acham que falar em língua de sinais já é o

suficiente para seu conhecimento em relação à comunicação e informações sobre esta língua. (WANDERLEY, 2015, p. 51).

A cultura Surda tem como base principal a Língua de Sinais, pois é através dela que podemos nos comunicar em qualquer contexto. No entanto, mesmo estando familiarizados com a alfabetização e o letramento na Língua Portuguesa, sabemos que essa língua é considerada a norma padrão, mas não pode substituir a Escrita de Sinais. Essa falta de conhecimento evidencia a importância da nossa própria cultura linguística Surda.

Silva, Barbosa e Stumpf (2018) defendem que os educadores devem incentivar a vontade de aprender a escrever e a ler por meio da Escrita de Sinais, além de trabalhar com a Língua Portuguesa. É essencial trabalhar com ambas as línguas, pois isso proporcionará a compreensão mais ampla dos significados, facilitando o entendimento de leitores Surdos.

Para compreender as diferenças entre a cultura Surda, representada pela Libras, e o sistema de escrita *SignWriting*, Breda (2016) explica que:

A semelhança existente entre o SignWriting e a LIBRAS permite ao surdo apreender um conhecimento novo de forma menos impactante do que se tivesse que aprender na Língua Portuguesa, visto que, para o surdo, ela é considerada segunda língua. (BREDA, 2016, p. 288)

Essas diferenças são relevantes para o aprendizado e o conhecimento dos fundamentos da escrita e da leitura no sistema *SignWriting*. Isso é importante para desenvolver a aquisição de vocabulário e permitir que os Surdos acompanhem a Língua Portuguesa. Na realidade, insistir apenas no aprendizado da Língua Portuguesa para escrever e ler não é o ideal. É melhor buscar um equilíbrio na aprendizagem, a fim de desenvolver habilidades no cotidiano. A proposta de Stumpf (2005, p. 14) é a de ensinar às crianças Surdas os fundamentos da Escrita de Sinais, a fim de desenvolver a alfabetização e a aprendizagem da Língua de Sinais. Isso é importante para os educadores, que precisam compreender os aspectos relevantes da cultura Surda para auxiliar no desenvolvimento do conhecimento linguístico abstrato.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esse capítulo mostra o percurso metodológico utilizado para a realização da presente pesquisa. Para descrever a organização das etapas de pesquisa, estruturamos este capítulo da seguinte forma: 3.1) Caracterização geral da pesquisa; 3.2) Público-alvo da pesquisa; 3.3) Contato e seleção dos acadêmicos Surdos das instituições; 3.4) Instrumentos de coleta de dados; 3.5) Etapas da pesquisa e, por fim, 3.6) Procedimentos de análise dos dados.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PESQUISA

Esta pesquisa se caracteriza como sendo de natureza aplicada. Para Paiva (2019, p.11), um estudo dessa natureza tem “por objetivo gerar novos conhecimentos, mas tem por meta resolver problemas, inovar ou desenvolver novos processos e tecnologias”. No caso, é de interesse do trabalho olhar para a compreensão da leitura em *SignWriting* de acadêmicos Surdos das Instituições Federais.

Este estudo define-se ainda, no que se refere aos seus objetivos da investigação, como uma pesquisa do tipo descritiva, pois procura conhecer a realidade estudada, suas características e seus problemas na busca de “descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade, conforme a definição de Triviños (1987, p. 100). Oliveira (2011, p. 22) acrescenta que o estudo descritivo é utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura. No contexto do presente estudo, são relevantes as correlações e associações que podem ser observadas na compreensão e na percepção dos acadêmicos Surdos em relação à leitura de textos escritos em Libras (*SignWriting*), abordando dois aspectos principais: o conforto linguístico e a identificação com o registro, a fim de alcançar o objeto da pesquisa.

No aspecto direcionado à abordagem e análise dos dados, o estudo se adequa à perspectiva mista que envolve parâmetros qualitativos e quantitativos, caracterizado como um estudo quali-quantitativo.

Uma pesquisa de abordagem qualitativa se preocupa com um tipo de realidade que não pode ser registrada e entendida por meio de quantidade, e que,

por isso, trabalha com “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes” visam aprofundamento das relações, de processos e de fenômenos (MARCONI; LAKATOS, 2009, p. 21).

Segundo Farias-Filho e Arruda-Filho (2013), neste tipo de abordagem, se estabelece relações entre mundo real e pesquisadores, entre mundo objetivo e subjetividade do observador; e esses tipos de relações não se definem por meio de números e sim por um processo, no qual o pesquisador interpreta os fenômenos e lhes atribui significado.

Nas pesquisas de abordagem qualitativa, há exposição clara do papel do pesquisador no estudo em questão, extração de informações por meio de fontes de dados em constante expansão, utilização de protocolos específicos de registro de dados no processo, e análise das informações a partir de etapas precisamente documentadas para validação dos dados. (CRESWELL; CRESWELL, 2021).

Além dessas características, propomos também a análise de cunho quantitativo, a fim de explicar e explorar numericamente os resultados obtidos sob o prisma qualitativo. Vieira (1996, p. 66) esclarece que o método quantitativo e o método qualitativo são complementares, não dicotômicos, antes representam um continuum na abordagem do objeto estudado. Para Laville e Dionne (1999, p. 43), “O essencial permanecerá: que a escolha da abordagem esteja a serviço do objeto de pesquisa, e não o contrário, com o objetivo de daí tirar, o melhor possível, os saberes desejados”.

Para começar qualquer pesquisa se faz necessário levantar o aporte teórico condizente com a proposta desejada. Deste modo, iniciamos a busca a partir de um levantamento bibliográfico, tal como livros, dissertações, teses, artigos, internet e outros.

Corroborando a definição apresentada, Andrade (2018, p. 45) explica sobre importância do desenvolvimento da pesquisa bibliográfica, quando pontua que “[...] importantes são a relevância, a exequibilidade, isto é, a possibilidade de desenvolver bem o assunto, dentro dos prazos estipulados, e a adaptabilidade em relação aos conhecimentos do autor.

Mediante os trabalhos encontrados, o pesquisador tem subsídios científicos para desenvolver o seu estudo. Diante do exposto, esta pesquisa desenvolve-se sob a ótica da abordagem mista e semi-experimental, tendo como objeto de estudo a leitura e compreensão de sentidos de textos escritos em Libras (*SignWriting*), um

sistema de escrita que se vale da mesma modalidade linguística viso-espacial da Libras, língua natural dos participantes Surdos da pesquisa, estudantes da disciplina Escrita de Sinais das Instituições Federais de Ensino.

### 3.2 PÚBLICO-ALVO DA PESQUISA

Os participantes desta pesquisa consistiram em oito alunos Surdos acadêmicos do curso de Letras Libras em cursos presenciais, bem como graduados no curso de Letras Libras, abrangendo um período de cinco anos entre 2017 e 2021.

O objetivo era investigar se esses participantes tinham compreensão da escrita e leitura da Escrita de Sinais em Libras, além de verificar se sentiam conforto linguístico ao ler textos em *SignWriting*. É importante ressaltar que o propósito era verificar se eles seriam capazes de compreender a atividade da Escrita de Sinais em Libras, mesmo que não fossem proficientes em *SignWriting*.

Ao todo, participaram oito acadêmicos Surdos, entre homens e mulheres, provenientes de diversas regiões do país, incluindo Norte (1 participante), Nordeste (2 participantes), Sul (2 participantes) e Sudeste (3 participantes).

É relevante destacar que inicialmente planejávamos incluir oito estudantes Surdos de cada região do Brasil. Para isso, entramos em contato com professores de instituições públicas que ofereciam o curso de Letras Libras, os quais nos indicaram oito estudantes para participar da pesquisa. No entanto, a maioria dos estudantes abordados não aceitou participar das entrevistas. Como resultado, a nossa amostra foi constituída pelos estudantes Surdos que concordaram em participar. Não houve participantes da Região Centro-Oeste nesta pesquisa.

### 3.3 CONTATO E SELEÇÃO DOS ACADÊMICOS SURDOS DAS INSTITUIÇÕES

Para selecionar os participantes deste estudo foram estabelecidos alguns critérios, de modo a encontrarmos pessoas que atendessem ao perfil da pesquisa. Para a indicação confiável dos acadêmicos participantes do estudo, seguimos os seguintes critérios: (i) ser professor do ensino superior; (ii) atuar em Instituições Federais no curso de Letras/Libras e/ou Letras Libras/Língua de Portuguesa L2 para Surdos em qualquer das cinco regiões do país e (iii) ministrar a disciplina Escrita de Sinais.

Atendidos os critérios pré-estabelecidos, os professores indicaram acadêmicos Surdos cursantes do 5º período do curso de Letras/Libras e/ou Letras Libras/Língua de Portuguesa L2 para Surdos, que já tenham passado pela disciplina Escrita de Sinais ou se graduado recentemente.

Para participar da pesquisa era necessário que os acadêmicos Surdos tivessem conhecimento em *SignWriting* no quesito leitura, haja vista que o objetivo deste estudo foi justamente verificar o nível de compreensão de textos registrados em SW.

Assim sendo, nosso primeiro passo foi buscar pelas instituições que possuem curso de Letras/Libras e/ou Letras Libras/Língua de Portuguesa L2 para Surdos. Na sequência, os professores responsáveis pela disciplina de Escrita de Sinais foram contatados para posteriormente localizarmos candidatos a participantes da pesquisa.

Por serem os respondentes deste estudo, os acadêmicos Surdos, conforme citado, foi preciso primeiramente identificar as Instituições Federais nas quais eles estudam. Identificamos um quantitativo de cinco Instituições Federais, representantes das regiões Norte, Nordeste, Sul e Sudeste. Não houve a participação de nenhuma instituição da região Centro-Oeste.

Vale ressaltar que as instituições selecionadas são todas localizadas nas capitais dos estados dos quais elas pertencem. Deste modo, participaram:

- 1) Universidade Federal do Acre (UFAC) - Região Norte/1 aluno,
- 2) Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) - Região Sul/2 alunos,
- 3) Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - Região Nordeste/2 alunos,
- 4) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) - Região Sudeste/2 alunos,
- 5) Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Região Sudeste/1 aluno.

Na figura 13 apresentamos a ilustração das locais de origem dos entrevistados em suas instituições de ensino superior.

Figura 13 – Locais de coleta de dados: participantes da pesquisa



Fonte: Dados da pesquisa.

Foi encaminhado por e-mail para cada um deles o texto de apresentação da pesquisa, assim como três arquivos em anexo, sendo eles: i) uma carta de apresentação (APÊNDICE A); ii) uma cópia do projeto de pesquisa e iii) uma cópia do comprovante de submissão do projeto ao Comitê de Ética (ANEXO A) da universidade de origem deste estudo, a fim de prezar pela transparência e credibilidade da pesquisa. Importante esclarecer que os documentos foram apresentados de forma escrita (em língua portuguesa), mas foram explicados para os participantes em Libras. Todos os participantes assinaram o TCLE e eles ficarão guardados por 5 anos.

Após o contato via *Webcam* com os acadêmicos para confirmar o interesse em participar, foi apresentado à cada um deles o tema da pesquisa, a justificativa, bem como a importância da realização de um estudo dessa natureza, dada a contribuição científica sobre a compreensão e o conhecimento adquirido a partir da leitura do texto em SW.

Par coletar dos dados gerados pelos participantes foi necessário lançar mão de um instrumento que permitisse ao pesquisador ter acesso à opinião dos acadêmicos Surdos das Instituições Federais sobre o entendimento que se tem acerca da valorização do SW e do trabalho da leitura deste código.

### 3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Atualmente, graças ao avanço tecnológico, temos à disposição diversos recursos digitais que nos permitem conectar com pessoas, independentemente da distância geográfica. O uso de tecnologias, como o *Google Meet*, *Zoom* e outros, tem viabilizado a utilização dessas plataformas por meio de diferentes dispositivos, como *smartphones*, *tabletes*, computadores e *notebooks*, facilitando a colaboração na realização de pesquisas, como é o caso desta.

Considerando o interesse de acessar a opinião dos acadêmicos Surdos das Instituições Federais sobre o entendimento que se tem acerca da valorização do SW e do trabalho da leitura, também a compreensão e a interpretação de textos escritos em *SignWriting* desses acadêmicos, utilizou-se como instrumento de coleta a entrevista. Conforme mencionado por Severino (2013), fica evidente a compreensão acerca da coleta de dados por meio de entrevistas:

Técnica de coleta de informações sobre um determinado assunto, diretamente solicitadas aos sujeitos pesquisados. Trata-se, portanto, de uma interação entre pesquisador e pesquisado. Muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas. O pesquisador visa apreender o que os sujeitos pensam, sabem, representam, fazem e argumentam. (SEVERINO, 2013, p.108).

Por ser uma entrevista *on-line*, os participantes escolheram a *Plataforma Zoom*, pois segundo eles, é a mais acessível, no sentido de permitir fazer gravação, apresentação de slides, o tempo ser ilimitado, acesso às imagens e conversas no *chat*.

A gravação é necessária para registrar todos os momentos e falas durante a entrevista. Tal registro é utilizado posteriormente como fonte de dados para análise.

A coleta de dados foi conduzida seguindo um percurso organizado em quatro etapas distintas. Na primeira etapa, foi realizada uma conversa prévia com cada participante, na qual foram apresentados diversos textos em *SignWriting* e questionado se os sujeitos conheciam ou já haviam lido as obras em questão.

Posteriormente, uma obra em comum foi selecionada, a qual ainda não havia sido lida pelos acadêmicos. As entrevistas foram conduzidas individualmente.

O texto escolhido pelo pesquisador foi "A Lenda do Guaraná", presente no livro "Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas Amazônicas" (ANEXO B), de autoria de Taísa Aparecida Carvalho Sales, publicado em 2016. O referido texto está localizado nas páginas 167 a 195 do livro mencionado. A estrutura da obra é composta por três camadas distintas, sendo uma delas com ilustrações, outra com o texto escrito em língua portuguesa e, por fim, o mesmo texto em Escrita de Sinais da Libras. Durante as entrevistas, os participantes tiveram a oportunidade de ler o texto selecionado.

No segundo passo, após a escolha do texto, foi feita a apresentação das imagens e posteriormente da Escrita de Sinais, o objetivo aqui, foi saber se o aluno pesquisado conseguiu fazer a interpretação de texto lido.

No terceiro passo, para saber se o aluno pesquisado conseguiu fazer a interpretação de texto, foram feitas três perguntas, apresentadas também em SW, para se certificar se o aluno deteve os três conhecimentos elementares para este estudo, a saber, o conhecimento linguístico, o conhecimento de mundo e conhecimento interacional. Cabe destacar, que para cada tipo de conhecimento mencionado, foram realizadas três perguntas.

No quarto passo, realizada a etapa de leitura e compreensão do texto em SW, iniciou-se a etapa de aplicação da entrevista semiestruturada, que teve como objetivo capturar as impressões dos participantes em relação à experiência com o *SignWriting*. No Formulário *Google* apresentou-se as seguintes perguntas aos participantes.

- 1) Você gostou do texto em ELS?
- 2) Você conseguiu entender o texto em ELS?
- 3) Quando vê o texto em ELS você se sente confortável por ser sua primeira língua?
- 4) Ao ler o texto você percebeu diferenças usando sinais usados na sua região?
- 5) Como você percebeu, o texto está somente em ELS. Na sua opinião, é necessário ler a tradução para o português?

A sessão foi gravada e o conteúdo posteriormente foi transcrito para facilitar as análises. Este último, foi o procedimento realizado no quinto passo, que consistiu na transcrição dos vídeos utilizando o sistema *SignWriting*. Esse passo contou com apoio de um avaliador neutro com vasta experiência no conhecimento do sistema *SignWriting*, para avaliar o questionário elaborado na Escrita de Sinais em Libras.

As sessões de entrevistas duraram em média 120 minutos, ou seja, em média 02 horas, e foram agendadas em dias e horários diferentes conforme é possível observar no Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Organização para a execução das entrevistas

Leitor	Data da Entrevista	Horário	Instituição	Tempo de Leitura	Tempo de Entrevista
Leitor A	13/06	21h	UFSC	82'40"	5'
Leitor B	15/06	17h	UFMG	62'20"	4'
Leitor C	15/06	21h	UFSC	52'40"	7'
Leitor D	18/06	11h	UFAC	48'19"	5'
Leitor E	18/06	16h	UFMA	30'10"	6'
Leitor F	20/06	19h	UFMA	107'15"	6'
Leitor G	23/06	22h	UFRJ	68'15"	7'
Leitor H	25/06	09h30	UFMG	74'47"	5'

Fonte: Dados da pesquisa.

### 3.5 ETAPAS DA PESQUISA

Para a eficácia do desenvolvimento da pesquisa utilizou-se quatro etapas, que compreende desde a produção do material, até sua aplicação, conforme resumidamente se apresenta a seguir:

a) primeira etapa consistiu em: organização dos instrumentos (como *Formulário Google*) contato e escolha dos participantes que já tinham experiências sobre a Escrita de Sinais em Libras.

b) segunda etapa foi feita a aplicação do material que consistiu em: leitura do texto de Escrita de Sinais em Libras.

c) terceira etapa começa em: gravação do vídeo (entrevista) para apresentar a leitura e os questionários.

d) quarta etapa: aplicação de questionários

Na primeira etapa, foi criado um *Formulário Google* com o intuito de coletar informações básicas sobre o conhecimento e o contato com a Escrita de Sinais. Foram escolhidos oito Surdos, conhecedores e experientes no sistema de *SignWriting*, com habilidade da leitura da Escrita de Sinais em Libras.

Na segunda etapa, já com o texto em Escrita de Sinais, o foco foi investigar a compreensão e os sentidos do texto da *SignWriting*.

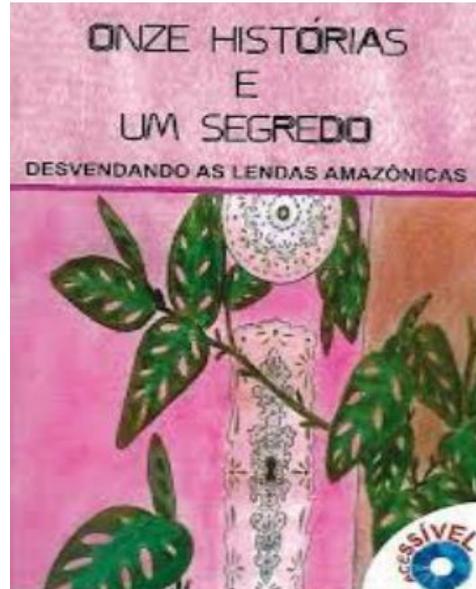
Na terceira etapa, a entrevista no *Zoom*, apresenta a leitura e as cinco perguntas. Cada leitor foi analisado a partir dos resultados obtidos nos critérios de conforto linguístico e identificação cultural.

O desafio da terceira etapa foi encontrar participantes com habilidades em Libras, com conhecimento básico da Escrita de Sinais em SW e que aceitassem responder ao instrumento. Estes foram os critérios de inclusão adotados para selecionar candidatos a participantes da pesquisa: fluência em Libras e conhecimento da Escrita de Sinais.

Os professores Surdos ministrantes da disciplina Escrita de Sinais, indicaram os acadêmicos Surdos que já conhecem adequadamente as noções básicas Escrita de Sinais, os quais forneceram o contato dos discentes indicados.

De posse dos contatos dos discentes, foi feito o contato com os acadêmicos para solicitar que aceitassem participar da entrevista desta pesquisa. No momento da conversa informal junto aos acadêmicos Surdos para saber se já conheciam adequadamente o básico da Escrita de Sinais, e também mostrar o material de leitura selecionado para a pesquisa, com intuito de saber se já haviam lido o livro “Onze histórias e um segredo desvendando as lendas Amazônicas”, neste momento não mencionado o texto “A lenda do guaraná” (anexo B), esse outro ficaria como plano B no caso de o acadêmico já tivesse lido o primeiro texto apresentado.

Figura 14- Livro “Onze histórias e um segredo desvendando as lendas Amazônicas”



Fonte: Sales (2016).

A estratégia foi, se o acadêmico não tivesse lido o primeiro livro mostrado, marcava-se o dia do encontro virtual para nossa entrevista. Caso contrário, teria que procurar outros acadêmicos que não conhecesse e nunca tivesse acessado a história.

Notamos que na realidade, os acadêmicos Surdos que foram selecionados para a pesquisa, foram aqueles que ainda não tinham lido o livro “Onze histórias e um segredo desvendando as lendas Amazônicas”.

A partir daí, após concluir as primeiras etapas, deu-se partida para a quarta etapa, que consistiu na agenda dos encontros *On-Line* entre o pesquisador e os pesquisados. Nessa etapa, foi marcado dia e hora encontro no *On-Line* usando a plataforma do *Zoom* (Quadro 1). Essa ferramenta foi escolhida por ter a possibilidade de gravação. Vale ressaltar, que antes de se fazer todos esses procedimentos, os participantes já haviam assinado o termo de autorização de uso de imagem (Apêndice A).

O pesquisador, do outro lado da tela do computador, deixou o leitor Surdo à vontade para fazer a leitura sem pressioná-lo a concluí-la. Depois da leitura, o pesquisador solicitou ao leitor que se expressasse a respeito do sentido e compreensão do texto lido em Escrita de Sinais, iniciando pela cotação da história da “Lenda do Guaraná” resumidamente.

Assim, dando prosseguimento foram feitas as perguntas em Libras sobre a interpretação do texto somente em *SignWriting*, por meio de um questionário

semiestruturado com cinco perguntas, especificamente para saber como foi percebido o sentido da história lida, da compreensão, e se o entrevistado se sentiu confortável lendo na modalidade Escrita de Sinais, se houve a necessidade de tradução da língua portuguesa.

Coletados os dados, conforme descritos acima, a próxima tarefa consistiu em analisar os dados levantados pelos acadêmicos das Instituições Federais, que já tinham conhecimento sobre o sistema *SignWriting*, para verificar se eles conseguiram compreender o texto apresentado para leitura.

A fim de descrever e discutir a análise dos dados obtidos, adotaremos a mesma sequência metodológica seguida na pesquisa. Iniciaremos pela revisão dos questionários preenchidos pelos participantes, seguida pela apresentação do texto para leitura. Posteriormente, procederemos à análise dos dados provenientes das entrevistas semiestruturadas, nas quais os participantes expressaram suas interpretações do texto e responderam às perguntas formuladas.

### 3.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

Para realizar a análise dos dados, conforme mencionado, seguimos as diretrizes propostas por Minayo (1994) e desenvolvemos categorias específicas para a análise das entrevistas. Essas categorias foram elaboradas com base nas perguntas da pesquisa: a) o leitor Surdo percebe marcas de sua língua na materialidade textual escrita? b) o leitor Surdo identifica compreensão leitor no processo de leitura em *SignWriting*? c) o leitor sente prazer em ler textos em libras? d) o leitor Surdo se identifica e interage melhor com o texto em Escrita de Sinais?

Desse modo, a partir das falas dos participantes vamos identificar e discutir sobre: 1) Conforto Linguístico por meio da (a) Identificação de marcas específicas da Libras no texto e (b) Identificação de variação de sinais no texto; 2) Compreensão Leitora por meio da (a) Identificação com a construção textual (Sujeito Surdo x Cultura Surda) e (b) Interação com o texto.

A primeira categoria objetiva identificar, a partir dos conteúdos (das falas) dos participantes a percepção sobre os elementos linguísticos refletidos nos textos escritos em Libras: organização não-linear do texto, a simultaneidade dos elementos linguísticos, a iconicidade, os tipos de registros gráficos, as variações de vocabulário (sinais), os sinais desconhecidos.

Na segunda categoria, objetivamos identificar posicionamentos dos participantes quanto à compreensão leitora e os possíveis fatores que favorecem a interação com o texto e as relações entre o texto, o sujeito Surdo e sua cultura visual.

Interessa-nos, ainda, identificar as principais dificuldades manifestadas pelos participantes quanto ao conforto e compreensão leitora de textos em *SignWriting*.

## 4 ANÁLISE E RESULTADOS

O primeiro passo da análise dos dados coletados a partir dos participantes acadêmicos, tem como objetivo descrever o perfil de cada graduando e graduado das Instituições Federais que foram selecionados. Os dados aqui descritos têm origem no *Formulário do Google* que cada participante respondeu.

Ao buscar pelos acadêmicos, foi possível reunir representantes de Instituições em quatro das cinco regiões do Brasil, conforme podemos ver no quadro 2, a seguir:

Quadro 2 – Acadêmicos das regiões da Instituição Federal

Regiões	Quantidade	Cidade	Estado
Região Norte	1	Rio Branco	AC
Região Nordeste	2	Paço do Lumiar São José da Lapa	MA
Região Sudeste	2	Belo horizonte São José de Ribamar	MG
	1	São Gonçalo	RJ
Região Sul	2	Florianópolis	SC

Fonte: Dados da pesquisa.

Foram analisadas as respostas dos participantes por meio dos questionários no Formulário do *Google*, assim como as informações obtidas durante as entrevistas semiestruturadas. Os questionários abrangiam sete seções, incluindo informações sobre sexo e idade, o aprendizado de *SignWriting*, a idade em que aprenderam *SignWriting*, a utilidade do *SignWriting*, a frequência de uso da leitura em *SignWriting*, a compreensão da leitura em *SignWriting* e os momentos em que têm contato com o *SignWriting*.

Em seguida, as entrevistas semiestruturadas abordaram cinco seções de perguntas, incluindo a opinião dos participantes sobre o texto em Escrita de Sinais (ELS), a compreensão do texto em ELS, o conforto ao ler o texto em ELS como sua primeira língua, as diferenças percebidas ao usar sinais da região e a necessidade de ler a tradução para o português ao ler o texto.

Após o convite para colaborar na pesquisa, oito acadêmicos Surdos, alguns em fase de graduação e outros recém-graduados nos cursos de Letras-Libras e Letras-Libras/Português, aceitaram participar. Esses cursos incluem em sua matriz

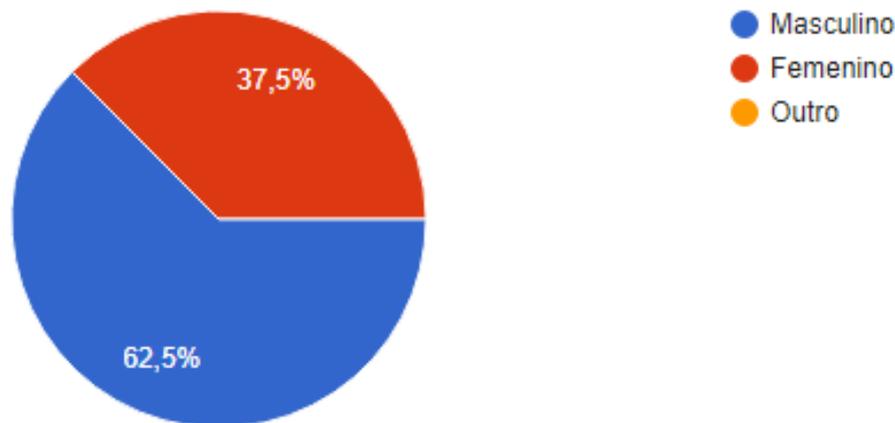
curricular disciplinas sobre Escrita de Sinais, embora cada instituição federal possua sua carga horária distinta.

#### 4.1 ANÁLISE DO PERFIL DOS PARTICIPANTES ACADÊMICOS

A fim de obter o mapeamento dos resultados das entrevistas, foi realizado um controle da faixa etária e do sexo dos participantes. Esses dois fatores são importantes para compreender o perfil dos acadêmicos Surdos que estão estudando ou já concluíram os cursos de Letras-Libras e Letras-Libras/Português. Em relação à faixa etária, os participantes tinham idades variando entre 21 e 36 anos.

Quanto ao sexo, o Gráfico 1 a seguir apresenta a distribuição percentual dos 8 participantes do estudo.

Gráfico 1 – Sexo dos acadêmicos da Instituição Federal



Fonte: Dados da pesquisa.

Dos participantes que responderam ao questionário, 37,5% correspondem ao sexo feminino e 62,5% ao sexo masculino. Observa-se que esse resultado indica um maior acesso dos homens ao curso em comparação com as mulheres, sugerindo a existência de desigualdades de gênero na educação, que embora não seja o foco deste estudo, cabe mencioná-los porque se somam às dificuldades enfrentadas pelos Surdos. Esse é um dado que contradiz com os dados encontrados nos estudos de Pedrosa e Azevedo (2019). Portanto, é necessário um outro estudo que verifique com mais acuidade esse dado.

Segundo Pedrosa e Azevedo (2019), pesquisas indicam que a maioria dos indivíduos familiarizados com a Escrita de Sinais não tem relação alguma quanto ao sexo dos envolvidos na pesquisa:

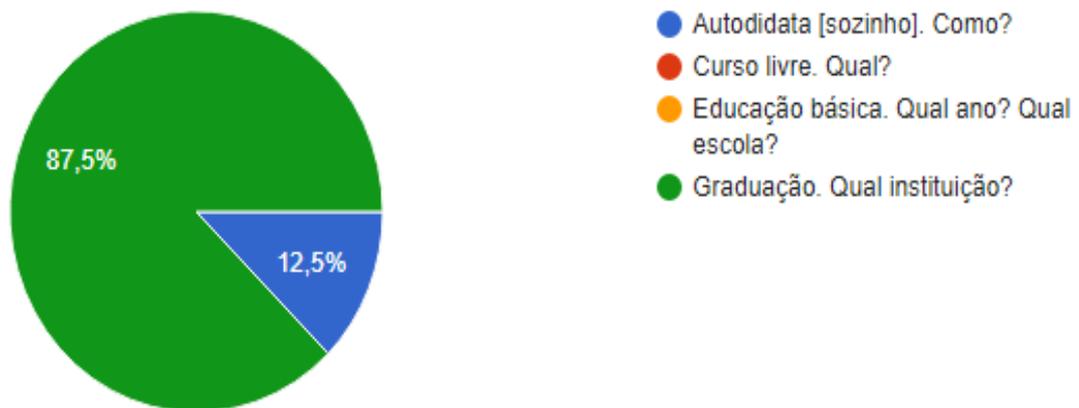
Dentre os que conhecem a existência da Escrita de Sinais, 57,1% sabem usá-la, ao passo que 42,9% não o sabem, o que não teve relação alguma quanto ao sexo ou escolaridade dos envolvidos na pesquisa. Isto mostra que ter conhecimento sobre algo é diferente de saber praticá-lo. O alto índice de pessoas que afirmam conhecer a existência da Escrita de Sinais, mas, no entanto, não sabem utilizá-la, demonstra que é necessário um ensino sistematizado e uma prática regular e constante para que possam apropriar-se desta modalidade da língua. Quando não há um meio de trocar experiências em relação a um tema, este acaba por perder-se, pois o conhecimento solitário não tem serventia. Contudo, se conseguirmos fazer com que eles interajam e vejam registros em Escritas de Sinais, isto irá despertá-los para que possam fazer uso de sua escrita própria. (PEDROSA; AZEVEDO, 2019)

Como mencionado, observou-se que a maioria dos participantes Surdos já tinha conhecimento prévio do sistema de Escrita de Sinais. Ao ingressarem na Instituição Federal, alguns desses participantes já possuíam noções básicas tanto práticas quanto teóricas da Escrita de Sinais, enquanto outros não tinham familiaridade com essas noções básicas. No entanto, todos os participantes começaram a aprender o sistema de *SignWriting* por meio do processo de aprendizagem oferecido pela instituição.

#### 4.2 ANÁLISE SOBRE A AQUISIÇÃO, APRENDIZAGEM E USO DO *SIGNWRITING*

Com o objetivo de compreender como ocorreu a aquisição, aprendizado e uso do *SignWriting*, perguntamos aos participantes, por meio do Formulário *Google*, onde eles aprenderam *SignWriting*. As opções de resposta incluíam: autodidata (aprendeu por conta própria), em curso livre, na educação básica ou na graduação. No Gráfico 2, podemos observar a natureza da aprendizagem do *SignWriting* pelos acadêmicos:

Gráfico 2 – Como aprendeu *SignWriting*?



Fonte: Dados da pesquisa.

Segundo os resultados obtidos, 87,5% dos participantes relataram ter aprendido o sistema *SignWriting* durante a graduação em uma Instituição Federal, enquanto 12,5% afirmaram ter adquirido conhecimento autodidaticamente, por esforço próprio.

É importante destacar que a predominância da aprendizagem do *SignWriting* durante a graduação revela uma lacuna significativa na difusão desse sistema para a educação inclusiva. A maioria dos entrevistados teve seu primeiro contato com essa forma de escrita somente no ensino superior. Essa constatação aponta para a dificuldade que a maioria da população brasileira enfrenta para acessar o ensino superior, e para os alunos Surdos, essa jornada pode ser ainda mais desafiadora.

A falta de acesso prévio ao *SignWriting*, fora do contexto acadêmico, evidencia a necessidade de ampliar a disseminação desse sistema em outros níveis educacionais e em espaços de aprendizagem mais acessíveis. A inclusão efetiva dos Surdos na educação requer uma abordagem abrangente que promova a disponibilidade do *SignWriting* desde os estágios iniciais de ensino, proporcionando oportunidades para sua aquisição e prática regulares. Somente assim será possível superar as barreiras e garantir uma educação inclusiva e igualitária para todos os alunos Surdos.

A ampliação da discussão sobre o tema é fundamental, uma vez que a falta de conhecimento sobre o sistema *SignWriting* entre os alunos Surdos é uma realidade preocupante. Muitos deles concluem a educação básica sem sequer saber que essa forma de escrita existe.

Uma escola efetivamente inclusiva deve garantir que todos os alunos, incluindo os Surdos, tenham acesso igualitário a recursos e ferramentas linguísticas que lhes permitam se comunicar e expressar plenamente. Nesse contexto, é crucial que o Sistema SW seja introduzido na educação básica como parte integrante do currículo, apresentando-o aos alunos desde os estágios iniciais de sua formação educacional.

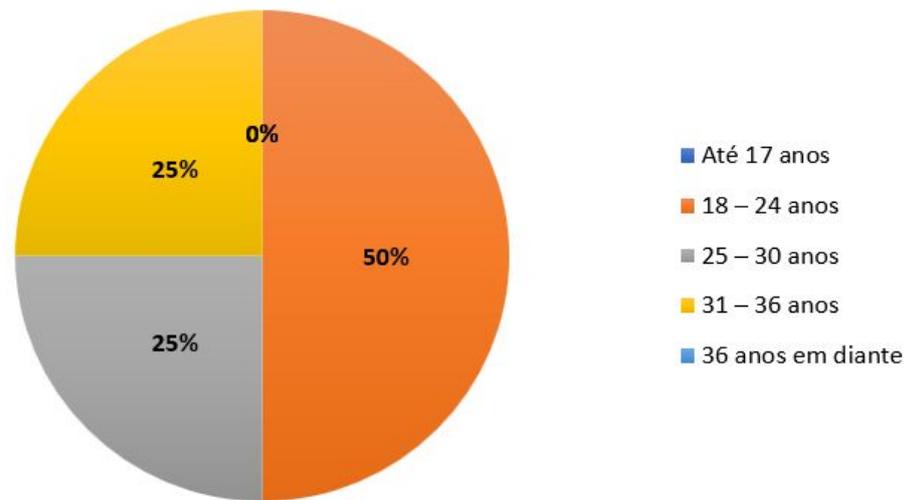
Ao apresentar o *SignWriting* aos alunos Surdos na educação básica, a escola estaria proporcionando a eles a oportunidade de se familiarizarem com essa forma de escrita e de desenvolverem habilidades para sua utilização. Isso não apenas contribuiria para a promoção da inclusão, mas também para o desenvolvimento de sua autonomia e empoderamento, permitindo que expressem suas ideias e compreendam melhor a língua de sinais.

Além disso, ao introduzir o Sistema SW na educação básica, estaríamos construindo uma base sólida para o ensino e aprendizado contínuos desse sistema ao longo da trajetória educacional dos alunos Surdos. Isso os prepararia de forma mais adequada para os estudos posteriores, incluindo o ensino superior, no qual o conhecimento do *SignWriting* é mais difundido.

Portanto, é imprescindível garantir o acesso ao sistema *SignWriting* desde a educação básica para promover a inclusão e o conforto linguístico dos alunos Surdos. Ao proporcionar-lhes a oportunidade de conhecer e utilizar essa forma de escrita desde cedo, fortaleceremos a identidade linguística de alunos Surdos ampliando suas habilidades comunicativas. Somente por meio de uma educação inclusiva e abrangente poderemos garantir que todos os alunos Surdos tenham igualdade de oportunidades e se sintam confortáveis ao expressar-se e compreender o mundo ao seu redor.

Ao serem questionados sobre a idade em que ocorreu a aprendizagem do sistema *SignWriting*, observou-se que 4 participantes aprenderam na faixa etária de 18 a 24 anos, 2 aprenderam entre 25 e 30 anos e 2 aprenderam entre 31 e 36 anos. Esses resultados indicam que a maioria dos participantes adquiriu conhecimentos em *SignWriting* durante a idade adulta, como evidenciado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Com que idade você aprendeu *SignWriting*?



Fonte: Dados da pesquisa.

É interessante observar que a maioria dos participantes adquiriu conhecimento sobre o sistema *SignWriting* durante o período da juventude e da vida adulta. Isso pode ser atribuído ao fato de que a divulgação e o acesso ao *SignWriting* são mais comuns no contexto acadêmico, especialmente durante a graduação em Instituições Federais que é o contexto de ensino dos investigados.

No entanto, é importante ressaltar que a aprendizagem precoce do *SignWriting*, desde a educação básica, seria altamente benéfica para os alunos Surdos. Ao introduzir o sistema *SignWriting* mais cedo, os estudantes teriam a oportunidade de desenvolver habilidades de leitura e escrita nessa modalidade desde tenra idade, proporcionando uma base sólida e facilitando sua jornada acadêmica.

Essa análise destaca a importância de promover a conscientização e a disseminação do *SignWriting* em todas as etapas da educação, desde a educação básica até o ensino superior. Além disso, destaca a necessidade de políticas e programas educacionais que apoiem a inclusão e o acesso igualitário ao conhecimento linguístico para os alunos Surdos, independentemente da idade em que iniciam sua aprendizagem do *SignWriting*.

A respeito da finalidade do *SignWriting*, as respostas dos participantes podem ser encontradas no Quadro 3, onde cada leitor expressou sua opinião sobre o assunto. A seguir, apresentam-se as respostas fornecidas:

Quadro 3 – Para que serve *SignWriting*?

Leitor A	<i>SignWriting</i> é importante para registro escrito de glosas.
----------	--

Leitor B	É importante para os surdos aprender e usar escrito de sinais pq é própria língua.
Leitor C	SignWriting útil para registro de sinais, para leitura como exercício mental.
Leitor D	eu aprendo básica que escrever signwriting é importante a leitura os todos, principal aquisição para signwriting.
Leitor E	por que signwriting é importante preciso fazer escrita sinais e parecer Libras pode claro.
Leitor F	A importância esse signwriting para estimular registado e palavras.
Leitor G	SW ajuda para surdos lê possível compreendo de que português porque é idiomas Libras.
Leitor H	Conhecer e saber pq é literatura surda q possível ensinar os alunos surdos, pq é minha língua primeira e SignWriting é parte na literatura surda.

Fonte: Dados da pesquisa.

As respostas dos acadêmicos que destacaram a finalidade do *SignWriting* incluem a importância do registro escrito, a compreensão de que a Escrita de Sinais é a própria Língua de Sinais, o uso do *SignWriting* para leitura, a aquisição do conhecimento sobre o *SignWriting*, a capacidade da Escrita de Sinais em esclarecer conceitos através da Língua de Sinais, a estimulação do aprendizado do vocabulário por meio do registro e signo escrito, a ajuda na leitura e compreensão do *SignWriting* em comparação ao português, e a importância de conhecer e entender a literatura Surda para ensinar alunos Surdos.

Essas respostas evidenciam que a Escrita de Sinais desempenha um papel crucial na realização de registros escritos. Ao utilizar esse sistema, promove-se o aprendizado e o aprimoramento da Escrita de Sinais, permitindo que os Surdos se expressem por meio de uma linguagem escrita que seja confortável e familiar para eles - a Língua de Sinais.

O *SignWriting* é valorizado como uma ferramenta que oferece suporte para a representação e a documentação das línguas de sinais, permitindo que a riqueza e a complexidade dessas línguas sejam preservadas e transmitidas. Além disso, a utilização do *SignWriting* facilita o acesso à literatura e ao conhecimento Surdo, promovendo uma maior inclusão e valorização da cultura Surda.

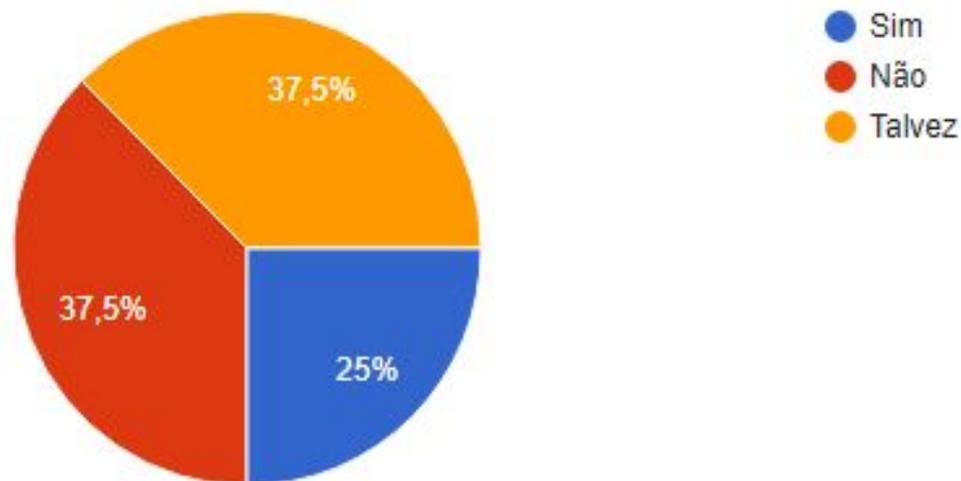
Portanto, as respostas dos acadêmicos destacam a importância do *SignWriting* como um recurso essencial no contexto da comunicação escrita para os Surdos, proporcionando-lhes as ferramentas necessárias para expressão e comunicação de forma eficaz na língua que lhes é natural.

Portanto, compreender a finalidade do *SignWriting* vai além da simples Escrita de Sinais; é reconhecer o poder transformador que essa ferramenta possui,

capacitando os Surdos a se comunicarem plenamente em sua língua e contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Todos esses aspectos evidenciam a versatilidade e a utilidade do *SignWriting* em diferentes contextos. Ele oferece ferramentas práticas para o desenvolvimento linguístico, a comunicação efetiva e a pesquisa nessa área. Através do *SignWriting*, é possível documentar, transmitir e preservar a riqueza das Línguas de Sinais, promovendo sua valorização e garantindo que a comunidade Surda tenha acesso à variedade de recursos e oportunidades linguísticas.

Os acadêmicos foram indagados sobre o uso diário do sistema de escrita para leitura, e as respostas são apresentadas no Gráfico 4 a seguir.

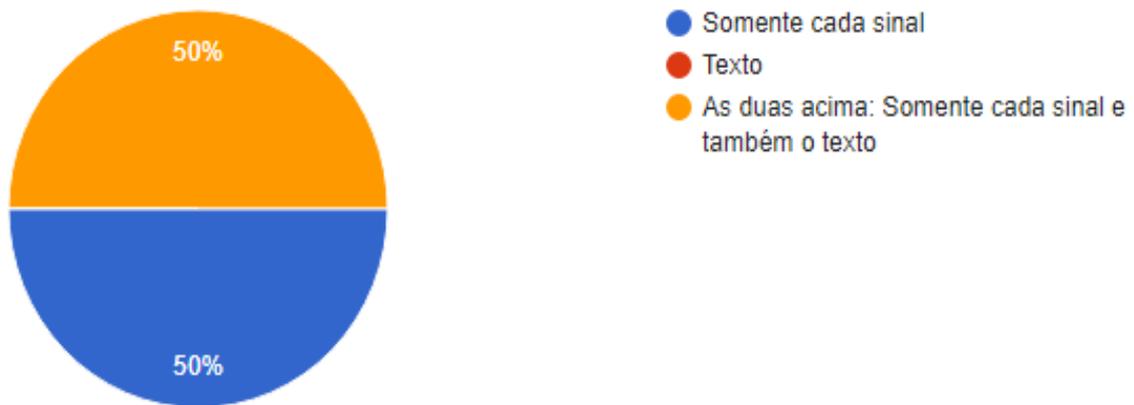
Gráfico 4 – Usa a leitura *SignWriting* todo dia?

Fonte: Dados da pesquisa.

Como observado no gráfico, os acadêmicos apresentaram respostas divergentes em relação ao uso diário da leitura em *SignWriting*. Nesse aspecto, 25% dos entrevistados afirmaram fazer uso diário da leitura em SW, enquanto 37,5% responderam que não utilizam diariamente essa forma de escrita, e os outros 37,5% indicaram que talvez realizem a leitura diariamente. Em termos gerais, a minoria dos entrevistados lê algo em *SignWriting* diariamente, mesmo que seja no aprendizado básico.

É possível inferir que a escassez e a falta de variedade de textos em *SignWriting* disponíveis no mercado e nos meios de comunicação podem influenciar a frequência de acesso à leitura nessa modalidade. A limitada oferta de materiais em *SignWriting* pode dificultar o engajamento regular e constante dos acadêmicos na leitura por meio desse sistema de escrita. Essa lacuna destaca a importância de ampliar a disponibilidade de textos em *SignWriting*, promovendo assim a maior prática e aprofundamento na leitura para os usuários desse sistema.

Quando questionados sobre o entendimento da leitura em *SignWriting*, os acadêmicos forneceram as seguintes respostas, conforme ilustrado a seguir (Gráfico 5):

Gráfico5– Você consegue entender leitura *SignWriting*?

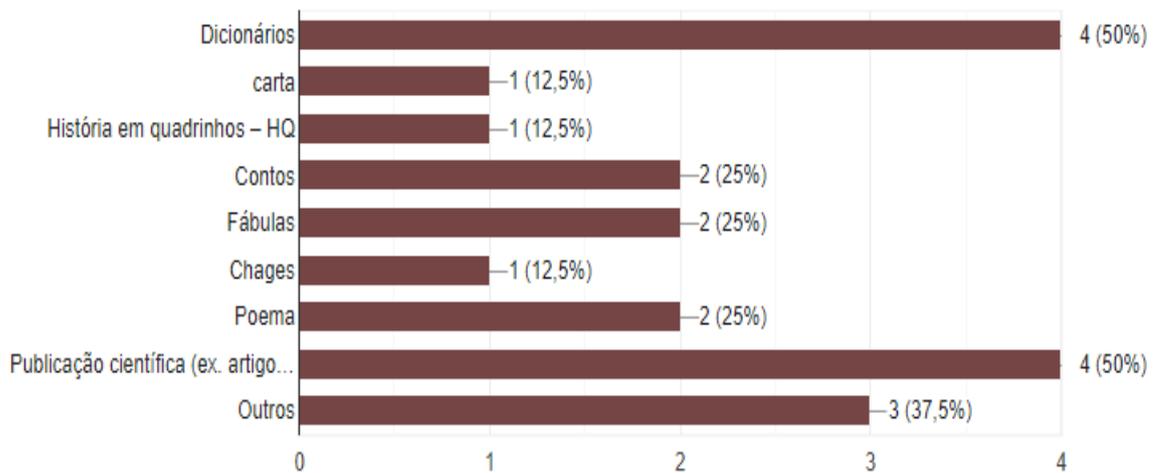
Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com o gráfico acima, é possível observar que metade dos acadêmicos consegue compreender apenas os sinais de maneira isolada. Por outro lado, a outra metade dos participantes demonstrou capacidade de compreender tanto os sinais isolados quanto o texto corrido em *SignWriting*.

Esses resultados sugerem que há uma diversidade de níveis de compreensão entre os acadêmicos em relação ao uso e interpretação do *SignWriting*. Enquanto alguns estão mais familiarizados com a estrutura e organização do texto em *SignWriting*, outros ainda estão em processo de aprendizado e focam na interpretação dos sinais individualmente.

Essa análise aponta para a importância de fornecer recursos e estratégias adequadas para o desenvolvimento da habilidade de leitura em *SignWriting*, de modo a auxiliar aqueles que ainda têm dificuldades na compreensão do texto corrido. Além disso, ressalta a necessidade de promover práticas contínuas de leitura em *SignWriting*, a fim de promover conforto linguístico ao aprimorar a fluência e o domínio dessa modalidade de escrita para a melhor inclusão e acessibilidade dos Surdos.

Para obter informações sobre o contato dos acadêmicos com o *SignWriting* e a partir de qual gênero textual eles tiveram esse contato, foram coletadas respostas e apresentadas no gráfico 6 a seguir:

Gráfico6 – Você tem contato com o *SignWriting* em que momentos?

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar o gráfico acima, podemos observar que todos os gêneros textuais listados são utilizados como forma de contato e leitura em *SignWriting*. Entre as opções apresentadas, nota-se que há o contato mais frequente por meio de Dicionários (4) e Publicação científica (4), como por exemplo, artigos.

Esse número expressivo pode ser facilmente compreendido, pois nas Instituições Federais é comum haver apresentações de trabalhos científicos, o que estimula a pesquisa e contribui para o desenvolvimento da aprendizagem por meio da prática na disciplina de Escrita de Sinais. Essa interação com diferentes gêneros textuais proporciona aos acadêmicos a ampliação do repertório e a familiarização com o uso do *SignWriting* em diferentes contextos comunicativos.

No entanto, é importante ressaltar que a disponibilidade de textos em *SignWriting* ainda pode ser limitada, especialmente em contextos mais informais ou fora do ambiente acadêmico. Essa escassez de materiais em SW pode afetar o acesso e a prática diária da leitura nessa modalidade, dificultando o desenvolvimento pleno das habilidades de compreensão e produção de textos em *SignWriting*.

Dessa forma, é fundamental incentivar a produção e o compartilhamento de textos em *SignWriting*, bem como a criação de recursos educacionais e literários nesse sistema, para promover o maior conforto linguístico e a ampliação das oportunidades de uso do *SignWriting* no dia a dia dos Surdos.

### 4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTA SOBRE A LEITURA DE TEXTOS EM LIBRAS

Nesta seção daremos atenção às percepções dos participantes da pesquisa a respeito do conforto linguístico e da compreensão leitora, explorando as respostas das entrevistas dos leitores Surdos investigados a fim de subsidiar nossa tese sobre a necessidade do sistema de Escrita de Sinais *SignWriting* na formação de Surdos.

#### 4.3.1 O Conforto Linguístico

No conforto linguístico apresenta em duas partes das pesquisas, tais como: Especificidade da Libras no texto em SW e Variação de Sinais no texto em SW.

##### 4.3.1.1 Especificidade da Libras no texto em SW

Nas entrevistas dos leitores Surdos, eles relataram que a leitura vertical facilita o entendimento o contexto da leitura de cada signo escrito de cima para baixo:

[...] CADA CONTEXTO (vertical cima para baixo), SIGNIFICADO ENTENDER OU CONSEGUIR? (LEITOR D).

[...] TEXTO ME DAR LER TEXTO MAS PRECISAR SINAL LER CONTEXTO (vertical cima para baixo) CONSEGUE ENTENDER CADA SINAL OUTRO NÃO. (LEITOR E).

As duas respostas reproduzidas demonstram que a leitura de cima para baixo de cada sinal que facilita o entendimento do contexto. Sempre se refere a linha vertical, porque ela facilita a percepção de cada forma do signo escrito. O leitor E relatou que precisa entender o contexto da leitura vertical.

Por isso, antes os estudos da área relataram que cada estrutura das linhas do texto pode ser apresentar de forma diferente dependendo o país, mas que existem suas regras de posição

Os dois leitores, como conhecedores das regras de posicionamento na leitura sempre na vertical, isso facilitou a compreensão do contexto do sinal. Esse sinal apresenta parâmetro em Libras (Configuração da Mão, Movimento, Locação, Orientação e Expressão Facial/Corporal) mostra o espaço da Escrita de Sinais. Essa

exposição gráfica é importante para facilitar a leitura, por isso, não é recomendável que os signos fiquem demasiadamente do lado direito ou esquerdo da linha horizontal, porque pode atrapalhar ou misturar visualmente a grafia. Assim, o melhor é apresentar uma forma do parâmetro em Libras e em seguida fazer o próximo parâmetro em Libras abaixo. Cada signo escrito colocado de cima para baixo e linha da coluna. Normalmente a regra da coluna é ilimitada, mas cada página tem até cinco colunas.

Os leitores Surdos relatam que é importante conhecer antes as regras específicas de *SignWriting*, logo poderão acompanhar a leitura da Escrita de Sinas. Se não conhecem as próprias regras específicas, logo não vão entender o que está na Escrita de Sinas. Veja a seguir a entrevista que os leitores Surdos justificaram:

[...] SABER DECORAR LEMBRAR CONTATO QUAL, MOVIMENTO QUAL, COMO SENTIR ORIENTAÇÃO-MÃO, CONFIGURAÇÃO-MÃO. COMO LEMBRAR CADA PERCEBER SIGNWRITNG. (LEITOR A).

[...] ANTES PRIMEIRO EU ESTUDAR ESSE SIGNWRITING ATÉ EU ENTENDER CLARO PORQUE AQUI PROPRIA REGRA ESTRUTURA TER PROPRIO[...] (LEITOR G).

O relato dos leitores Surdos trata sobre a importância de conhecer previamente as regras das estruturas do *SignWriting*. Por isso, eles precisam conhecer somente as noções básicas da Escrita de Sinas no texto. O Leitor G explicou que primeiramente estuda as regras do *SignWriting*, para poder escrever e ler a Escrita de Sinas no texto. Diferentemente, o Leitor A queria somente decorar para lembrar algumas coisas importantes das estruturas das regras como escrever e ler - próprio da Configuração de Mão, Movimentos, Orientação da Mão e tipos de contatos.

Portanto, compreendemos que o estudo é essencial para o conhecimento das estruturas gramaticais de qualquer língua que não estejamos familiarizados. Através deste estudo, é possível alcançar o conforto linguístico na leitura, pois facilita a compreensão das dificuldades comumente encontradas nesse processo. Nesse sentido, enfatizamos a importância da leitura diária.

Na entrevista, o leitor A, ele mencionou a necessidade de estudar e memorizar as regras específicas da forma do *SignWriting*. A figura 15 ilustra os parâmetros e tipos de contato apresentados no exemplo:

Figura 15 – Parâmetros de tipos de contato

PARÂMETROS					Tipo de contato
Configuração da Mão	Movimentos	Locação	Orientação da Mão	Expressão Facial/corporal	
					*  * @ @ # +

Fonte: Dados da pesquisa.

Anteriormente, mostramos no sistema da Escrita de Sinais que existem vários grifos, porém, precisamos cada vez mais aprimorar o nosso estudo da Escrita de Sinais. Após podermos começar a trabalhar com a escrita e leitura na Escrita de Sinais. Abaixo segue umas marcas específicas da Escrita de Sinais, que o leitor Surdo mostra como se apresenta o tipo de contato:

[...] ALGUMAS CONSEGUIR EXEMPLO “BATER”  SUPERFICIE  
MÃO DORSA NÃO CONHECER APRENDER ADQUIRIR (peito) AOS  
POUCOS POR CAUSA EU MAIS ESTUDAR

DIFERENTE EXEMPLO “BATER” , “DENTRO” , “ESFREGAR”  
 APRENDER CADA VEZ MAIS AOS POUCOS. (LEITOR F).

O leitor Surdo está explicando como consegue aprender tipo de contato \* que é “TOCAR”, logo está aprendendo como funciona a superfície da palma da mão.

Ele está relatando cada descrição sinal de  (VERDADE) que apresenta palma da mão para cima do lado da esquerda e dedo polegar, indicador e médio, junto polegar junto com dedo médio da mão dorso do lado direita, o lado da mão direita começa com movimento para cima e para baixo repetido, logo a ponta do dedo médio tocar na palma da mão esquerda. Vejamos outro exemplo:

[...] EXEMPLO “BATER” , “DENTRO” , “ESFREGAR”   
APRENDER CADA VEZ MAIS AOS POUCOS. (LEITOR F).

O leitor Surdo continuou explicando outro exemplo do tipo do contato: \* (TOCAR), |\*| (ENTRE ASTERISCO), @ (ESFREGAR), outro tipo de contato. Por isso, ele diz que precisa aprender para buscar o estudo do sistema *SignWriting*.

Outro leitor Surdo demonstra como espaço certo das regras tipos de contatos. Vejamos a resposta do Leitor G:

[...] CONTATO, MOVIMENTO, LOCAÇÃO EXEMPLO  (casa) 2  
 ASTERISCOS ACIMA CONFIGURAÇÃO DE MÃO MOSTRA REGRA  
 CERTO, ERRADO MOSTRA LADO ATERRISCO DA CONFIGURAÇÃO DE  
 MÃO  \*\* PRECISA COLOCAR LOCAL ATERRISCO CORRETO [...] (LEITOR G).

O leitor Surdo está explicando que o grifo precisa organizar a estrutura certa para obedecer das regras no sistema *SignWriting*. Mostra sinal da  (CASA) que forma da Configuração da Mão, Movimento da ponta do dedo médio repetido tocar (asterisco) e locação do espaço. Isso para esclarecer as regras da estrutura do grafema, mas se não obedecer a regra, logo não vai entender significado do grafema. Vejamos o sinal incorreto com a localização do asterisco  \*\*. Assim, é importante estudar muito para adquirir o conhecimento de outras formas da estrutura da Escrita de Sinais.

#### 4.3.1.2 Variação de Sinais no texto em SW

A fim de constatar a percepção dos leitores surdos em relação à presença de variações regionais na leitura da Escrita de Sinais, foram conduzidas as seguintes entrevistas:

SIM. (LEITOR A).  
 SIM. (LEITOR B).  
 SIM [...] (LEITOR C).  
 SIM!! (exclamativa) [...] (LEITOR D).  
 SIM! [...] (LEITOR E).  
 SIM!!! (exclamativa) [...] (LEITOR F).  
 SIM!! (exclamativa) [...] (LEITOR G).

Ao analisar as respostas obtidas nos questionários aplicados a alguns Surdos, foi constatado que a leitura da Escrita de Sinais apresenta variações entre

diferentes estados. Diante disso, é possível destacar e justificar a seguir as afirmações feitas pelos leitores Surdos em relação a essas variações de sinais:

[...] DÁ PARA ENTENDER [...] (LEITOR A).

[...] TEM VARIAÇÃO DIFERENTE [...] (LEITOR B).

CADA-REGIÃO PERCEBER SINAL DIFERENTES. SINAL COR (vermelho) É IGUAL, MAS OUTRO SINAL DIFERENTES [...] PRECISAR APRENDER ADQUIRIR (peito), SÓ UM? NÃO! PRECISAR TODOS REGIÃO, PRECISAR APRENDER PRATICAR ADQUIRIR (peito). (LEITOR D).

EU PERCEBER OUTROS DIFERENTES. EXEMPLO SE PESSOA MORAR OUTRA REGIÃO... DEPENDE OUTRA REGIÃO ME DAR TEXTO COMEÇAR LER SIM OUTRA REGIÃO LINGUA DIFERENTE SIM. (LEITOR F).

VERDADE, EU LER NÃO APARECE NÃO-TER OUTRO DIFERENTE...MAS TER EU ACREDITO POUCO VARIAÇÃO OUTRO ESTADO REGIÃO TER POUCO PERCEBER MAIORIA IGUAL POUCO DIFERENTE. (LEITOR H).

Na justificativa anterior, observa-se a presença de algumas variações nos sinais durante a leitura do texto em *SignWriting*, devido às diferentes representações dos sinais no texto. Na realidade, os escritores de *SignWriting* que pertencem a diferentes regiões tendem a utilizar as convenções específicas de cada localidade ao registrar os sinais por escrito. Como resultado, alguns leitores Surdos são capazes de compreender a leitura do texto com maior facilidade.

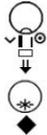
Essa variação na forma de representar os sinais em *SignWriting* pode ocorrer devido às particularidades linguísticas e culturais de cada região. Os escritores de *SignWriting* adaptam a escrita dos sinais de acordo com as convenções estabelecidas em suas comunidades locais, tornando o texto mais acessível e familiar para os leitores Surdos que estão acostumados com essas variações específicas.

No entanto, é importante ressaltar que essas variações podem gerar alguns desafios para os leitores que não estão familiarizados com as convenções específicas de determinada região. Portanto, é essencial que os leitores Surdos estejam expostos a diferentes variações de sinais e tenham um bom conhecimento das convenções de escrita em *SignWriting* para facilitar a sua compreensão da leitura do texto.

A compreensão da leitura em *SignWriting* pode ser aprimorada por meio da prática regular, da exposição a diferentes variações regionais e do conhecimento das regras e convenções estabelecidas. Dessa forma, os leitores Surdos serão capazes de interpretar e compreender com maior facilidade os textos escritos em *SignWriting*, proporcionando uma experiência de leitura mais fluida e eficaz.

Os leitores Surdos relataram que notaram diferenças entre os sinais escritos em diferentes regiões. Um exemplo mencionado por alguns Surdos foi a "Lenda do Guaraná", na qual perceberam variações nos sinais utilizados. Outros tradutores do texto em Libras (*SignWriting*) fizeram a sua própria leitura de acordo com as convenções da região em que vivem. A figura 16 a seguir apresenta a relação entre o texto da "Lenda do Guaraná" e os sinais específicos da região:

Figura 16 - "Lenda do Guaraná" e os sinais específicos da região.

Nome	Texto da Lenda do Guaraná	Varição Linguística	Onde?
PAI	 Pag. 182 Coluna 01 Vertical 07		Minas Gerais
ANIMAL	 Pag. 171 Coluna 05 Vertical 04		Manaus
TRIBO	 Pag. 169 Coluna 01 Vertical 04		Minas Gerais

Fonte: Dados da pesquisa.

A figura mostra a relação entre do texto da Lenda do Guaraná e a variação dos sinais que alguns leitores Surdos relataram, conforme expresso a seguir:

[...] MOSTRA SINAL  (pai<sub>1</sub>) EU ENTENDER, MAS AQUI MINAS  
 GERAIS USASINAL  (pai<sub>2</sub>) OUTRO ESTADO LINGUA VARIAÇÃO [...] (LEITOR B).

[...] SINAL ESTRANHO MOSTRAR VER EXEMPLO... \* (animal<sub>1</sub>) E  
  (animal<sub>2</sub>) SINAIS DIFERENTES POR CAUSA VARIAÇÃO LINGUISTICA DIFERENTE [...]. (LEITOR E).  
 [...] EU ACREDITAR POUCO VARIAÇÃO OUTRO ESTADO REGIÃO TER POUCO PERCEBER MAIORIA IGUAL POUCO DIFERENTE EXEMPLO  
   
 (tribo<sub>1</sub>), EU USAR SINAL \* (tribo<sub>2</sub>) [...] (LEITOR H).

Assim, os leitores Surdos relatam que já conheciam alguns sinais pertencentes a variações de Sinais e adaptaram o conhecimento da comunicação em outras regiões.

Outros leitores Surdos justificaram com outro exemplo de variações de Sinais, conforme a figura, para demonstrar o fato de haver regiões com sinais diferentes:

Figura 17 – Variação de sinais.

Variação Linguística 1	Variação Linguística 2	Onde?
 *↑ VERDE	 @↑↑↑ VERDE	Manaus

Fonte: Dados da pesquisa.

O leitor Surdo mostrou outro exemplo sobre a relação própria da variação de Sinais entre regiões diferentes:

[...] EXEMPLO SE PESSOA MORAR OUTRA REGIÃO REGISTRAR SINAL  
 PEGAR O TEXTO COMEÇAR LER EXEMPLO \*↑ (verde) OUTRA  
@↑↑↑  
 REGIÃO (verde) DEPENDE OUTRA REGIÃO [...] (LEITOR F).

O leitor explicou que sente conforto na leitura e percebe a facilidade em entender cada signo escrito. No exemplo de sinal de “VERDE”, o leitor percebe e entende que existem essas variações de Sinais em outras regiões.

Sabemos que as variações de Sinais são mudanças que ocorrem na comunicação devido às diferenças no modo de expressão, porém não mudam o sentido quanto ao significado das palavras ou sinais. Por exemplo o sinal “AMAZONAS” e “MANAUS” é pouco confuso para entender a tradução do signo escrito, conforme demonstrado nos grafemas a seguir:

Figura 18 – Signo AMAZONAS e MANAUS

Grafema 1	Grafema 2	Onde?
 AMAZONAS	 MANAUS	Manaus

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebendo que o signo escrito está confuso nas posições das mãos, dos movimentos, das locações e das orientações das mãos.

O Leitor E relata essa situação no trecho da entrevista destacado quando se refere a essa característica das línguas.

[...] ALGUNS SINAIS PARECIDO ENCONTRAR 1 SINAL ESTRANHO  
 MOSTRAR VER EXEMPLO  (Amazonas)  (Manaus)  
 CONFUSO LOCAÇÃO TESTA CABEÇA CIMA E BAIXO CONFUSO  
 COMPARAR. (LEITOR E).

O leitor Surdo compartilhou sua experiência sobre a confusão ao encontrar formas de signos escritos semelhantes, as quais prejudicam a compreensão do significado das palavras-sinais.

Portanto, é importante reconhecer e abordar as variações de sinais para que os leitores percebam que certos grafemas apresentam diferenças, mantendo o mesmo sentido dos signos escritos, fato que ocorre não só na língua de sinais, mas é próprio de qualquer língua em uso.

Nesse sentido, os leitores precisam se familiarizar e praticar a leitura diariamente, a fim de compreender o contexto dos textos em Escrita de Sinais. Caso não haja uma prática diária, isso pode resultar em dificuldades de compreensão ou até mesmo em esquecimento dos signos escritos durante a leitura. Portanto, é fundamental que os leitores realizem leituras diárias para aprimorar suas habilidades e adquirir maior conforto na leitura dos textos em Libras (*SignWriting*), melhorando assim seu entendimento.

#### 4.3.2 COMPREENSÃO LEITORA

Nesta seção tratamos sobre a leitura fluente, abordando a Identificação com a construção textual (Sujeito Surdo X Cultura Surda) e a Interação com o texto.

##### 4.3.2.1 Identificação com a construção textual (Sujeito Surdo X Cultura Surda)

Para compreender corretamente o significado do contexto do texto em *SignWriting*, é essencial ter conhecimento da ordem na fonologia desse sistema de escrita. Os leitores Surdos entrevistados destacaram a importância desse aspecto para uma leitura eficaz. Ao entender a sequência correta dos sinais e sua relação com o contexto, eles puderam atribuir o sentido adequado aos signos escritos presentes no texto.

A familiaridade com a ordem na fonologia em *SignWriting* permite que os leitores Surdos identifiquem a estrutura gramatical e sintática da língua de sinais, facilitando a compreensão do significado das frases e expressões. Essa habilidade é crucial para uma leitura precisa e coerente, pois contribui para uma interpretação mais completa do texto.

Ao reconhecer e aplicar corretamente a ordem na fonologia em *SignWriting*, os leitores Surdos têm uma base sólida para decodificar o conteúdo textual e compreender o seu sentido global. Essa compreensão aprofundada do contexto do texto enriquece a experiência de leitura e possibilita a assimilação das informações transmitidas por meio da Escrita de Sinais.

Portanto, investir na compreensão da ordem na fonologia em *SignWriting* é um passo fundamental para os leitores Surdos que desejam aprimorar sua habilidade de leitura nesse sistema de escrita. Ao dominar esse aspecto, eles estarão mais preparados para explorar e compreender de maneira mais abrangente

os textos escritos em *SignWriting*. A seguir, apresentamos as observações feitas pelos leitores Surdos durante a entrevista:

[...] PRECISAR ORDEM SABER É FONOLOGIA PROPRIO SIGNWRITING LINGUA-DE-SINAIS SABER DECORAR LEMBRAR CONTATO QUAL, MOVIMENTO QUAL, COMO SENTIR ORIENTAÇÃO-MÃO, CONFIGURAÇÃO-MÃO [...] (LEITOR A).

[...] LER TEXTO MAS PRECISAR SINAL LER CONTEXTO (vertical cima para baixo) CONSEGUIE ENTENDER CADA SINAL... PARA FACIL MOSTRA SINAL CLARO PARAMETROS CONFIGURAÇÃO DE MÃO, MOVIMENTO, LOCAÇÃO. (LEITOR E).

Na entrevista o Leitor A mostra que é preciso entender a ordem de grafema para transformar o signo escrito nas colunas, ou seja, linha vertical, para entender a coesão e coerência do texto. O Leitor E explica o que é preciso para que ele consiga entender cada sinal próprio dos parâmetros, a fim de acompanhar a leitura com coesão e coerência da linha vertical. Vejamos o trecho da entrevista do Leitor D reproduzida abaixo:

CADA CONTEXTO (vertical cima para baixo), PRIMEIRO LEITURA FICAR PRONTO? NÃO. TRÊS-VEZES, LER PRONTO, VOLTAR LER PRONTO, VOLTAR LER ATÉ CONSEGUIR ENTENDER [...] (LEITOR D).

Realmente, a leitura não é feita somente uma vez. Veja o que Leitor D relata que para haver o entendimento é necessário ler mais três vezes até conseguir e entender o sentido da coesão e coerência do texto da Escrita de Sinais.

A forma da linha vertical do padrão pode ter até cinco colunas por páginas. Se tiver mais colunas será preciso diminuir o tamanho da fonte do signo escrito. O Leitor E relata como percebe a frase em cada coluna no texto:

[...] FRASE BÁSICO EU ENTENDER, FRASE PESADO SIGNWRITING CADA SINAL EU NÃO CONSEGUIR, MELHOR FRASE COLUNA SIMPLES 1 OU 2 FACIL CADA COLUNA CIMA PARA BAIXO, MAS EU NÃO CONSEGUIR MAIS 4 COLUNAS. SÓ CONSEGUIR ATÉ 3 COLUNAS, SÓ 1 COLUNA DÁ FACIL ENTENDER [...] (LEITOR E).

O Leitor D mostra que depende de cada frase para ter compreensão ou fica difícil entender o contexto. Na verdade, ele explica que é fácil conseguir e entender a frase das colunas só se estiver menos ou máximo 2 de colunas para conseguir compreender o básico de forma coesa e coerente. Se forem mais 3 colunas, logo

fica muito complicado para entender o sentido. Isso normalmente acontece por falta do hábito da leitura.

Para a construção de um texto é importante a organização das regras das colunas e parâmetros. As colunas já foram explicadas anteriormente sobre o padrão da linha vertical, enquanto os parâmetros, observemos o relato do Leitor G:

[...] REGRA ESTRUTURA ... CONTADO, MOVIMENTO, LOCAÇÃO

EXEMPLO  (casa) 2 ATERISCOS ACIMA DA CONFIGURAÇÃO DE MÃO MOSTRA REGRA CERTO, ERRADO MOSTRA LADO ATERRISCO DA CONFIGURAÇÃO DE MÃO  \*\* PRECISA COLOCAR LOCAL ATERRISCO CORRETO [...] (LEITOR G).

Para facilitar a compreensão do sentido da frase e da estrutura do texto em *SignWriting*, é fundamental compreender a regra da posição dos parâmetros, em particular a linha vertical. Quando os parâmetros são posicionados corretamente, a mensagem transmitida pelo texto torna-se clara e compreensível. Por outro lado, se houver inconsistências na posição dos parâmetros, a compreensão do significado pode ser comprometida.

É importante ressaltar que a construção de um texto em *SignWriting* requer organização e adesão aos padrões e estruturas estabelecidos. Seguir essas normas contribui para a coerência e a coesão do texto, permitindo uma comunicação efetiva por meio da Escrita de Sinais.

Como mencionado, também existem outros sistemas de Escrita de Sinais além do *SignWriting*, como o Elis, SEL e Visiografia. Cada um desses sistemas apresenta suas próprias formas e estruturas textuais distintas. É essencial compreender e familiarizar-se com essas diferentes abordagens, a fim de apreciar a diversidade e a riqueza existentes na Escrita de Sinais.

#### 4.3.2.2 Interação com o texto

No que se refere à interação com o texto e como os leitores Surdos acadêmicos pesquisados conseguem a compreensão do texto da leitura do *SignWriting*, trazemos o trecho da entrevista dos Leitores B, D e H:

[...] EU ENTENDER APARECE RESUMIR INDIO, DIABO, PODER DOM AJUDAR GRAVIDA NASCER DESENVOLVER INTELIGENTE CONVERSAR ANIMAL, EU TENTAR ENTENDER TUDO, MAS TENTAR DÁ PARA ENTENDER. (LEITOR B).

[...] CONSEGUIR ENTENDER COMPARAR TRISTE / ALEGRE, DOM / DEUS DAR, DEPENDE APRENDER.(LEITOR D).

[...] TER APROVEITAR CONTEXTO CADA ENTENDER...NÃO-CONSEGUIR ENTENDER DATOLOGIA MÃO LIGADA ESCRITA SINAIS ATÉ ENTENDER, EXEMPLO ARVORE, PESSOA, INDIO, DIABO, DEUS, CONSEGUIR ENTENDER CONTEXTO MAIS AÇÃO HISTÓRIA [...]. (LEITOR H).

Os leitores Surdos que conseguiram compreender a leitura em *SignWriting* foram aqueles que já possuíam conhecimento dos significados dos signos escritos. Isso tornou mais fácil para eles entender o contexto do texto. Por exemplo, o Leitor B teve facilidade em identificar e resumir os signos escritos, como "ÍNDIO" e "DIABO". O Leitor D explicou que compreendeu a comparação entre os signos escritos "TRISTE/ALEGRE" e "DOM/DEUS DAR". Já o Leitor H mencionou que não entendeu alguns signos escritos, mas utilizou a datilologia manual para facilitar a compreensão desses sinais.

Esses relatos dos leitores demonstram como a compreensão do contexto da Escrita de Sinais está relacionada ao conhecimento prévio dos signos. Os acadêmicos Surdos que estão acostumados a usar a língua portuguesa como primeira língua sentem menos dificuldade na compreensão do texto em *SignWriting*, pois já possuem uma base sólida na língua de sinais. Isso lhes proporciona conforto na comunicação.

É importante ressaltar que os Surdos enfrentam um desafio educacional maior do que os ouvintes, pois, para aprender o sistema *SignWriting*, eles precisam primeiro ser alfabetizados em português (oral e escrito), em seguida, aprender LIBRAS e, por fim, o sistema *SignWriting*. Esse percurso educacional complexo requer um esforço adicional, mas é fundamental para permitir que os Surdos tenham acesso pleno à leitura e à comunicação por meio da Escrita de Sinais. Vejamos a seguir entrevista do Leitor A:

[...] EU PENSO NÓS ACOSTUMAR TEXTO PORTUGUÊS LER PARECE MAIS RAPIDA LEITURA ORGANIZADA, TAMBÉM SIGNWRITNG NOVO DIFICIL COMEÇA, ACOSTUMAR PRECISA CONTATO TEXTO+ PRECISA TODO-DIA CONSEGUE ESCLARECER RAPIDO, VER ENTENDER DECORAR SINAL SIGNWITRING.(LEITOR A).

No relato anterior do Leitor A, foi observado que aqueles que já estão familiarizados com a leitura em português têm uma compreensão mais facilitada ao aprender *SignWriting*. A exposição frequente à leitura diária da Escrita de Sinais auxilia no desenvolvimento da compreensão, pois possibilita o conhecimento de novos vocabulários e aumenta o conforto na compreensão do contexto.

É importante ressaltar que, para entender o contexto de cada signo escrito e sua relação com os demais na linha vertical, é necessário o desenvolvimento de habilidades de leitura contínua e prática. O uso regular da leitura em *SignWriting* contribui para a aquisição de fluência e familiaridade com a estruturação dos signos escritos. Dessa forma, o leitor se torna mais apto a compreender o significado de cada sinal e sua conexão com os demais elementos presentes no texto.

O aprendizado constante e a exposição frequente à leitura em *SignWriting* são fundamentais para aprimorar a compreensão do contexto e facilitar a leitura fluida da Escrita de Sinais. Essa prática contínua proporciona uma maior familiaridade com o sistema de escrita e fortalece a habilidade de interpretar e compreender os signos escritos em conjunto, formando um todo coerente.

[...] “PODER DOM AJUDAR GRAVIDA NASCER DESENVOLVER INTELIGENTE CONVERSAR ANIMAL”, EU TENTAR ENTENDER TUDO [...]. (LEITOR B).

O leitor B leu o texto “A Lenda do Guaraná” e relatou que entendeu o texto mostrando a história da “A Lenda do Guaraná”. Ele sinalizou que “PODER DOM AJUDAR GRAVIDA NASCER DESENVOLVER INTELIGENTE CONVERSAR ANIMAL”, por isso, antes ele leu o texto e depois naturalmente a expressão o que ele foi entendendo do texto. O leitor B explicou que tentou compreender a interação do texto.

O leitor E relata a seguir como organiza melhor a estrutura para compreensão do texto:

[...] TRÊS COISAS [...]: PRIMEIRO SIGNWRITNG ORGANIZAR LINGUA DE SINAIS, SEGUNDO DESENHO SIGNWRITING CADA COLUNAS DEPOIS ESCRITA, TERCEIRO ORGANIZAR TRADUÇÃO ORGANIZAR. (LEITOR E).

[...] SE PESSOA TER EXPERIÊNCIA SIGNWRITNG CONHECER PRONTO ADQUIRIR (peito) LÓGICO IMPORTANTE PENSAR DUAS COISAS TRANSCRIÇÃO LIGADA SIGNWRITING + LINGUA SINAIS [...] (LEITOR H).

Realmente é importante colocar em ordem passo a passo, que primeiramente em Língua de Sinais, depois a transcrição em *SignWriting* e finalmente utiliza-se da tradução para a língua portuguesa. Esses passos servem para que os leitores possam ativar a compreensão da leitura do texto da Escrita de Sinais. O Leitor H explica sobre a transcrição da primeira Língua de Sinais e depois a transcrição para *SignWriting*.

Esse trabalho mostra que as crianças podem começar a compreensão do texto, conforme expresso pelo na entrevista do Leitor D:

[...] PRIMEIRO SIGNWRITING TEXTO DIFERENTES OUTROS PRECISAR APRENDER PRINCIPAL CRIANÇA APRENDER LER [...] (LEITOR D).

O leitor D diz que a criança precisa aprender a ler o texto para aprimorar a interação do texto para receber conforto afetivo da compreensão de outros textos próprios *SignWriting*. Na verdade, no começo é difícil entender a interação do texto, de acordo com o Leitor B:

[...] COMEÇAR PESADA. UM TEMPO. SE EU ENTENDER SIGNWRITING, OK. EU SENTIR MAIS CONFORTAVEL MAS ADAPTAR CADA-VEZ-MAIS AINDA. (LEITOR B).

Segundo o relato do Leitor B, é comum encontrar dificuldades iniciais na interação com o texto em *SignWriting*, especialmente quando a pessoa ainda não está familiarizada com a alfabetização nesse sistema de escrita.

No entanto, ele ressalta que a leitura diária desempenha um papel fundamental para aprimorar essa interação e proporcionar um maior conforto ao compreender o texto em *SignWriting*. É por meio da prática constante da leitura que a pessoa se torna mais habilidosa e confiante na compreensão do contexto e dos signos escritos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conforto linguístico na leitura de textos em Libras ou em *SignWriting* por leitores Surdos está relacionado ao conhecimento específico das características das línguas sinalizadas, o que torna a leitura mais eficiente. Isso inclui a familiaridade com a visualidade dos sinais, a compreensão da organização espacial dos símbolos no *SignWriting* e a capacidade de identificar os aspectos gramaticais próprios da Libras representados nesse sistema.

Quando um leitor Surdo tem conforto linguístico no *SignWriting*, ele é capaz de ler os textos de forma fluída, sem dificuldades na decodificação dos símbolos e na compreensão do conteúdo. Ele reconhece os sinais representados, interpreta corretamente as informações e tem uma experiência de leitura mais eficaz.

O conforto linguístico também está relacionado à sensação de familiaridade e segurança que o leitor Surdo experimenta ao ler textos em *SignWriting* ou em Libras. Isso significa que ele se sente à vontade e confiante ao utilizar essa forma de escrita, percebendo-a como uma representação autêntica e legítima da sua língua natural.

O conforto linguístico no *SignWriting* ou na Libras para um Surdo implica ter facilidade e fluência na leitura e compreensão dos textos escritos nesse sistema. Isso ocorre quando o leitor Surdo possui um bom domínio do código do *SignWriting* ou da Libras, reconhecendo os símbolos e convenções utilizados para representar os sinais da língua de sinais.

A Língua de Sinais utiliza códigos por meio da articulação das mãos, movimento dos dedos e das mãos, localizações nos membros superiores e inferiores do corpo, orientações das mãos (palma para cima, para baixo, para frente e para trás) e expressões faciais e corporais. Esses elementos estabelecem a comunicação visual, proporcionando conforto linguístico para muitas pessoas Surdas. A Língua de Sinais permite uma forma de comunicação acessível e natural, contribuindo para a inclusão e a expressão plena da identidade Surda.

A Escrita de Sinais, representada pelo *SignWriting*, tem como objetivo registrar as informações para que não sejam perdidas. É importante consultar o passado e buscar informações para nossas pesquisas atuais, utilizando as informações do passado. Esse uso ajuda a valorizar a Língua e perpetuar aspectos culturais dos Surdos. O registro da Escrita de Sinais é necessário para preservar o

vocabulário de sinais, funcionando como um glossário em Libras. Isso nos permite buscar estudos, pesquisas e análises dos sinais utilizados em nosso cotidiano.

O objetivo geral desta pesquisa “Leitura de textos em Libras (*SignWriting*) por Surdos acadêmicos: conforto linguístico e identificação cultural” foi investigar a percepção do acadêmico Surdo quanto à leitura de textos escritos em Libras no sistema *SignWriting* a partir de dois aspectos específicos: o conforto linguístico e a identificação com o registro.

A Lei nº 10.436/02 estabelece que a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa. Isso significa que a Escrita de Sinais não pode substituir a língua portuguesa escrita, uma vez que o padrão no Brasil é a língua portuguesa. No entanto, a Língua de Sinais é reconhecida pela lei no Brasil. O Decreto nº 5.626/05 apresenta o currículo da disciplina de Escrita de Sinais, permitindo que os surdos aprendam a ler e escrever para a vida na comunidade Surda. Portanto, como explicado por Ribeiro (2016, p.75), a escrita tem a função de preservar a própria língua, cultura e história de um povo, registrando o contexto em que vivemos. Isso é importante para registrar e, posteriormente, aproveitar a leitura da Escrita de Sinais para ampliar o conforto por meio da compreensão do sentido do texto.

Além disso, é de grande importância que a Escrita de Sinais seja difundida dentro da própria comunidade Surda, pois ela eleva a língua a um novo patamar, permitindo o registro do pensamento Surdo e a preservação de sua identidade para as gerações futuras. Essa observação durante a Tese evidencia a importância de aprofundar o estudo para descobrir verdadeiramente e desenvolver sujeitos Surdos capazes de obter o conforto da leitura em *SignWriting*. A experiência que carrego por meio deste estudo pode ser comparada com uma viagem de entendimento sobre o conforto da leitura, sobretudo, no texto em Escrita de Sinais (*SignWriting*).

Nesta pesquisa, foram realizados diversos estudos com o objetivo de esclarecer o significado do trabalho de leitura em Escrita de Sinais, demonstrando assim a importância desse trabalho para o conforto linguístico. Durante o período de realização deste estudo, começamos a compreender a leitura como meio de alcançar o conforto linguístico e a identificação com o registro. De fato, ao analisarmos os textos em *SignWriting* presentes em diferentes livros, podemos identificar se estão verdadeiramente oportunizando o conforto linguístico necessário ao leitor Surdo, bem como a sua identificação com o registro. Observamos que os

sujeitos apresentam mais dificuldades no aspecto da escrita do que na leitura. Alguns leitores compreendem apenas de um a três signos escritos, enquanto a maioria consegue acompanhar a velocidade da leitura normalmente. Isso, por sua vez, proporciona o conforto linguístico e a identificação com o registro.

É importante destacar que os livros em *SignWriting* são utilizados em diversas áreas, tais como lendas, publicações científicas, cartas, histórias em quadrinhos, fábulas, poemas, entre outros. No entanto, é necessário verificar se os leitores estão realmente obtendo o conforto na leitura. Alguns leitores conseguem adquirir o conforto pleno na leitura, enquanto outros conseguem apenas compreender cada sinal escrito.

Cada escritor possui sua própria criatividade e ideias, começando a escrever utilizando a Escrita em Libras no texto. Essas escritas podem ser utilizadas para registro em diferentes contextos, como a própria Língua de Sinais, a interação textual, variações regionais, pesquisas, consulta a dicionários e glossários, disciplinas escolares, interpretação do texto, anotações, expressão de ideias e transcrição de sinalizações. Esses elementos são importantes para preservar a escrita e evitar que ela desapareça, permitindo que os leitores desfrutem do conforto na leitura.

Valorizamos a pesquisa realizada com leitores Surdos acadêmicos em Instituições Federais, visando proporcionar-lhes o conforto na leitura por meio da Escrita de Sinais. Alguns leitores Surdos conseguem adaptar-se à leitura e aproveitar o conforto proporcionado, enquanto outros enfrentam certas dificuldades de leitura devido à falta de hábito diário de leitura.

Conclui-se que a leitura de textos em Libras (*SignWriting*) proporciona conforto linguístico e identificação cultural, contribuindo para a compreensão do sentido do texto. Os resultados evidenciam que os leitores Surdos acadêmicos, embora tenham sido entrevistados de forma coletiva, expressaram respostas diferentes. A maioria dos leitores Surdos que já estava familiarizada com o sistema *SignWriting* pôde desfrutar do conforto na leitura, enquanto alguns leitores acadêmicos estão gradualmente aprendendo o sistema *SignWriting*.

Desse modo, é importante que os professores das Instituições Federais incentivem a leitura entre os alunos. No entanto, é preciso reconhecer que alguns professores podem não ter proficiência suficiente para trabalhar com a Escrita de Sinais, o que pode impactar no desenvolvimento da leitura por parte dos alunos.

Nesse sentido, torna-se imprescindível intensificar e consolidar a proposta de leitura de textos em Libras (*SignWriting*). Para ampliar a discussão acerca dessa necessidade, é importante abordar alguns pontos pertinentes e significativos.

Primeiramente, é fundamental destacar a importância da acessibilidade linguística para a comunidade Surda. A Libras é reconhecida como a língua natural dos Surdos no Brasil, e a escrita em *SignWriting* oferece uma forma de representação escrita dessa língua. Ao promover a leitura de textos em Libras, estaremos valorizando e preservando a identidade cultural e linguística dos Surdos, permitindo que eles se expressem plenamente e tenham acesso à informação e ao conhecimento de forma equivalente.

Além disso, a leitura de textos em Libras contribui para o desenvolvimento acadêmico e intelectual dos Surdos, permitindo que eles acessem conteúdos educacionais, literários e científicos em sua língua de preferência. Isso promove a inclusão e a igualdade de oportunidades, garantindo que os Surdos tenham acesso aos mesmos recursos e possam participar ativamente do processo educacional e cultural.

Para fortalecer a proposta de leitura de textos em Libras, é necessário investir em ações concretas. Isso inclui a capacitação adequada de professores e educadores, para que possam trabalhar com a Escrita de Sinais e apoiar os alunos Surdos em seu processo de leitura. Além disso, é importante fomentar a produção e a disponibilidade de materiais educacionais, literários e científicos em Libras, utilizando o *SignWriting* como forma de representação escrita.

Também é válido destacar a importância da conscientização e do apoio da sociedade como um todo. É necessário promover uma cultura inclusiva, que valorize a diversidade linguística e reconheça a importância da Libras e do *SignWriting* como instrumentos de comunicação e expressão para a comunidade Surda.

Em suma, fortalecer a proposta de leitura de textos em Libras (*SignWriting*) é uma ação essencial para garantir a inclusão e o pleno desenvolvimento dos Surdos. Isso requer investimentos em formação, produção de materiais e conscientização social, visando proporcionar acesso igualitário à informação, ao conhecimento e à cultura para todos os Surdos que utilizam a Libras como sua língua de preferência.

No Brasil, há quatro tipos distintos de Escrita de Sinais, nomeadamente o *SignWriting*, Elis, SEL e Visiografia. A fim de compreendermos como é possível alcançar o conforto linguístico na leitura desses sistemas, é necessário buscar o

aprofundamento em pesquisas sobre a leitura de textos em cada um dos quatro tipos de Escrita de Sinais utilizados no país.

A pesquisa realizada contou com entrevistas de oito participantes, todos estudantes graduandos e graduados nos cursos de Letras Libras e Letras Libras/Português de Instituições Federais. Esses participantes foram selecionados por terem familiaridade com o sistema *SignWriting* e demonstrarem conforto na leitura de textos em Libras.

Durante as entrevistas, os participantes revelaram que alguns conseguem desenvolver a leitura de textos em Libras (*SignWriting*) com mais facilidade, enquanto outros enfrentam mais dificuldade nesse aspecto. É importante ressaltar que todos os participantes possuíam noções básicas do sistema *SignWriting*, mas alguns deles alcançaram maior fluência na leitura de textos em Libras (*SignWriting*).

Esses resultados destacam a importância da leitura diária de textos em Libras (*SignWriting*), pois é por meio dessa prática constante que os participantes começaram a experimentar maior conforto linguístico. A familiaridade com o sistema e a prática regular da leitura contribuíram para o desenvolvimento das habilidades de compreensão e interpretação dos textos em Libras (*SignWriting*).

Esses achados reforçam a relevância de promover o estudo e a prática da leitura em Libras (*SignWriting*) como parte essencial do processo educacional de estudantes Surdos. Ao oferecer oportunidades de leitura e incentivar a familiarização com o sistema *SignWriting*, é possível proporcionar aos estudantes Surdos um maior conforto linguístico e facilitar o acesso aos conhecimentos e à cultura expressos nessa forma de escrita.

Os resultados desta pesquisa revelaram que os participantes forneceram todas as respostas durante as entrevistas. No futuro, é possível que os leitores desenvolvam habilidades de leitura de textos em Libras (*SignWriting*), contudo, isso dependerá do ensino didático fornecido pelos docentes nas Instituições Federais.

Entre os professores universitários, é comum ouvir queixas generalizadas de que os alunos não sabem ler. Embora possa parecer um exagero, essa afirmação possui sua explicação. Em geral, os alunos confundem leitura com a simples decodificação dos sinais gráficos, ou seja, não estão acostumados a compreender a leitura como um processo mais amplo, que envolve a interação entre o leitor e o autor, o esforço para prestar atenção, compreender e analisar o que estão lendo (ANDRADE, 2018, p. 3).

Na realidade, a responsabilidade recai sobre os professores, aqueles que ensinam didaticamente nas escolas, Instituições Federais ou cursos livres. Portanto, é crucial que eles aprimorem o ensino, incluindo a leitura de textos em Libras (*SignWriting*) para os alunos. Por outro lado, alguns alunos podem se tornar autodidatas, pois possuem interesse próprio nessa área.

Observamos a importância da leitura de textos em Libras (*SignWriting*) no trabalho com os alunos Surdos acadêmicos nas Instituições Federais, proporcionando-lhes o conforto da leitura por meio da compreensão. Assim, eles podem se tornar independentes e autônomos na leitura de textos em Libras (*SignWriting*).

Para compreender a realidade atual, entendemos que a leitura é indispensável, pois podemos explorar eventos cotidianos na vida da sociedade, na pesquisa científica, nas notícias, nos contos e nas fábulas, entre outros acontecimentos. Reconhecemos que a valorização da interação entre autor, texto e leitor é fundamental para o desenvolvimento de diversos tipos de conhecimento, como o linguístico, o enciclopédico (conhecimento do mundo), o textual e o interacional.

Por fim, retomamos os propósitos do estudo que teve como objetivo geral perceber como os leitores Surdos acadêmicos experimentam o conforto da leitura de textos em Libras (*SignWriting*), no desdobramento da pesquisa buscamos como objetivos específicos:

a) Identificar como os leitores Surdos percebem as marcas específicas das línguas sinalizadas nos textos escritos em Libras.

Os leitores Surdos relatam que entendem a leitura, sobretudo, vertical, logo a compreensão do contexto da leitura de textos em Libras em cada signo escrito deve ser de cima para baixo. Pelos menos, na linha horizontal da direita para esquerda, porque provoca certa confusão com os vizinhos dos grafemas se misturados. Sabemos que a regra da linha vertical ou “coluna” é ilimitada, mas no padrão de uma página é possível ajustar no máximo até cinco colunas.

Também, é importante conhecer antes as regras de funcionamento específico do sistema da Escrita de Sinais porque isso trará mais facilidade no trabalho com a escrita e a leitura no texto em Libras (*SignWriting*).

b) Avaliar se as variações dos sinais são percebidas pelos leitores Surdos em textos em *SignWriting*.

Os leitores Surdos observaram que existem variações nos sinais escritos em diferentes regiões. Alguns leitores Surdos estão familiarizados e compreendem essas variações nos sinais escritos, pois vivem em suas próprias regiões específicas. No entanto, aqueles que não estão familiarizados ou não compreendem as variações podem recorrer a pesquisas em dicionários ou consultar os próprios sinais escritos. Às vezes, a forma dos parâmetros nos sinais escritos pode causar confusão, levando a diferentes significados ou até mesmo à inexistência de um determinado sinal.

c) Verificar se os leitores Surdos percebem conforto linguístico ao ler textos escritos em Língua de Sinais.

Os leitores Surdos foram capazes de compreender o texto em Libras (*SignWriting*) em seu contexto de cada sinal escrito, e eles sentiram facilidade em entender. No entanto, eles notaram que alguns sinais escritos eram mais fáceis de entender em seu contexto, enquanto outros sinais escritos apresentavam variações, o que fez com que eles conhecessem o significado ou pulassem a continuação da leitura. Alguns leitores já estavam acostumados com a leitura em Libras (*SignWriting*) e conseguiam acompanhar facilmente.

É importante mencionar que, embora os leitores Surdos estejam acostumados com a leitura em português, alguns encontram dificuldade em compreender o significado das palavras, pois estão mais habituados a utilizar a Língua de Sinais. No entanto, alguns leitores Surdos conseguem acompanhar a leitura de textos em Libras (*SignWriting*) e experimentam o conforto da leitura.

d) Verificar se os textos em *SignWriting* tornam a leitura mais prazerosa para leitores Surdos.

No texto em Libras (*SignWriting*) se mostra a estrutura de escrita simples pelo grafema, que apresenta cada detalhe: Configuração de Mão, Tipos de Movimentos, Ponto de Articulação, Orientação das Mãos e Expressões Facial e Corporal. É também, a estrutura do contexto do cada signo escrito na forma da linha vertical, ou seja, forma de colunas. Cada signo escrito precisa estar organizado a fim de minimizar os problemas de ordem visual que dificultam a leitura.

e) O objetivo desta pesquisa foi identificar se os leitores Surdos conseguem interagir melhor com os textos escritos em Libras.

Durante a interação entre o texto, o autor e o leitor, busca-se a compreensão do texto em Libras (*SignWriting*). Alguns leitores Surdos conseguem entender o significado do contexto presente no texto, enquanto outros podem pular a leitura devido à falta de familiaridade, compreensão limitada ou problemas na visualização dos signos escritos. Os leitores Surdos expressaram o desejo de ter a escrita datilológica ao lado dos signos escritos, para facilitar a compreensão dos significados. Essa adição é importante para evitar problemas na compreensão dos textos em Libras (*SignWriting*). É fundamental que a leitura faça parte da rotina diária, permitindo a interação entre autor, texto e leitor para uma compreensão mais efetiva.

Esta tese defende a ideia de que o conforto linguístico está intrinsecamente ligado à sensação de familiaridade e segurança que os leitores Surdos experimentam ao ler textos em *SignWriting* e Libras. Essa sensação de conforto surge quando os leitores se sentem à vontade e confiantes ao utilizar essa forma de escrita, reconhecendo-a como uma representação autêntica e legítima de sua língua natural. Portanto, o conforto linguístico no *SignWriting* ou na Libras para os Surdos envolve o domínio do código do sistema, a fluência na leitura dos textos escritos e a sensação de familiaridade e segurança ao utilizar essa forma de escrita da língua de sinais.

A compreensão leitora na cultura Surda abrange o domínio da leitura de textos escritos em língua de sinais, como o *SignWriting*, que é um sistema de escrita visual utilizado para representar os sinais e estruturas gramaticais da Língua de Sinais. Além disso, a compreensão leitora também inclui a habilidade de compreender textos escritos em língua portuguesa ou em outras línguas, por meio da tradução e interpretação.

A valorização da cultura Surda e o desenvolvimento da compreensão leitora são elementos essenciais para promover a inclusão e a participação plena dos Surdos na sociedade. Por meio da leitura, os Surdos têm acesso a informações, conhecimentos e diferentes perspectivas, ampliando seu repertório cultural e intelectual.

Esta tese também enfatiza a importância de iniciar o aprendizado do *SignWriting* desde a educação básica, a fim de proporcionar benefícios significativos aos alunos Surdos. Ao introduzir o sistema *SignWriting* em idades mais jovens, os estudantes têm a oportunidade de desenvolver habilidades de leitura e escrita nessa modalidade desde cedo, estabelecendo uma base sólida e facilitando sua trajetória acadêmica.

Promover a conscientização e a disseminação do *SignWriting* em todas as etapas da educação, desde a educação básica até o ensino superior, destaca-se a necessidade de políticas e programas educacionais que apoiem a inclusão e garantam acesso igualitário ao conhecimento linguístico para os alunos Surdos, independentemente da idade em que iniciam seu aprendizado do *SignWriting*.

O *SignWriting* é valorizado como uma ferramenta que oferece suporte para a representação e documentação das Línguas de Sinais, permitindo a preservação e transmissão da riqueza e complexidade dessas línguas. Além disso, o uso do *SignWriting* facilita o acesso à literatura e ao conhecimento Surdo, promovendo uma maior inclusão e valorização da cultura Surda.

A motivação desta tese foi incentivar a leitura de textos em Libras (*SignWriting*) para que os leitores Surdos possam experimentar o conforto linguístico e o enriquecimento cultural proporcionados por essa modalidade de escrita. Essa pesquisa também trouxe o princípio de estimular a realização de novas pesquisas, em busca de novas descobertas, e oferecer aos demais leitores Surdos a oportunidade de desfrutar do conforto da leitura de textos em Libras (*SignWriting*).

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. M. de. **Introdução do trabalho**: elaboração de trabalhos na graduação. 10 ed. [10. Reimpr.] – São Paulo: Atlas, 2018.
- BAKHTIN, M. **Gêneros do Discurso**. Estética da Criação Verbal. Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BARRETO, M.; BARRETO, R. **Escrita de Sinais sem mistérios**. 2. ed. Salvador: Libras Escrita, 2015.
- BOUTORA, L. **Étude des systèmes d'écriture des langues vocales et des languées**. Paris: Mémoire de D.E.A des Sciences du Langage – Université Paris VIII, 2003.
- BÓZOLI, D. M. F., STUMPF, M. R. Signpuddle: o uso do sistema signwriting na produção textual em Língua Brasileira de Sinais. **Revista Ecos**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/3048>. Acesso em: 12 jun 2023.
- BICALHO, D. C. Leitura. In: FRADE, I. C. A. S., COSTA VAL, M. G., BREGUNCI, M. G. C.(org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm) Acesso em: 10 mai. 2023.
- BREDA, V. S. M. M. A aplicação da Escrita de Sinais, SignWriting, no Brasil. **Revista Leitura**.v.1, nº 57, 2016.
- CASTRO, J. **Significado de Leitura**. 2013. Disponível em: [http://ninaflor2014.blogspot.com.br/2013/09/a-importancia-da-leitura\\_113.html](http://ninaflor2014.blogspot.com.br/2013/09/a-importancia-da-leitura_113.html). Acesso em: 21 mar. 2019.
- CALGLIARI, L. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 2002.
- COUTINHO, D. **Libras e Língua Portuguesa (semelhanças e diferenças)**. Volume II. 3ª. Ed. João Pessoa: Ideia, 2015.
- COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.
- COSTA, A. C.; STUMPF, M. R.; FREITAS, J. B.; DIMURO, G. P. **Um convite ao processamento da língua de sinais**. 2004. Disponível em: [https://www.signwriting.org/archive/docs6/sw0567\\_BR-2004-Linguas-de-Sinais.pdf](https://www.signwriting.org/archive/docs6/sw0567_BR-2004-Linguas-de-Sinais.pdf) Acesso em: 6 set 2022
- CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Sandra Maria Mallmann da Rosa; revisão técnica: Dirceu da Silva. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

CRISTIANO, Almir. **SignWriting**. 2020. Disponível em <https://www.libras.com.br/signwriting#:~:text=SignWriting%20%C3%A9%20um%20sistema%20que,espec%C3%ADfico%20da%20l%C3%ADngua%20de%20sinais>.

Acesso em: 20 abr 2023

CURY, W. **O cérebro taquigráfico: um superprocessador**. Taquibras, Brasília, [2007]. Disponível em: [http://www.taquigrafiaemfoco.com.br/cultura\\_taquigrafica/cultura\\_taquigrafica\\_em\\_pdf/09\\_o\\_cerebro\\_taquigrafico.pdf](http://www.taquigrafiaemfoco.com.br/cultura_taquigrafica/cultura_taquigrafica_em_pdf/09_o_cerebro_taquigrafico.pdf) Acesso em: 20ago2022

LEFFA, V. J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, V. J.; PEREIRA, A. E. (Orgs). **O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação**. Pelotas, RS: Educat: 1999.

LIMA, I. Q. **Formação de professores(as) de Escrita de Sinais nos cursos de Letras – Libras na região norte do Brasil**. 2022. 120 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Educação, Rio Branco, 2022.

LIMA, I. Q.; SOUSA, A. M. Importância da Escrita de Sinais na educação bilíngue de surdos e a implicação na formação de professores. In: SANTOS, T. C.; SOUSA, A. M. (orgs). **Organização do trabalho pedagógico e formação de professores**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2023, p. 387-404.

FARIAS-FILHO; M. C.; ARRUDA FILHO, E. J. M. **Planejamento da pesquisa científica**. São Paulo: Altes. 2013

FAULSTICH, E. L. de J. **Como ler, entender e redigir um texto**. 27. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FRANCISCO, W. C. **Faixa etária da população brasileira**. Equipe Brasil Escola. s/d. Disponível em: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/estrategias-ensino/faixa-etaria-populacao-brasileira.htm>. Acesso em: 15 abr 2023.

GESSER, A. **Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAJOLO, M. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Contexto, 1997.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

OLIVEIRA, M. A. **Conhecimento linguístico e apropriação do sistema de escrita**. Belo Horizonte: Ceale/Fae/UFMG, 2005.

OLIVEIRA, M. F. **Metodologia científica**: Um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: UFG, 2011.

GREIMAS, A. J. **Semiótica e Ciências Sociais**. São Paulo: Cultrix, 1976.

KLEIMAN, Â. B. **Abordagem da leitura**. Scripta. Belo horizonte, vol. 7, nº 14, pp. 13-22, 1º sem. 2004. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12538/9844>  
Acesso em: 17mai2022.

KLEIMAN, Â. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, Â. B. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas, S.P, Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Â. **Texto e leitor**: Aspectos cognitivos da leitura. 16ª edição, Campinas, SP. Pontes Editores, 2016.

KLEIMAN, Â. Projetos dentro de projetos: ensino-aprendizagem da escrita na formação de professores de nível universitário e de outros agentes de letramento. **Scripta**. Belo Horizonte, v. 13, n. 24, 2009.

KOCH, I. V., ELIAS, V. M. **Ler e Compreender: os sentidos do texto**. 3. ed., 14ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2021.

MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. 3. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

MARQUEZI, L. **Literatura Surda**: O processo da tradução etranscrição em *Signwriting*. Dissertação (Mestrado em Estudo de Tradução). UFSC, Florianópolis, 2018. Disponível em :  
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/210366/PGET0405-D.pdf?sequence=-1&isAllowed=y> Acesso em: 20 abr 2023.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTINS, M.H. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

MINAYO, M. S. (Org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

MONTEIRO, M. S. **História dos movimentos dos surdos e o reconhecimento da Libras no Brasil**. ETD - Educação Temática Digital, 7(2), 295-305, jun. 2006 – ISSN: 1676-2592. Disponível em <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101789>. Acesso em 25 abr 2023

MORI, N. N. R.; SANDER, R. E. **História da Educação dos Surdos no Brasil**. Seminário de Pesquisa PPE, Universidade Estadual de Maringá, PR, 2015.

NASCENTE, A. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Editora Acadêmica, 1955.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de pesquisa e estudos linguísticos**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2019.

PEDROSA, G. P.; AZEVEDO, M. M. F. Ensino da Escrita de Sinais na Educação de Surdos para Valorização da Libras como L1. **Conedu - VI Congresso Nacional Educação**, 2019. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2019/ebook2/PROPOSTA\\_EV127\\_MD4\\_ID12077\\_01102019175429.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2019/ebook2/PROPOSTA_EV127_MD4_ID12077_01102019175429.pdf). Acesso em: 11abr 2023.

PEREIRA, M. C.; KARNOPP, L. B. Leitura e Surdez. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 165-177, 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14063/9330> Acesso em: 15 mai 2023.

QUADROS, R. M. **Libras**. 1. ed. -São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. **Um capítulo da história do Signwriting**. 1999. Disponível em <https://www.signwriting.org/library/history/hist010.html> Acesso em: 14 mai 2023.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto alegre: Artmed, 2004.

RIBEIRO, S. S. **Escrita de Sinais na Educação do Aluno Surdo**. Curitiba: Instituto Memória. Centro de Estudos da Contemporaneidade, 2016.

SANTIAGO, V. A. A.; ANDRADE, C. E. **Surdez e sociedade: Questões sobre conforto linguístico e participação social**. Libras em Estudo: Política Linguística, FENEIS-SP, 2013.

SCMITT, D. Espaço de conforto linguístico/cultural dos surdos na UFSC. In: QUADROS, R. M. (org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, p 98-123, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho Científico [livro eletrônico]**. São Paulo Cortez, 2013.

SILVA, F. **Analisando o processo de leitura de uma possível escrita da língua brasileira de sinais: SignWriting**. Dissertação (Mestrado em Educação). UFSC, Florianópolis, 2009.

SILVA, V. R.; BARBOSA, G. O.; STUMPF, M. R. A Compreensão da Leitura de SignWriting por Alunos Surdos. **Revista Ecos**. vol.24, Ano 15, nº 01, 2018.

SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; LIMA, I. Q. A disciplina Escrita de Sinais nos cursos de Letras Libras. **Revista Arqueiro**, INES, Rio de Janeiro, v. 39, 2019.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

STUMPF, M. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo Sistema Signwriting**: Línguas de Sinais no papel e no computador. Tese (Doutorado em Informática na Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SUTTON, V. **A Collection Of Classical Ballet Variations**: Written in SUTTON/DANCE/WRITING.1983. Disponível em: [https://www.dancewriting.org/archive/dw0018\\_DanceWriting\\_SheetDance\\_Collection\\_Ballet\\_Variations\\_1983.pdf](https://www.dancewriting.org/archive/dw0018_DanceWriting_SheetDance_Collection_Ballet_Variations_1983.pdf) . Acesso em: 14 ago 2022.

SUTTON, V. A. **SignWriting**: Manual. 1996. [online]. Disponível em: [www.signwriting.org](http://www.signwriting.org) Acesso em: 10 ago 2022.

SUTTON, V. **History of SignWriting: chapter 2 – SignWriting early years in Denmark (1974-1978)**. La Jolla: Deaf Action Commitee for SignWriting, 1998a. Disponível em <https://www.signwriting.org/library/history/hist003.html> . Acesso em 12 ago 2022.

SUTTON, V. Researcher's resources SignWriting. In: **Sign Language & Linguistics** 2(2), Amsterdam: John Benjamin, 1999a. Disponível em <https://www.signwriting.org/archive/docs1/sw0014-Research-Resource.pdf> Acesso em: 14 ago 2022.

SUTTON, V. **Princípios de organização do SignPuddle**. Por Stephen E. Slevinski, Jr. Desenvolvedor de software de SignPuddle, SWIS e Wikipédias de linguagem de sinais. Biografia. 2016. Disponível em [https://www.signwriting.org/symposium/archive/sws0011\\_Author\\_Bio\\_Stephen\\_Slevinski.pdf](https://www.signwriting.org/symposium/archive/sws0011_Author_Bio_Stephen_Slevinski.pdf)>. Acesso, 23JUN23

TERRA, E. **Práticas de leitura**. São Paulo: Saraiva Educação, 2019.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VARGAS, S. **Leitura**: uma Aprendizagem de Prazer. Rio de Janeiro, RJ: Alta Books, 2021

VIEIRA, M. M. F. V. **A comparative study on quality management in the brazilian and the Scottish prison service**. 1996. Tese [Doutorado PhD on Business Studies]. Scotland, University of Edinburg, Edimburgo, 1996.

WANDERLEY, D. C. **A Classificação dos verbos com concordância da Língua Brasileira de Sinais**: uma análise a partir do SignWriting. Tese (Doutorado em Linguística). UFSC, Florianópolis, 2017.

WANDERLEY, D. C. **A leitura e Escrita de Sinais de forma processual e lúdica.** Curitiba: Editora Prismas, 2015.

## ANEXO A



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO**  
**DEPARTAMENTO DE LIBRAS**  
 CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINGADE  
 CEP 88040-900 - FLORIANÓPOLIS / SC  
 TELEFONE +55 (48) 3721-4639  
 lsbl@contato.ufsc.br

### DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

Declaramos ter ciência e estar de acordo com o projeto de pesquisa intitulado **TEXTOS ESCRITOS EM LIBRAS (SignWriting): CONHECIMENTOS E COMPREENSÃO DE LEITORES SURDOS** – que está subordinado às Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/2012 - sob condução do doutorando **José Sinésio Tôres Gonçalves Filho** e orientação da **Profª Drª Marianne Rossi Stumpf**, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística desta Instituição de Ensino Superior, cujo objetivo principal é compreender o processo de leitura e de produção de sentido de textos escritos em Libras por leitores surdos.

Informamos que a pesquisa será realizada com 8 surdos graduados em Letras Libras que usem a escrita de sinais a acima de cinco anos. A demais, fica acordado que a participação dos sujeitos envolvidos no estudo será voluntária, sob o compromisso formal de preservar as identidades dos colaboradores, mantendo-as em sigilo. A adesão dos participantes do estudo deverá ser formalizada mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme normativas éticas para pesquisa que envolvam a participação de seres humanos.

Declaramos, ainda, que esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa para ela recrutados.

Ressaltamos que a validade desta autorização está condicionada ao parecer final do Comitê de Ética da instituição proponente, sendo revogada caso o parecer seja desfavorável.

Florianópolis, 29 de junho de 2021



Documento assinado digitalmente  
 Deonísio Schmit  
 Data: 29/06/2021 18:31:28-0300  
 CPF: 058.218.389-80  
 Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

**Prof. Dr. Deonísio Schmit**  
 Chefe do Departamento de Libras

**José Sinésio Tôres Gonçalves Filho**  
 Doutorando



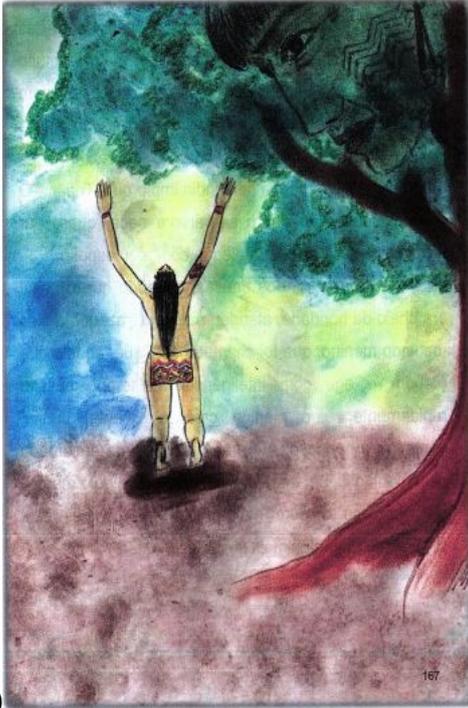
Documento assinado digitalmente  
 Marianne Rossi Stumpf  
 Data: 29/06/2021 10:55:50-0300  
 CPF: 629.642.669-43  
 Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

**Prof.ª Dr.ª Marianne Rossi Stumpf**  
 Orientadora

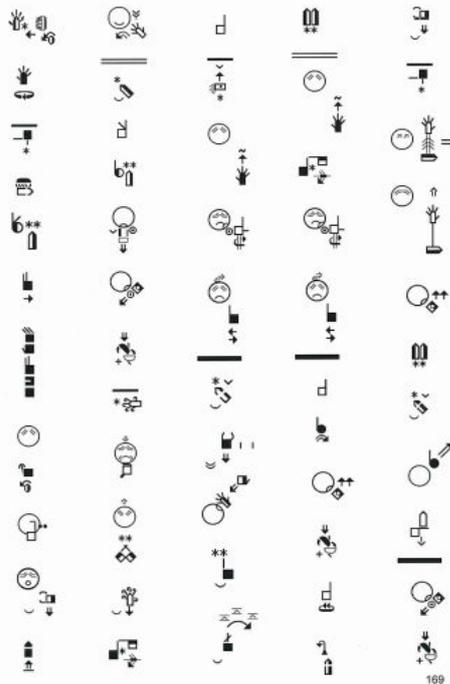
**ANEXO B – A Lenda do Guaraná, do livro “Onze histórias e um segredo: desvendando as lendas amazônicas”(SALES, 2016).**

**A LENDA DO GUARANÁ**

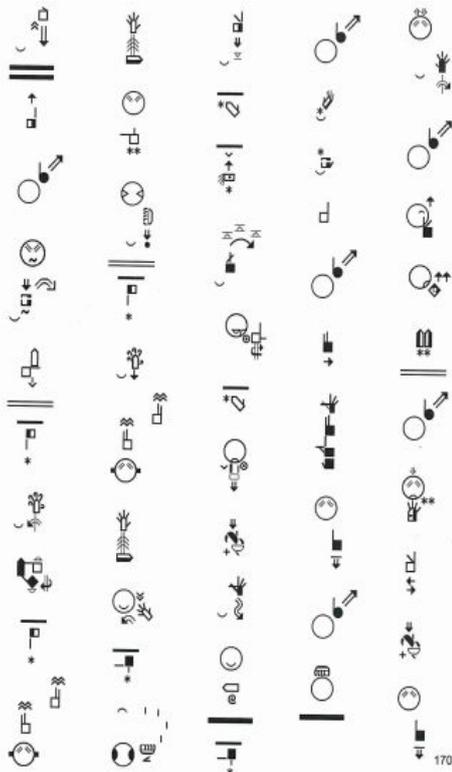
Eduardo de Souza Melo



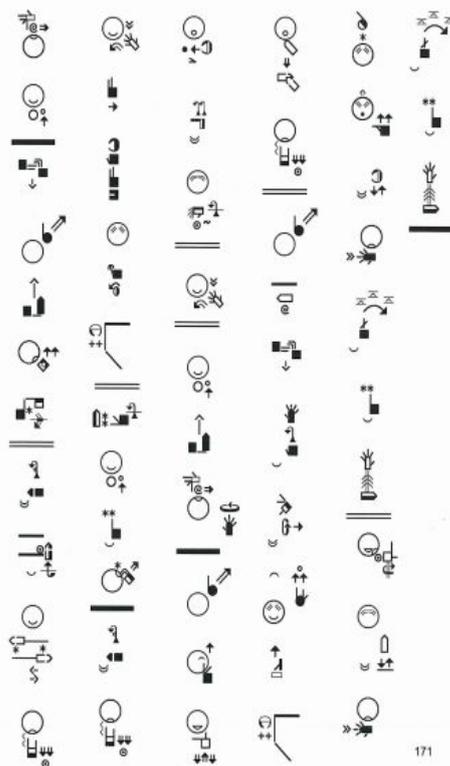
1)



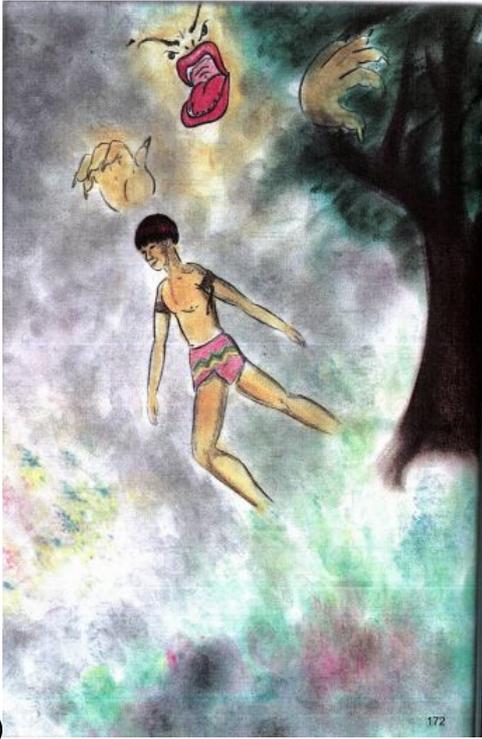
2)



3)

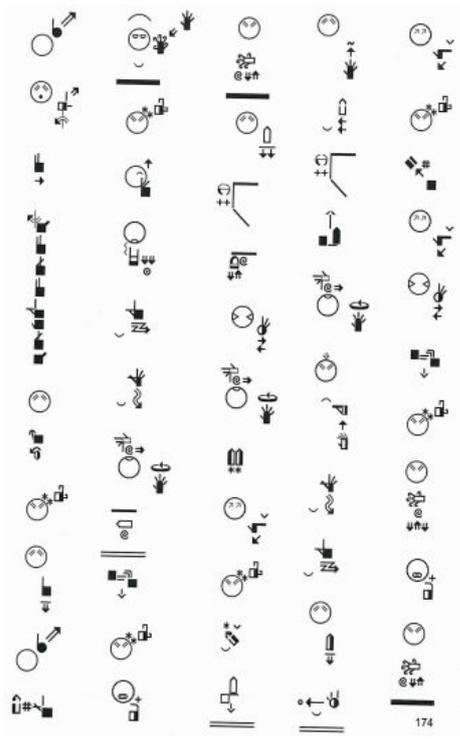


4)



5)

172



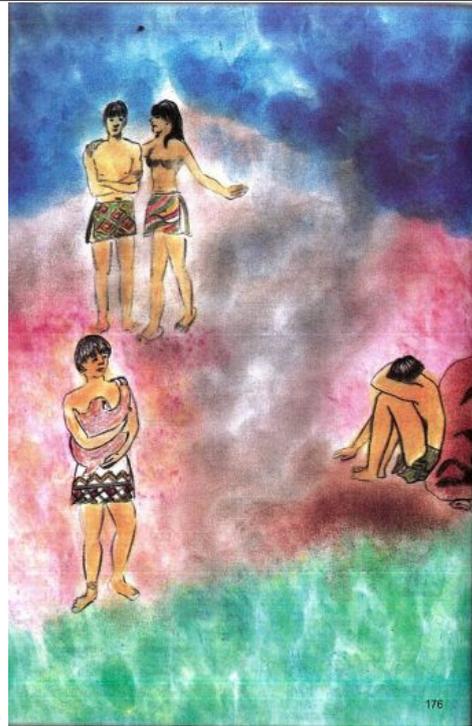
6)

174



7)

175



8)

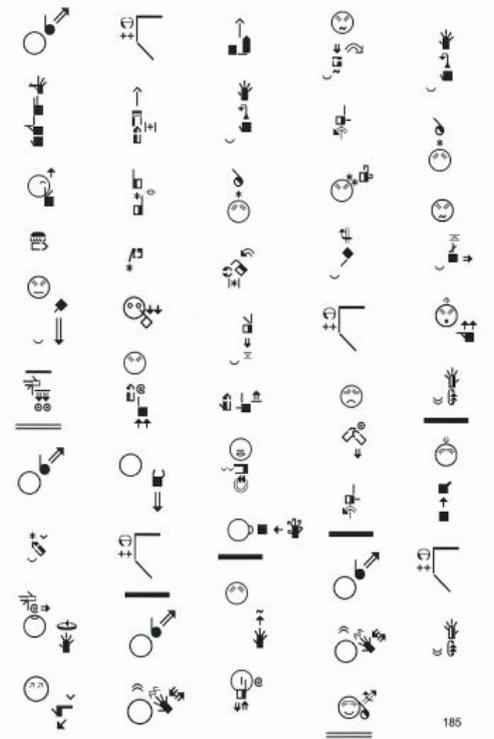
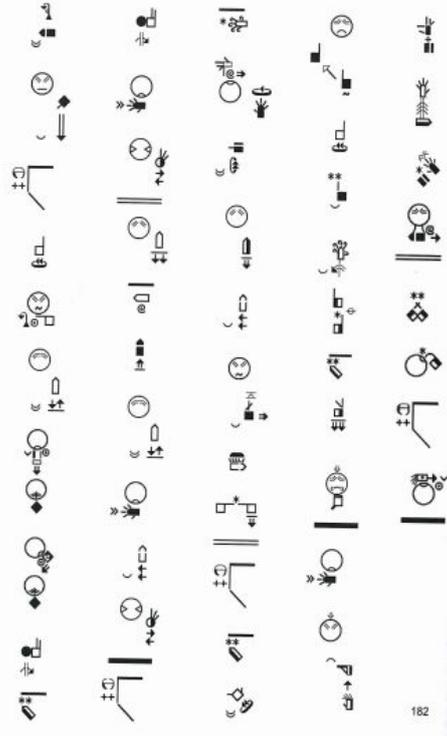
176





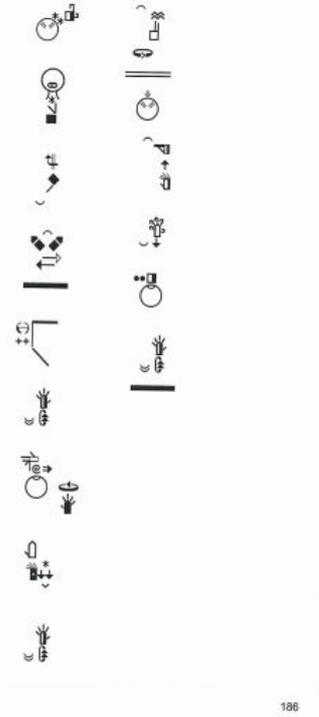
13)

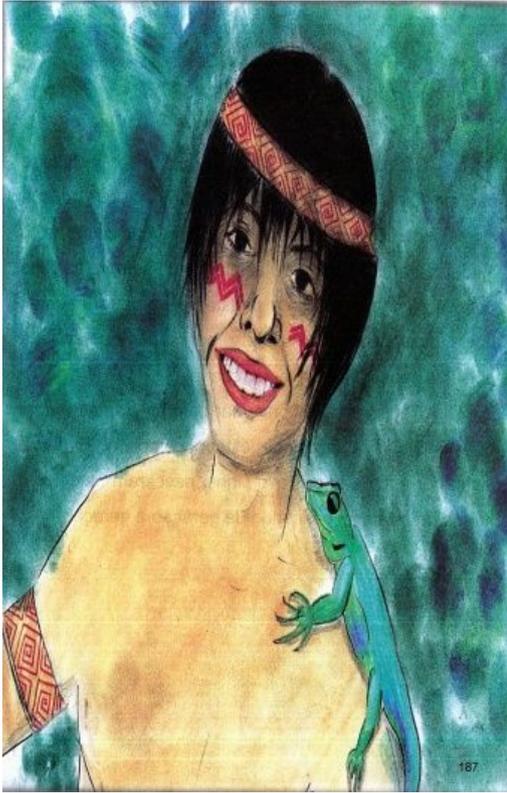
14)



15)

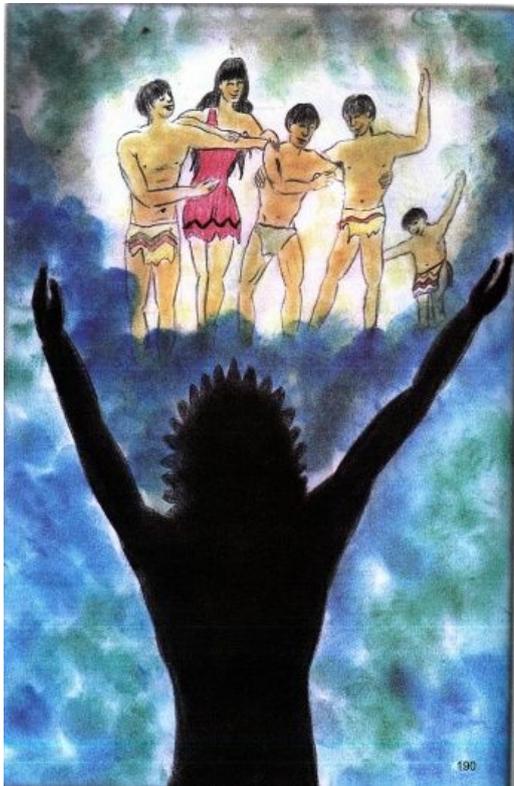
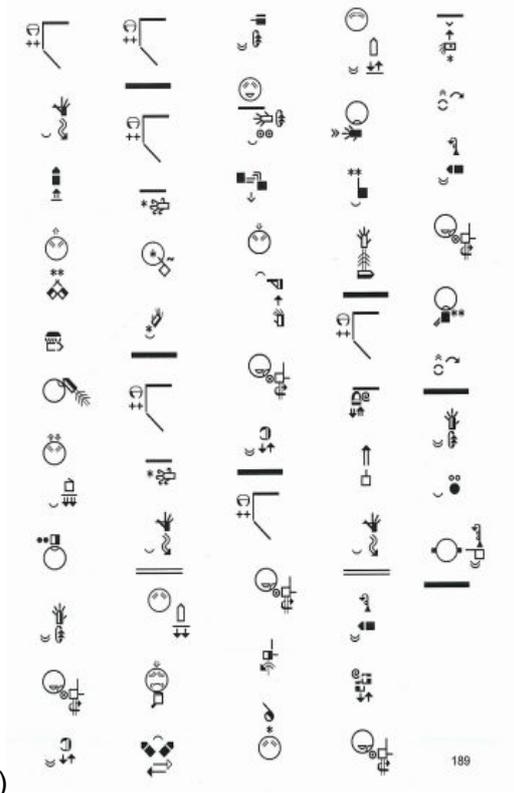
16)





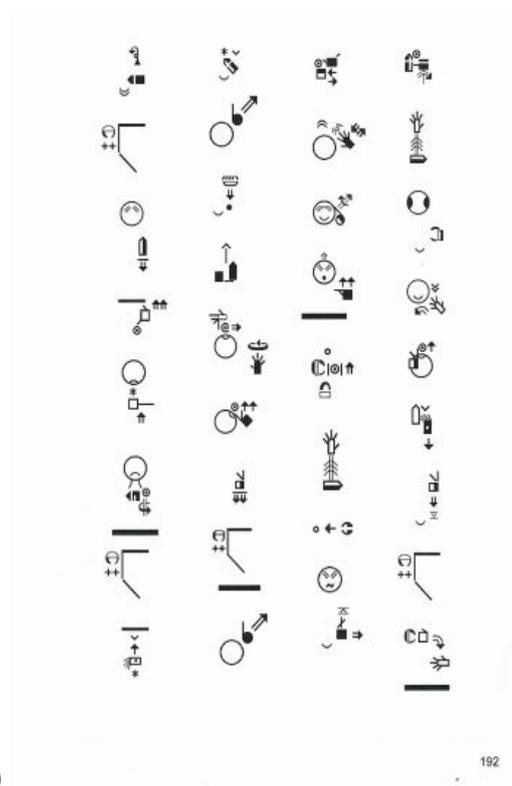
17)

18)



19)

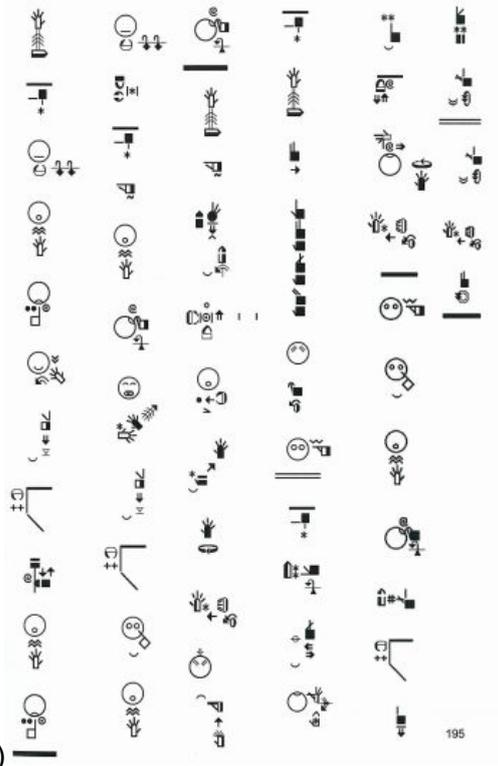
20)





21)

193



22)

195

## APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL/UFSC  
Aluno: José Sinésio Tôrres Gonçalves Filho

Orientadora: Profa. Dra. Marianne Rossi Stumpf

Co-Orientador: Prof. Dr. Alexandre Melo de Sousa

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARICO

**Título do Projeto:** TEXTOS ESCRITOS EM LIBRAS (*SignWriting*): CONHECIMENTO E COMPREENSÃO DE LEITORES SURDOS

Nós, **JOSÉ SINÉSIO TÔRRES GONÇALVES FILHO** e **MARIANNE ROSSI STUMPF**, gostaríamos de contar com sua participação voluntária, **[INSERIR NOME DO PARTICIPANTE VOLUNTÁRIO]**, em nossa pesquisa intitulada: Textos escritos em Libras (*SignWriting*): conhecimento e compreensão de leitores surdos.

#### **Local da Pesquisa:**

Instituição proponente: Universidade Federal de Santa Catarina/Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UFSC)

Pesquisadores: José Sinésio Tôrres Gonçalves Filho – Acadêmico pesquisador;

Marianne Rossi Stumpf – Professora pesquisadora.

**Resolução:** A pesquisa atende todas as especificações da Resolução 466/2012.

**Objetivo:** O estudo visa a analisar aspectos da compreensão e dos conhecimentos de surdos leitores de textos escritos em Libras (*SignWriting*). Assim, o objetivo primário é: compreender o processo de leitura e de produção de sentido de textos escritos em Libras por leitores surdos.

**Procedimentos:** Os dados serão coletados por meio de questionário, de aplicação de atividades de leitura de textos escritos em Libras e de entrevista semi-estruturada. A análise dos dados será realizada a partir das concepções de escrita de sinais (*SignWriting*) e da leitura e compreensão de textos escritos, sob a perspectiva interacionista da linguagem.

**Riscos e desconfortos:** A interação com os participantes da pesquisa ocorrerá em salas virtuais (Google Meet, Zoom ou outro aplicativo) após adesão de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) entre o pesquisador e os participantes. O contato virtual será gravado via recurso de gravação do próprio aplicativo e os arquivos de vídeo gravados serão armazenados em forma física (computador e/ou notebook) bem como em banco de dados virtuais vinculado ao e-mail do pesquisador (Google Drive). Os riscos de invasão a

banco de dados virtuais serão minimizados com o uso de firewall, antivírus/antispyware e senha de acesso a e-mail e ao computador/notebook. Os vídeos gravados durante a interação em sala virtual do pesquisador com os surdos os participantes serão utilizados para descrição e análise dos dados. A imagem e o nome dos participantes serão preservados de publicidade acadêmica. Considerando a natureza viso-espaco-motora da Libras e a possibilidade que alguma expressão linguística seja expressa por meio da escrita de sinais ou de desenhos representativos da sinalização dos participantes, destaco que se houver a necessidade de produção de desenhos a partir de trechos das gravações, o profissional que tiver acesso às gravações assinará termo de sigilo e confidencialidade.

**Benefícios:** A pesquisa não trará benefícios diretos aos participantes voluntários. O estudo contribuirá em uma perspectiva teórico-empíricas para a área dos estudos linguísticos da Libras.

**Voluntariedade/Direito a desistência:** participarão do estudo leitores surdos competentes na leitura de textos escritos em Libras. A qualquer momento, caso você mude a sua opinião e deseje retirar o seu consentimento e interromper a sua participação na pesquisa, basta entrar em contato com os pesquisadores que os dados não serão mais utilizados. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade e ainda não haverá qualquer prejuízo nas atividades laborais em virtude da desistência.

**Custos, compensação financeira e ressarcimento:** A participação na pesquisa não prevê nenhum tipo de pagamento e o participante não terá nenhum custo relativo aos procedimentos envolvidos. É assegurado o ressarcimento, por parte dos pesquisadores, de todos os gastos que o participante e seu(s) acompanhante(s) ao participarem da pesquisa.

**Direito à indenização:** É assegurado direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Em caso de prejuízo material ou imaterial, em decorrência da pesquisa, poderá ser solicitado indenização, de acordo com a legislação vigente e amplamente circunstanciada.

**Rubrica, assinatura e número de vias:** Este termo de consentimento encontra-se em formato digital e será compartilhado entre os dois pesquisadores e o participante voluntário da pesquisa, via e-mail. A assinatura será por meio digital (via impressão, assinatura e escaneamento do documento ou inserção da assinatura digitalizada ou assinatura eletrônica).

Eu, \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos e procedimentos da pesquisa de maneira clara e detalhada. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar. Nessas condições, declaro que concordo em participar. Recebi uma via por e-mail deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Florianópolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) participante voluntário(a)

\_\_\_\_\_  
Assinatura da Professora pesquisadora

Assinatura do acadêmico pesquisador